1908

Gazeta dos Caminhos de Ferro

1958

CINQUENTENÁRIO
DO CAMINHO DE FERRO
DO VALE DO VOUGA

Nº 1704

16 de DEZEMBRO de 1958

O CAMINHO DE FERRO
VENCE A DISTÂNCIA

BENZO-DIACOL
VENCE A TOSSE

Gazeta dos Caminhos de Ferro

COMÉRCIO E TRANSPORTES — ECONOMIA E FINANÇAS — ELECTRICIDADE E TELEFONIA — OBRAS PÚBLICAS — NAVEGAÇÃO E AVIAÇÃO — AGRICULTURA E MINAS — ENGENHARIA — INDÚSTRIA E TURISMO

Fundada em 1888 por L. DE MENDONÇA E COSTA

Director, Editor e Proprietário: CARLOS D'ORNELLAS

Redacção, Administração e Oficinas: Rua da Horta Seca, 7, 1.º — LISBOA-2 — Telefone: P B X 2 0158 Direcção: 2 7520

Premiada nas Exposições: GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898. — MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; Porto, 1897 e 1934 Liège, 1905; Rio de Janeiro, 1908. — MEDALHAS DE BRONZE: Antuérpia, 1894; S. Luiz, Estados Unidos, 1904

1704

16 — DEZEMBRO — 1958

ANO LXXI

Assinaturas:

Portugal e Brasil 30$00 (semestre)

Ultramar 80$00 (ano)

Estrangeiro £ 1.5.0

Número avulso 5$00

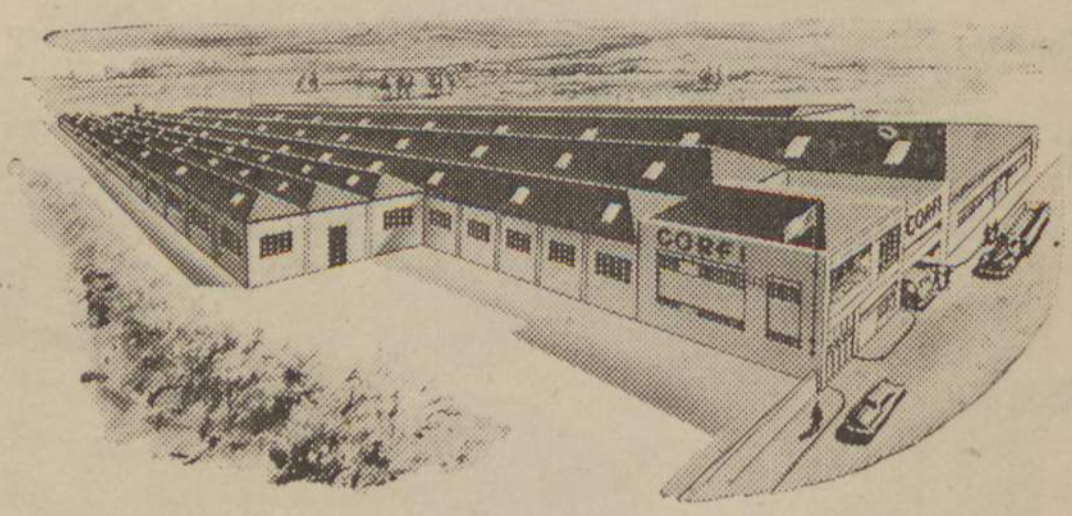
REVISTA QUINZENAL

Fábrica Mecânica de Cordoaria

CORFI

TEL. 194-195 (P. B. X.)

TELEGRAMAS: CORFI



Cordas e Cabos de Sisal para Agricultura, Pesca e Navegação.

Fios Comerciais e Agrícolas (Especialidade em Baler e Binder Twine).

Redes e Fios de Pesca.

Manuel de Oliveira Violas

Silvalde-ESPINHO

— A maior Fábrica Portuguesa de Cordas e Fios de Sisal. (cerca de 16 000 m² de área coberta).

— Uma das Indústrias Europeias do seu género mais modernamente equipada e uma das de maior reputação mundial pela excelência dos seus produtos e pela elevada técnica aplicada na sua manufactura, inspecção, acabamento e embalagem.

FERNANDO LAGO & C.ª

Grande Hotel de Espinho

Rua Dezanove · Espinho-Portugal

Telefone 2

Preços módicos para famílias

e

Permanentes

Primoroso serviço de mesa

Sala de Jantar própria para Banquetes

Café-Restaurante

Costa-Verde

O melhor das Praias Portuguesas

Serviço de Banquetes

Portos de Honra

Pratos Regionais

Espinho **Telefone 1-4-3**

Grande Casino de Espinho

Salão Nobre,
«Bar», Restaurante
e «Dancing»

A 18 quilómetros do Porto

ABERTO DE 1 DE JUNHO
A 30 DE NOVEMBRO

ZONA DE JOGO
E TURISMO

Manuel de Sá Alves

Telefone, 271 — ESPINHO

FÁBRICA DE BOTÕES

Artigos Utilitários, Religiosos, Brinquedos, Bijouterias e Botões de Coroso, Madrepérola e Plástico, (tipo camiseiro, fantasia e colarinho) Botões de Ureia marca S. A.

ANTA-ESPINHO
(PORTUGAL)

Estima, Valente & C.ª, L.da

Casa fundada em 1920

FÁBRICA A VAPOR DE
SERRAÇÃO E CAIXOTARIA

//

Especialidade em caixas **Aplainadas** *para embalagem de figo e* **marcadas**

//

Telef. 28 — Teleg. ESTIVALENTE

ESPINHO

Teatro S. Pedro

Telefone 73 — Espinho

Equipado com:
Cinemascope e Vistavision

Um cinema de Categoria para bem servir o Público

Casa N.ª S.ª do Sameiro

Fabrico especial em bolos e doces regionais
Especialidade em pão podre e bolos de S. Bernardo
Pão de ló de 1.ª e 2.ª qualidade. — Sortido especial para a época da Páscoa. — Doces finos, com ovos recebidos da região e fina manteiga recebida diàriamente

CASTRO & NATÁRIO, LDA.
(Sucessores de Joaquim de Sá Couto)
António Oliveira Natário

Rua 14, 747 Telefone 170 ESPINHO

Pensão Restaurante Demétrio

Espinho — Telefone 98
1.ª CLASSE

A única situada na esplanada, tendo os seus quartos vista de praia e mar

Restaurante independente
Com pratos Regionais

Colégio de S. Luís

PRAIA DE ESPINHO Telefone 60

Internato e Externato para **Rapazes**
Externato — 3.º ciclo — para **Meninas**

ENSINO LICEAL:
1.º e 2.º ciclos — para **Rapazes.** 3.º ciclo, 6.º e 7.º de Letras e Ciências — para **Meninas** e **Rapazes** (Curso Mixto)

ENSINO TÉCNICO:
Ciclo Preparatório (Industrial e Comercial)
Curso Geral do Comércio.

Instrução Primária e Admissão aos Liceus e Escolas Comerciais

Fábrica Progresso

Manuel Francisco da Silva & C.ª, Limitada

Toda a qualidade de produtos fabricados nas suas secções de:

Esmaltagem — Alumínios — Fundição — Serralharia mecânica e civil — Metalização — Cofres — Fogões e máquinas agrícolas

Telegramas: **Fábrica Progresso — Telefone, 27**

ESPINHO

Torrefacção «LINO»

FUNDADA EM 1900

Raul Bergamin de Noronha

Torrefacção e Moagem eléctrica de Café, Chicória e Cevada
Distribuidor da autêntica Cevada Egipto em pacotes de 250 gramas
A MELHOR ENTRE AS MELHORES

DEPOSITÁRIO DA **ÁGUA DO VIMEIRO**

Rua 16-Angulo da Rua 1 Telef. 347 ESPINHO

Grande Pensão Particular

QUARTOS COM ÁGUA CORRENTE
CHAMBRES AVEC D'EAU COURANTE
ROOMS WITH FLOWING WATER

ENGLISH SPOKEN ON PARLE FRANÇAIS

BAR RESTAURANTE

Ótimo serviço de mesa
Especializada em banquetes

Telef. 17 ESPINHO Portugal

MANUEL P. FONTES

Sócio fundador da ex-firma Pinto & Fontes, Sucr., Lda.

FÁBRICA DE TAPEÇARIAS
IMPORT — EXPORT.

Tapetes — Carpetes — Passadeiras — Capachos

Telefone 444-Espinho — Apartado 65
End. Telegráfico FONTES

Marinha-SILVALDE ESPINHO

NÉRY
CERVEJARIA E CAFÉ
PROPRIETÁRIO:
FERNANDO NÉRY ALVES FERREIRA NETO
Avenida 8 n.º 604 Telefone, 549 ESPINHO

FÁBRICA DE BOTÕES
Pinho & Jorges, L.da
Rua 35 — ESPINHO Telefone n.º 80

Arminda Fernandes de Amorim
Armazém de vinhos e seus derivados
V.a de Henrique Balôna
Ruas 18 e 33 Telefone, 69 ESPINHO

Fábrica Metalúrgica de Louça de Alumínio
e Anodização do Alumínio
Alexandre Ribeiro de Matos
Lugar da Estrada—Telefone, 121 — Anta — ESPINHO

PENSÃO LUSO-IMPÉRIO (Junto ao Casino) TELEFONE 294
PENSÃO DO PORTO (Junto ao Teatro S. Pedro) TELEFONE 391
ESPINHO
Proprietário: MANUEL VENTURA

ANTÓNIO DE ARAÚJO CASTRO
ORNAMENTISTA
Encarrega-se de Ornamentações e Iluminações Eléctricas para Festas. Amplificações Sonoras para todos os fins mesmo que não haja luz eléctrica
Variados e Recentes Programas de Discos
Monte Lírio — Ponte de Anta — ESPINHO
TELEFONE 224

Alberto de Oliveira Resende
Armazém de Mercearias
CEREAIS, FARINHAS, SÊMEAS E GORDURAS
REFRIGERANTES
Armazém e Escritório: Rua 23 n.º 451 — Telef. 157 — Apartado, 24
Agente da Companhia de Seguros «Confiança» e Depositário das Águas Castelo
ESPINHO

Tipografia PROGRESSO
FUNDADA EM 1909
ANTÓNIO GUETIM
Execução rápida e perfeita de todos os trabalhos tipográficos
Impressos para o Comércio e Indústria, Jornais, Revistas, Reclames
Rua 20 N.º 361 — Telef. 125 ESPINHO

Quintas, Faria & Bernardes, Limitada
Armazenistas de Mercearias, Cereais, Farinhas e Gorduras
Agentes em Espinho da Companhia Produtora de Malte e Cerveja Portugália Sagres (Export-Beer) Preta (Munich) — Águia Real
PRODUTOS SCHWEPPES
Rua 16 e 25 — Apartado, 38 — Telefone, 190 — ESPINHO

CASA DE MÓVEIS
DE
António Joaquim de Oliveira Rachão
Rua 26 n.º 587
Telefone 378 ESPINHO

Mário Fortuna Couto
ARMAZÉM DE MERCEARIA
Por junto e a retalho — Azeites, Farinhas e Cereais
DEPÓSITO DE AÇUCAR, TOUCINHO E GORDURAS
RUA 9 N.º 433 A 447 — TELEFONE, 305 — ESPINHO

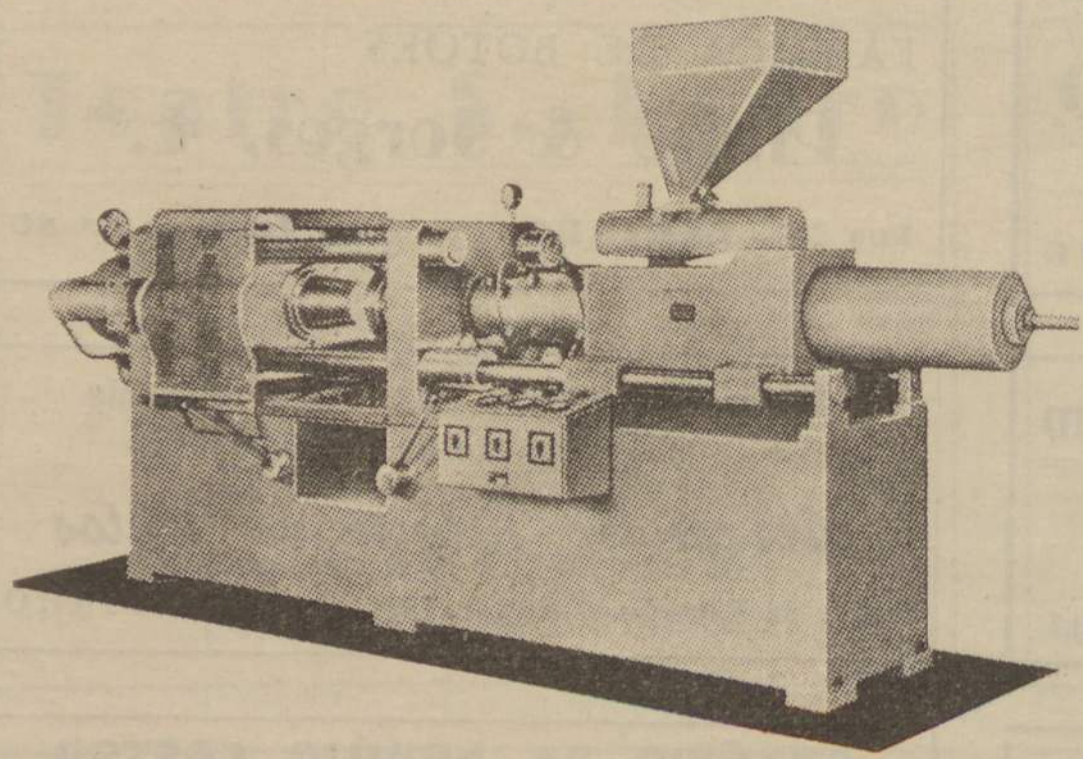
Prefira, indique e aconselhe a
Ourivesaria da Praça
(Viúva de Manuel Correia de Oliveira)
Angulo das Ruas 18 e 23 ESPINHO
Telefone: 310

RÁDIO ELECTRO-BOBINAGEM
REPARAÇÕES DE RÁDIOS — Instalações de luz e força motriz
MONTAGENS EM ALTA TENSÃO
Bobinagens em Motores, Dínamos, etc.
Joaquim Soares de Oliveira
OFICINA: Rua 18 n.º 776 RESIDÊNCIA: Rua 4 n.º 822
TELEFONE, 283 — ESPINHO

CONVITE
Ao passar por Espinho visite a
CASA MEIRELES
ONDE SE COME BEM E BARATO
situada no ângulo das ruas 4 e 21 (junto à praia)
com o telefone 482
Não deixe de a visitar!...

CASA DAS ALDEIAS
ARMAZENISTA E IMPORTADOR
António Teixeira D'Almeida
Ferro, Aço e Carvão — FERRAGENS AGRÍCOLAS
FIBROCIMENTO NOVINCO AGÊNCIA
Tubos e Acessórios — SEMENTES ESTRANGEIRAS
Rua 18 n.os 808 a 818 — Apartado 32 — Telef. 174 PPC — ESPINHO

MARMORARIA ARTÍSTICA
Oficina Mecânica fundada em 1897
Execução de todos os trabalhos em Mármore
Polimentos Mecânicos—Trabalhos de Escultura
ADRIANO PEREIRA LOPES
INDUSTRIAL DE MÁRMORES
Rua 7 n.º 561 Telefone 565 ESPINHO



Fernando Carneiro

Máquinas e moldes para
a indústria de plásticos

Agente geral para Portugal e Ultramar das máquinas de injecção para plásticos de fabrico alemão KRAUSS

RUA 16 — TELEFONE 299
ESPINHO

Duarte & C.ª

Armazenistas de mercearia

Secção de vendas ao público

Rua 19 Telefone 16 ESPINHO

AMORIM, COELHO, LDA.

Fábrica Mecânica de:

Escovas, Vassouras, Pincéis, Brochas e Artigos Congéneres

Armazém de:

Piaçaba, Fibras, Cerdas e Crinas

Rua 30 n.º 796 — ESPINHO
(PORTUGAL)

Telefone: 420 *Apartado* 58

Colégio de N.ª S.ª da Conceição

(ALVARÁ N.º 128)

Para educação de meninas. Cursos primário, Comercial e Liceal

Preparação para admissão
a Universidades e institutos

Telef. 303 — ESPINHO

TIPOGRAFIA COMERCIAL

RUA 20-723 ESPINHO Telefone: 208

PAPELARIA
ENCADERNAÇÃO
CARIMBOS

VINHOS DE PASTO

União Vinícola Abastecedora, L.da

U. V. A.

FABRICO DE VINAGRE E AGUARDENTE VÍNICA

PORTO: Rua da Estação, 103 Telefone, 51287
GAIA: Rua Barão do Corvo, 401 Telefone, 710400
RÉGUA, Rua dos Camilos, 142 — Telefone, 190
TORRES VEDRAS: Rua Brigadeiro Miranda Falha, 26 a 30 — Telefone, 159
ESPINHO: Avenida 24 n.º 425 — Telefone, 178

EXPORTAÇÃO

HÉRCULES

FÁBRICA DE PLÁSTICOS

Injecção - Compressão - Extrusão - Vácuo - Alta frequência

AFONSO HENRIQUES
ESPINHO

Endereço telegráfico «HERCULES» Apartado 40 — Telefone, 144

SUCESSIVAS NOVIDADES EM ARTIGOS:

Religiosos — Religiosos com música — Utilidades — Menage
Embalagens — Brinquedos — Brinquedos com música
Brinquedos com corda

FÁBRICA ÁGUIA — Pedro da Costa Monteiro

Telefone, 12-Paramos * *Telegramas: ÁGUIA-Silvalde-Espinho* * *APARTADO, 42*

ESPECIALIDADE EM CAPACHOS PARA AUTOMÓVEIS

SILVALDE — ESPINHO

LUSO CELULOIDE
DE
HENRIQUES & IRMÃO, L.DA
TELEF. 70 — TELEG. CELULOIDE
APARTADO 22
ESPINHO

FÁBRICA DE ARTIGOS DE CELULOIDE, BIJOUTERIAS E PLÁSTICOS

ERNESTO PEREIRA DE OLIVEIRA
Móveis, Estofos e Decorações
Papelaria, Livraria, Lotaria, etc.
Rua 19 Telefone 93 ESPINHO

Pensão - Restaurante PALMEIRA
De *Manel Pereira Pimenta Júnior*
ALMOÇOS E JANTARES A PREÇOS MÓDICOS
ÓPTIMOS QUARTOS COM ÁGUA CORRENTE
Rua 16 N.º 610 Telefone 472 ESPINHO

ONDINA FÁBRICA DE BOTÕES
Manuel Francisco Teixeira
Botões de Madre Pérola, Nacre do Oriente, Coroso, Galalite, Osso, Metal, de Punho e Fivelas
Rua 16 n.º 1200 - Telefone: 500 ESPINHO-Portugal

TIPOGRAFIA ESPINHENSE
BENJAMIM DA COSTA DIAS
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS
JORNAIS, REVISTAS, LIVROS E ENCADERNAÇÕES
Rua 14 n.º 1070 (Ângulo da Rua 33) Telefone 187
ESPINHO

CONFEITARIA CENTRAL
Confeitaria, Mercearia fina e frutas
DE **DORINDA PEREIRA**
Telefone 184 — ESPINHO
Fabrico de Pastelaria — Especialidade em Pastéis de Santa Luzia
Salão de Chá — Armazém de Frutas — Vendas por junto e a retalho

---

Ferreira Alves, Lda.
CASA FUNDADA EM 1900
Armazenistas de Vinhos, Azeites, Cereais e Mercearias
Telefone, 7-Esp.—Apartado n.º 18
Agentes da LEGAL & GENERAL e C.ª de Seguros O TRABALHO
CORRESPONDENTES BANCÁRIOS ESPINHO

CADINHA & COUTO
Cereais — Mercearias — Azeites
ARMAZENISTAS
ESPINHO Rua 18, N.º 739 — Telefone 52

A CAFEZEIRA
Víveres e Torrefacção de Café—Vendas por junto e a retalho
Rua 19 n.º 294 — ESPINHO Telefone 75

PÉROLA DA CHINA
Mário da Costa Valente
Neste estabelecimento encontra-se especialidade em mercearia fina, chá, café, bolachas, chocolates, caramelos nacionais e estrangeiros, assim como vinhos finos, cervejas e águas minerais
Rua 62 N.º 287 ESPINHO Rua 16 N.º 326
TELEFONE 226

Execução de todos os trabalhos tipográficos

Telefones: 415 / 408 p. f.
Rua 8 n.º 1035—ESPINHO

CAFÉ MODERNO
DELICIA A QUEM O SABOREIA
Telef. 23 ESPINHO

Telef. 326
SEBASTIÃO
ESPINHO
ALTA SAPATARIA
LANIFÍCIOS
CHAPÉUS

GAZCIDLA
Uma chama viva onde quer que viva
Agentes distribuidores:
DIAS & IRMÃO, LDA.
Rua 8, n.º 583 ESPINHO

Pensão FLOR DE ESPINHO
RUA 19 — TELEF. 397
DAS MAIS ANTIGAS DE ESPINHO—COMPLETAMENTE REMODELADA—ÁGUA QUENTE E FRIA NOS QUARTOS—COZINHA Á PORTUGUESA—ALMOÇOS E JANTARES—SERVIÇO Á LISTA—BONS VINHOS DE MARCA. — ASSEIO — COMODIDADE

Café Cristal
Telefone 366 —— ESPINHO
RESTAURANTE
Serviço à lista – Pratos regionais
Preços especiais para excursionistas

ESPINHO
Um bom Café à Chávena, pode saboreá-lo no CAFÉ GIL — Rua 19 – Telefone, 306 e CAFÉ LUGIL — Avenida 8 — Telef. 215, acompanhado com a **Velha 1920**

Grande Garagem de Espinho
Estação de serviço especializada Shell
Clemente Silvestre Rodrigues Sabença
Gasolina, Gasóleo, Óleos, Valvulinas, Massas, Acessórios, Recolhas, Vulcanização
Oficina de reparações de automóveis e motores industriais
Rua 62 N.º 384 ESPINHO Telefone 552

«ALICERCE»
Empresa de Construção Civil de Espinho, Lda.
GERENTE TÉCNICO:
ANTÓNIO CATARINO DA FONSECA — Construtor Civil
Rua 22 — ESPINHO — Telefone, 139

Confeitaria **"PONTO CHIC"**
Primorosas Instalações adequadas
Doce fino e Bolos Regionais, Fogaças e «Lanches de Vila Real», Pastelaria Húngara e variada
Vinhos de mesa e Vinhos do Porto de marcas escolhidas
Rua 8, n.º 569 Telefone 189 ESPINHO

Mobílias TODOS OS ESTILOS TODOS OS PREÇOS
FÁBRICA DE MÓVEIS *REIS*
Telefone, 48 ESPINHO

PAULA & C.ª
Representantes: Fibrocimento, Cimianto, Cerâmica Quintans Cal Hidráulica Mondego.
Revendedores: Oliva, Campos Filhos, Valadares, Painéis, Azulejos e Esmaltes.
Materiais de Edificação e Drogaria — CONSTRUÇÕES
RUA 19 N.º 450-460—Telefone, 138 **ESPINHO**

MOTORIZADAS EXTRAS E ACESSÓRIOS
Representante exclusivo das marcas FAMEL E ZUNDAPP nos Concelhos de Espinho, Ovar, V. da Feira e V. N. Gaia
Agência das Scooters VESPA — ASSISTÊNCIA TÉCNICA
MARIA ABREU SOBREIRA
Telef. 313 — Residência — Telef. 513 P. E.
RUA 23 N.º 215 ESPINHO

O NOSSO CAFÉ
Com sala de jogos, sala de chá, adega regional e ampla sala de café, barbearia e salão nobre com televisão e chás dançantes todos os domingos
Rua 8 N.º 603 — Telef. 597 ESPINHO

GARAGEM ABEL
de Abel Correia de Oliveira
VENDAS DE GAZOLINA, ÓLEOS E ACESSÓRIOS
Telefone **44**
Garagem e Estação de Serviços: Rua 18 n.º 614 ESPINHO
Oficinas: Rua 16 n.º 609

DANIEL IGLÉSIAS
Especialidade em Tecidos de Verão e de Inverno
Casacos e Vestidos de Senhora
Lanifícios, Chales, Sedas, Tobralcos, Robias, Modas
Rua Dezanove 201 **ESPINHO**
Telefone n.º 463

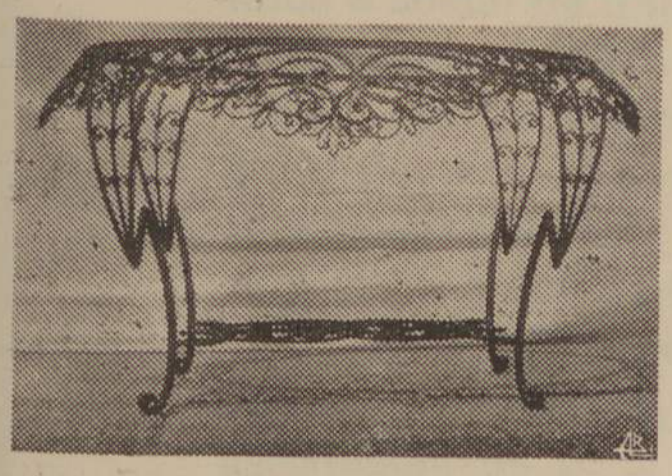
Café Avenida
de
Américo Alves de Morais
AVENIDA 8 ESPINHO TELEF. 111

ESTALEIRO DE VENDA DE AREIAS E BLOCOS *BEIRA-MAR*
COM CAMIÃO PARA ENTREGA
DE MOREIRA & OLIVEIRA, LDA.
TELEFONE 188
Avenida S. João de Deus ESPINHO

Marmoraria Central
Oficina mecânica de
Diamantino de Albuquerque
(Antiga Casa Laurindo)
Execução rápida e perfeita de todos os trabalhos em mármores. Construção de jazigos em mármores e granitos
Telefone 451
Rua 18 n.º 449 (Esq. da Rua 15)
ESPINHO

HORVA
Fábrica de Mobílias em Junco, Vimes e Palmito
OBJECTOS UTILITÁRIOS
A nossa FÁBRICA fornece as principais casas assim como tem instalado um grande número de Esplanadas por todo o País
Fábrica: RUA 14 - 1244
Telefone 291
ESPINHO - PORTUGAL

MAGOSA
MANUEL GOMES DOS SANTOS



Oficina de Cromagem, Repuxagem e Fundição. Fabrico de todos os tipos de Candeeiros eléctricos. Lanternas, Fogões, Ferragens, Ferros Forjados, etc.
Telef. 114 Rua 16 n.os 1123 a 1127 ESPINHO

A VIGOROSA
DE
DOMINGOS SOARES PEREIRA
FÁBRICA DE LOUÇAS, TODOS OS UTENSÍLIOS DE ALUMÍNIO E BANHEIRAS, SERRALHARIA COFRES E FOGÕES — CROMAGEM
RUA 43 n.º 386
APARTADO, 14 — TELEFONE, 151 (P. P. C.)
ESPINHO PORTUGAL

Oficinas Martins — Espinho
Construção de Máquinas
Reparação de Automóveis
Garagem — Estação de serviço
Pronto-socorro permanente
Rua 37 — Tel. 338 ▪ Av. 24 — Tel. 237

Couto & Rocha, Lda.
Importadores-Exportadores
Fábrica de Escovaria fina e Pincelarias
Escovas e Vassouras de Piaçaba
TELEFONE 1
Estrada d'Anta ESPINHO

Serração a Vapor da Ponte de Anta
Francisco Rodrigues de Castro & Filhos, Limitada
Soalhos, Forros aparelhados, Madeiras para construção civil e Caixotaria
Telefone, 67-E — ESPINHO

MANUEL A. CASTRO
CASA SAMEIRINHO
CONFEITARIA E PASTELARIA COM SALA DE CHÁ E CAFÉ
Fabrico especial em Bolos e Doces regionais — Especialidade em pão podre e Bolos de S. Bernardo — Doces finos fabricados com manteiga e ovos frescos recebidos diàriamente da região — Pão de Ló de 1.ª qualidade
Telefone, 483
Apartado, 6
SEDE: RUA 14 N.º 974
FILIAL: RUA 19 N.º 196 — ESPINHO

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

CONSELHO DIRECTIVO:

Engenheiro MANUEL J. PINTO OSÓRIO
Comandante ALVARO DE MELO MACHADO
Engenheiro ANTÓNIO DA SILVEIRA BUAL
Major MÁRIO MELO DE OLIVEIRA COSTA
Professor Doutor JOÃO FARIA LAPA
General JÚLIO BOTELHO MONIZ

DIRECTOR

CARLOS D'ORNELLAS

SECRETÁRIOS DA REDACÇÃO:

REBELO DE BETTENCOURT
ALVARO PORTELA

REDACÇÃO

GUERRA MAIO
Eng.º VIDAL DE CALDAS NOGUEIRA
Dr. BUSQUETS DE AGUILAR
CARLOS DE BRITO LEAL

COLABORADORES

Eng.º CARLOS MANITTO TORRES
Eng.º ARMANDO FERREIRA
Eng.º D. GABRIEL URIGUEN
Eng.º Major ADALBERTO F. PINTO
Dr. ROGÉRIO TORROAES VALENTE
Eng.º FREDERICO DE QUADROS ABRAGÃO
Eng.º EDUARDO FERRUGENTO GONÇALVES
EURICO GAMA
Eng.º FRANCISCO RODRIGUES ANTUNES

SUMÁRIO

Cinquentenário do Caminho de Ferro do Vale do Vouga . . . 527
Uma entrevista com o Sr. Eng.º Constantino de Figueiredo Cabral, antigo director da Exploração do Caminho de Ferro do Vale do Vouga 529
Palavras do Presidente da Câmara Municipal de Espinho, por Engenheiro *ALBERTO DE SOUSA FERREIRA BAPTISTA* 532
Espinho à vista!..., por *CARLOS DE MORAIS*. 533
Pelo Vale do Vouga — O sinal da partida 535
Espinho 538
Paços de Brandão 540
S. João de Ver e o Caminho de Ferro do Vale do Vouga . . . 546
Vila da Feira — O seu castelo e ás suas Caldas de S. Jorge . . 548
Caldas de S. Jorge. 550
Arrifana 552
S. João da Madeira — Importantíssimo centro industrial e a notável acção do seu Município 555
Cinquenta anos atrás, por *JOÃO DA SILVA CORREIA* . . . 558
Sever do Vouga, pelo Abade *JOSÉ LUCIANO LOBO E SILVA*. 567
Oliveira de Frades, por Dr. *DIAMANTINO PIRES DE BASTOS* 569
Vouzela — No cinquentenário do Caminho de Ferro do Vale do Vouga, por *HERMÍNIO AUGUSTO DIAS* 570
Cesar. 573
Cucujães 574
Oliveira de Azeméis e o seu Parque de La-Salette 575
S. Tiago de Rib-Ul 575
Oliveira de Azeméis, por *ARNALDO COSTEIRA* 576
Vale de Cambra. 579
Albergaria-a-Velha 582
Branca 584
Sernada do Vouga 587
S. Pedro do Sul, por *SALES LOUREIRO*. 591
Viseu, por *MOREIRA VINHAS* 592
Águeda 597
Aveiro — Breve resumo da sua evolução milenária, por Dr. *ALBERTO SOUTO*. 602

Cinquentenário do Caminho de Ferro do Vale do Vouga

O presente número desta nossa publicação é dedicado ao Cinquentenário do Caminho de Ferro do Vale do Vouga, que tão benéfica influência exerceu no desenvolvimento económico e social de uma das mais belas regiões do País.

Foi no dia 23 de Novembro de 1908 que se realizou a inauguração, com a presença de Sua Majestade El-Rei D. Manuel II, da parte desta linha compreendida entre Espinho e Oliveira de Azeméis, tendo-se verificado a abertura ao público, com tramways formados com carruagens de todas as classes, no dia 21 de Dezembro seguinte.

A "Gazeta dos Caminhos de Ferro" referindo-se, na sua edição de 1 de Dezembro, às cerimónias da inauguração da linha com a assistência de S. M., dá-nos uma descrição interessante, embora sucinta, de que vamos transcrever alguns períodos.

— "Em seguida a um lauto almoço gentilmente oferecido pela companhia exploradora da linha, "Compagnie Française pour la Construction et l'Exploitation de Chemins de fer à l'Étranger", — informa a "Gazeta" — pôs-se o comboio a caminho, por entre as aclamações do povo que enchia as imediações da estação, o estralejar dos foguetes, ao som do hino nacional e dos silvos penetrantes da locomotiva. Era meio dia e meia hora.

"O comboio, formado pelo salão real, salão para os ministros, e duas carruagens para convidados, saiu da estação, sob um sol estival que dourava os campos, estendendo-se a perder de vista.

"O número de convidados foi muito restrito devido a não ter ainda chegado o material circulante da linha que só chegou no dia 25. O material para a formação do comboio inaugural foi emprestado pela administração dos Caminhos de Ferro do Estado, e pertencente à linha do Vale do Corgo".

A "Gazeta dos Caminhos de Ferro" prosseguindo o seu relato diz que o comboio fez paragem em todas as estações, onde as filarmónicas locais e numeroso povo saudaram entusiàsticamente o monarca que "sorridente e gentil agradecia comovido aquela homenagem tão sã, tão verdadeira, que lhe prestavam as populações ingénuas, alheias a tricas de política partidária".

El-Rei D. Manuel II desceu na estação da Feira, tendo visitado

ARQUIVO HISTÓRICO

a histórica e linda vila, onde a população lhe testemunhou, com entusiasmo, muito amor e respeito. Da vila da Feira o comboio partiu para Oliveira de Azeméis. Ali El-Rei foi novamente alvo de comoventes provas de carinho.

O regresso verificou-se às 6 e meia, tendo chegado o comboio a Espinho pelas oito horas da noite".

E a "Gazeta" fecha assim, textualmente, a sua breve notícia:

"Em todo o percurso, viam-se as povoações iluminadas, e não havia casa por muito humilde que fosse, por mais perdida que estivesse na vastidão dos campos onde não brilhasse uma luz, que traduzia uma saudação ao rei, um protesto de simpatia ao jovem monarca português.

A linha, espera-se, será aberta ao público hoje, havendo dois comboios ascendentes e outros tantos descendentes, diàriamente. O percurso é feito em uma hora e dezasseis minutos".

A linha, porém, não foi aberta ao público no dia 1 de Dezembro, como esperava a "Gazeta", mas no dia 21 desse mesmo mês.

Os comboios de maior velocidade, 8 da manhã e 5-15 da tarde, faziam o trajecto em uma hora e dezasseis minutos, e os de menor velocidade, 10 da manhã e 2-38 da tarde, gastavam no percurso uma hora e e trinta e nove minutos.

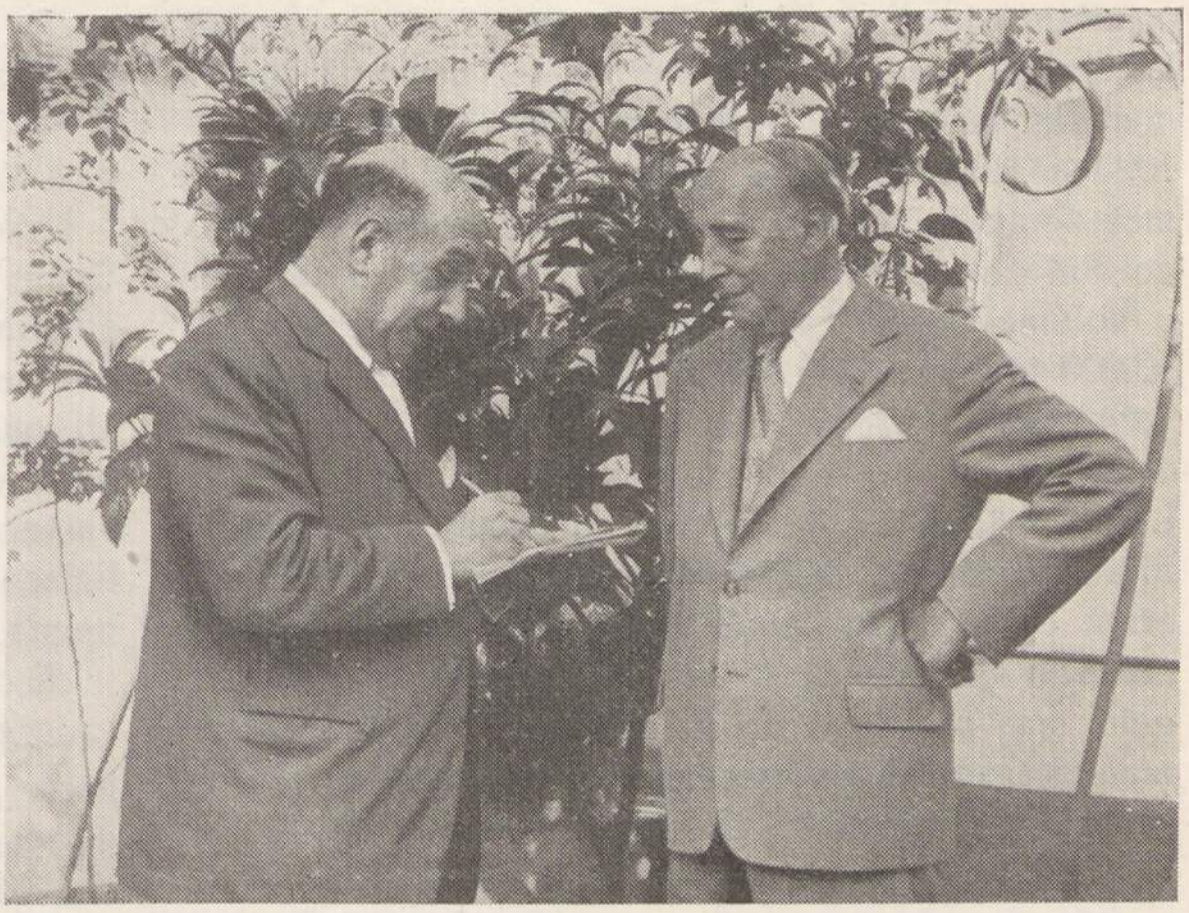
* * *

Trata-se de um acontecimento importante, a que os ferroviários, funcionários da antiga Companhia do Vale do Vouga, não podiam ficar indiferentes. E não ficaram, com efeito. Para se comemorar condignamente a data, constitui-se uma Comissão Organizadora, que levará a efeito um interessante programa.

À Comissão de Honra preside o sr. Ministro das Comunicações, dela fazendo parte os srs. Presidente do Conselho de Administração da C. P. e o Director-Geral da C. P., Governador Civil do Distrito de Aveiro e Governador Civil do Distrito de Viseu e os srs. Presidentes das Câmaras Municipais dos Concelhos de: Espinho, Vila da Feira, S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Vale de Cambra, Albergaria-a-Velha, Sever do Vouga, Oliveira de Frades, Vouzela, S. Pedro do Sul, Viseu, A'gueda, Aveiro, e ainda os srs. Eng. Constantino de Figueiredo Cabral, Eng. José Marques Pereira Barata, Eng. Basílio Caeiro da Mata, Visconde da Merceana, Eng. Ricardo Gaioso de Penha Garcia, Dr. Élio Cardoso, editor do «Boletim da C. P.» e o Director da "Gazeta dos Caminhos de Ferro", Carlos d' Ornellas.

UMA ENTREVISTA

com o Sr. Eng.º Constantino de Figueiredo Cabral, antigo Director da Exploração do Caminho de Ferro do Vale do Vouga



O cinquentenário do «Vale do Vouga» não é um acontecimento que se deixe passar em claro. O seu desenvolvimento, apesar de ter sofrido horas más, impunha-se como uma necessidade nacional para uma região de tão vastos recursos.

A história desta linha tem raízes no ano de 1889, data em que foi feita a primeira concessão; mas só 20 anos depois ela teve realidade com a inauguração do primeiro troço, por El-Rei D. Manuel II, em 23 de Novembro de 1908. Este primeiro troço atingiu Oliveira de Azeméis, e o último só em 3 de Fevereiro de 1914 seria aberto à exploração.

Seria interessante ouvir alguém que nos contasse alguma coisa sobre a obra realizada depois e que originou que tão importante caminho de ferro conquistasse o lugar a que tinha direito na economia do País.

Com esse fim dispusemo-nos a procurar o Sr. Eng. Constantino Cabral, seu antigo Director da Exploração, e figura de grande relevo nos meios ferroviários, pois colaborou activamente nos estudos da legislação sobre a Coordenação de Transportes no tempo do falecido Eng.º Duarte Pacheco, tomando parte na redacção dos respectivos Decretos. Durante 15 anos foi Delegado das companhias de via estreita no Conselho Superior de Viação, depois Conselho Superior dos Transportes Terrestres.

O Sr. Eng.º Constantino Cabral recebeu-nos amàvelmente, e amàvelmente se dispôs a atender o nosso pedido, manifestando-nos a sua alegria de ferroviário de raça por falar dos seus tempos passados.

Não vamos desenhar-lhe o retrato; melhor do que isso, a nossa entrevista mostrará por si a personalidade do entrevistado.

E, vamos começar:

— Em que data entrou V. Ex.ª para os Caminhos de Ferro do Vale do Vouga?

— Em 1920, como Eng.º Chefe, e logo a seguir Director da Exploração. Anteriormente, de 1912, data do início da minha carreira, até 1920, pertenci aos quadros da C. P. Como é do conhecimento geral, a linha do V. V. era propriedade de uma companhia francesa denominada «Compagnie Française pour la Construction et Exploitation de Chemins de Fer à l'Étranger», mais tarde transformada em «Companhia Portuguesa para a Construção e Exploração de Caminhos de Ferro», e era explorada pela «Société d'Exploitation de Chemins de Fer au Nord du Portugal», que também foi posteriormente transformada em Sociedade de Exploração de Caminhos de Ferro no Norte de Portugal.

— Pode V. Ex.ª dar-nos pormenores dessas transformações?

— Certamente. Um grupo português constituído pelos Srs. Dr. João Albino de Sousa Rodrigues, Eng.º Ricardo O'Neil e Eng.º José Ferreira de Lima, adquiriu, em Paris, a maioria do capital accionista e grande parte do obrigacionista (eram cinco tipos de obrigações), da companhia concessionária, e a totalidade das acções da Sociedade Exploradora. Havia um contrato entre estas duas empresas, pelo qual os benefícios iam quase integralmente para a segunda, o que se explicava pelo facto de o empreiteiro, Mr. Mercier, desejar reembolsar-se dos débitos da companhia proprietária pelos seus trabalhos de construção. Então a sociedade exploradora era, inicialmente... o Sr. Mercier.

— Constou-nos que, quando V. Ex.ª tomou conta da exploração do Vale do Vouga, o estado da linha, material circulante, exploração de comboios, etc., era uma coisa muito semelhante ao caos. Sem ferir a vossa modéstia, quer V. Ex.ª explicar-nos, embora sucintamente, quais as medidas que tomou?

— O mau estado da via, devido à falta total de conservação durante os anos do após guerra (1914-1918) originava um serviço irregularíssimo; os des-

carrilamentos eram frequentes, sucedendo-se outros lastimáveis acidentes, tornando-se urgente tomar medidas que remediassem tal situação. E assim, de 1921 a 1926, substituíram-se travessas em cerca de metade da linha, para o que se instalou em S. Pedro do Sul uma oficina de creosotagem Para se avaliar o volume deste trabalho, basta dizer que, de 5 a 10.000 travessas em branco empregadas anualmente se passou a 27553, creosotadas, em 1926, excedendo em muito o número de 30.000 no ano de 1927. Logo no ano de 1923, com as providências que se foram tomando, cessaram os descarrilamentos, que eram epidémicos, devido ao mau estado da via e do material circulante. A balastragem era insuficiente, pelo que teve de ser melhorada; além dos cruzamentos executados nas nas nossas oficinas, foi necessário adquirir mais 20 na Alemanha.

— Mas, Sr. Eng.º, além destes trabalhos de importância primordial, outros se fizeram, não é verdade?

— Sim! A sinalização quilométrica da via, que tinha desaparecido completamente, foi renovada no total, implantando-se novos marcos de pedra em todo o trajecto; 63 quilómetros de linha telefónica entre Espinho e Sarnada, desaparecida misteriosamente, foi instalada de novo em 1921, o mesmo acontecendo no percurso Sarnada-Aveiro — 35 km. — nos anos de 1926-27, e mais 78 km. de Sarnada a Viseu, em 1928.

— Admira-nos, Sr. Engenheiro, como era possível viajar com segurança no Vale do Vouga com tão precário serviço de comunicações!

— De facto, é de admirar que graves acidentes se não tenham verificado, mas, por isso mesmo, eram correntes os atrasos nos comboios, de uma hora e mais,

— E quanto a obras acessórias, tais como edifícios, melhoramentos de instalações, etc.?

— Eu lhe digo — e, depois de consultar uns velhos apontamentos: — de 1921 a 1926 fizeram-se, além da nova linha telefónlca, 7 edifícios para pessoal (dormitórios e casas para agentes), 8 edifícios ou construções para oficinas de Via e Tracção, 4 cocheiras para locomotivas e carruagens, 11 ampliações apreciáveis em estações e linhas, 4 novos cais e vários aumentos destes 3 reservatórios de água, novos e importantes melhoramentos em canalizações, ampliações de 3 placas de máquinas, iluminação eléctrica em 4 estações, etc., etc.

E, interrompendo a sua descrição, o Sr. Eng.º Constantino Cabral emudeceu, ficando pensativo, recordando, de certo, os seus tempos de intensa actividade em prol do caminho de ferro que serviu com verdadeira alma de ferroviário, até que disparámos nova pergunta:

— V. Ex.ª ainda não fez qualquer referência ao material circulante e gostaríamos de mencionar, pelo menos o mais importante.

E consultando mais uma vez os seus apontamentos referiu-nos:

— Por insuficiência de tracção disponível tivemos de adquirir, por conta das reparações alemãs, 3 locomotivas do tipo «Mikado» à casa Henschel & Sohn, pesando 60 toneladas em cheio, muito mais possantes do que aquelas que já tínhamos, para rebocarem 200 Toneladas no pior perfil, onde as «Koppel» rebocam 65 toneladas e as «Borsig» 100 toneladas. Nas antigas locomotivas instalaram-se balanceiros, bombas Friedman e fizeram-se beneficiações para segurança da conservação e economia.

E continuando:

— Para se fazer uma ideia do esforço dispendido neste capítulo, vou citar os seguintes números que dizem respeito às actividades das nossas oficinas, respeitantes aos já referidos anos de 1921 a 1926:

44 grandes reparações em locomotivas, algumas radicais;

201 pequenas reparações, também em locomotivas;

45 grandes reparações em carruagens, incluindo 7 reconstruções;

121 pequenas reparações em carruagens;

116 grandes reparações em vagões, e

856 pequenas reparações em vagões.

Para se atingir o total de 1383 reparações entre as de maior e menor importância, foi necessário montar novas oficinas e organizar o trabalho com novas e mais metódicas normas. Com esse fim adquiriram-se muitas máquinas-ferramentas, pois as que já existiam eram insuficientes e mal instaladas. E, antes que me faça outra pergunta: — Nem só neste sector tivemos que renovar, como por exemplo, a aquisição de muito mobiliário e utensílios de escritório; dez ambulâncias sanitárias para comboios, dos modelos reduzidos mais modernos naquela época; uma *draisine* automóvel, para uma ficalização mais rápida e eficiente, etc., etc.

E, interessados com os elementos que o Sr. Eng.º Constantino Cabral nos ia fornecendo, insistimos por mais números.

— Poderia V. Ex.ª dizer-nos qual a influência de toda a reforma operada, e qual o seu reflexo na exploração?

— É claro que o tráfego aumentou, conforme se poderá verificar pelos algarismos seguintes:

Em 1917, transitaram 304.004 passageiros, contra 649.989 em 1926.

Mercadorias:

Em 1917, em G. V. 2.371 ton. contra 5.278, em 1926, e em P. V. em 1917, 57.877 ton. contra 89.506, em 1926.

Há ainda dois factos na vida do Vale do Vouga que julgo oportuno lembrar: Primeiro — que foi a única empresa ferroviária que se abalançou, entre nós, a fazer a exploração rodoviária ligada à sua

rede, e por sua conta; segundo — que foi, em Portugal, a empresa precursora da exploração com automotoras executadas nas suas próprias oficinas com os escassos recursos de que dispunha.

O nosso entrevistado rebuscando recordações enquanto tomávamos os nossos apontamentos, completou as suas declarações com este espontâneo desabafo:

— Em toda esta obra, dentro das possibilidades financeiras da empresa, fui sempre apoiado pelo Conselho de Administração composto pelos senhores a quem já me referi, e, tècnicamente assistido pelo meu grande e saudoso amigo, o Conselheiro Fernando de Sousa, que de representante da Companhia Francesa passou a ser Engenheiro-Consultor do Vale do Vouga.

O nosso bloco de apontamentos continua aberto; a nossa pena aguarda mais umas respostas a algumas perguntas que trazemos preparadas, e, quase sem parar, aproveitando o entusiasmo de que estamos possuídos, voltamos atrás, ao descalabro em que se encontrava o «Vale do Vouga».

— A que atribui V. Ex.ª o estado de decomposição em que se encontrava a exploração?

— Especialmente ao ambiente revolucionário em que proliferavam as greves, ajudando a indisciplina e a revolta do pessoal, nesse tempo mal recrutado, a ponto do meu antecessor, o Eng.º Léon Heitz, ser obrigado a abandonar as suas funções, acontecendo até que, na sua ausência, esse mesmo pessoal recebia os seus vencimentos em folhas assinadas por quem não era para tal qualificado. Logo a seguir à minha entrada apareceu um pasquim com o nome de «Vouga», onde se continuava a incitar o pessoal contra os seus superiores, com ameaças de violências, greves, etc.

— E a propósito de greves: V. Ex.ª, Sr. Engenheiro, teve que fazer face a algumas dessas manifestações revolucionárias?

— Já anteriormente na C. P. tive que, bem como outros colegas, fazer serviços de comboios, tais como de maquinistas, posto S. A. X. B Y., no Rossio, chefes de estação, etc., durante as greves que antecederam a minha entrada no «Vale do Vouga». Pròpriamente nesta companhia não tivemos qualquer greve, mas para isso, logo que tomámos posse, fizemos uma selecção tanto quanto possível rigorosa do pessoal, da qual resultou a eliminação de 16 elementos perturbadores. Depois disso tive pessoal dedicado, trabalhando com boa vontade e excelente colaboração.

Estamo-nos aproximando do fim da entrevista e, sem querer ocupar por muito mais tempo o Sr. Eng.º Constantino Cabral, inquirimos:

— Quanto tempo permaneceu V. Ex.ª na Direcção do «Vale do Vouga»?

— Como Engenheiro-Director da Exploração, em Espinho, desde 15 de Outubro de 1920 até Novembro de 1926; nessa altura foi criado para mim o lugar de Engenheiro-Director da Companhia do Vale do Vouga, em Lisboa, junto da Administração, cargo que desempenhei até 31 de Dezembro de 1946, quando a C. P. tomou conta daquela rede; em 1 de Janeiro de 1947 passei para os quadros da C. P. com a categoria de Engenheiro-Subchefe de Divisão Ajunto à Direcção Geral.

— Quem passou a desempenhar o antigo cargo de Engenheiro-Director da Exploração, em Espinho, em substituição de V. Ex.ª?

— Durante os primeiros quatro meses foi o Engenheiro José Marques Pereira Barata, que mais tarde foi subdirector da C. P.; desde Março de 1927 até ao fim de 1946, o falecido Eng. Francisco Tristão Ferreira de Almeida, a quem o Vale do Vouga ficou devendo assinalados serviços.

— E para findar, Sr. Engenheiro: conserva V. Ex.ª boas recordações da sua actividade em prol do progresso ferroviário daquela região?

— As melhores, principalmente pela idade que tinha nesses tempos já distantes, e pelos dedicados colaboradores que me acompanharam e continuaram demonstrando a sua amizade desinteressada ao longo da minha vida.

Palavras do sr. Presidente da Câmara Municipal de Espinho

Engenheiro MANUEL ALBERTO DE SOUSA FERREIRA BAPTISTA

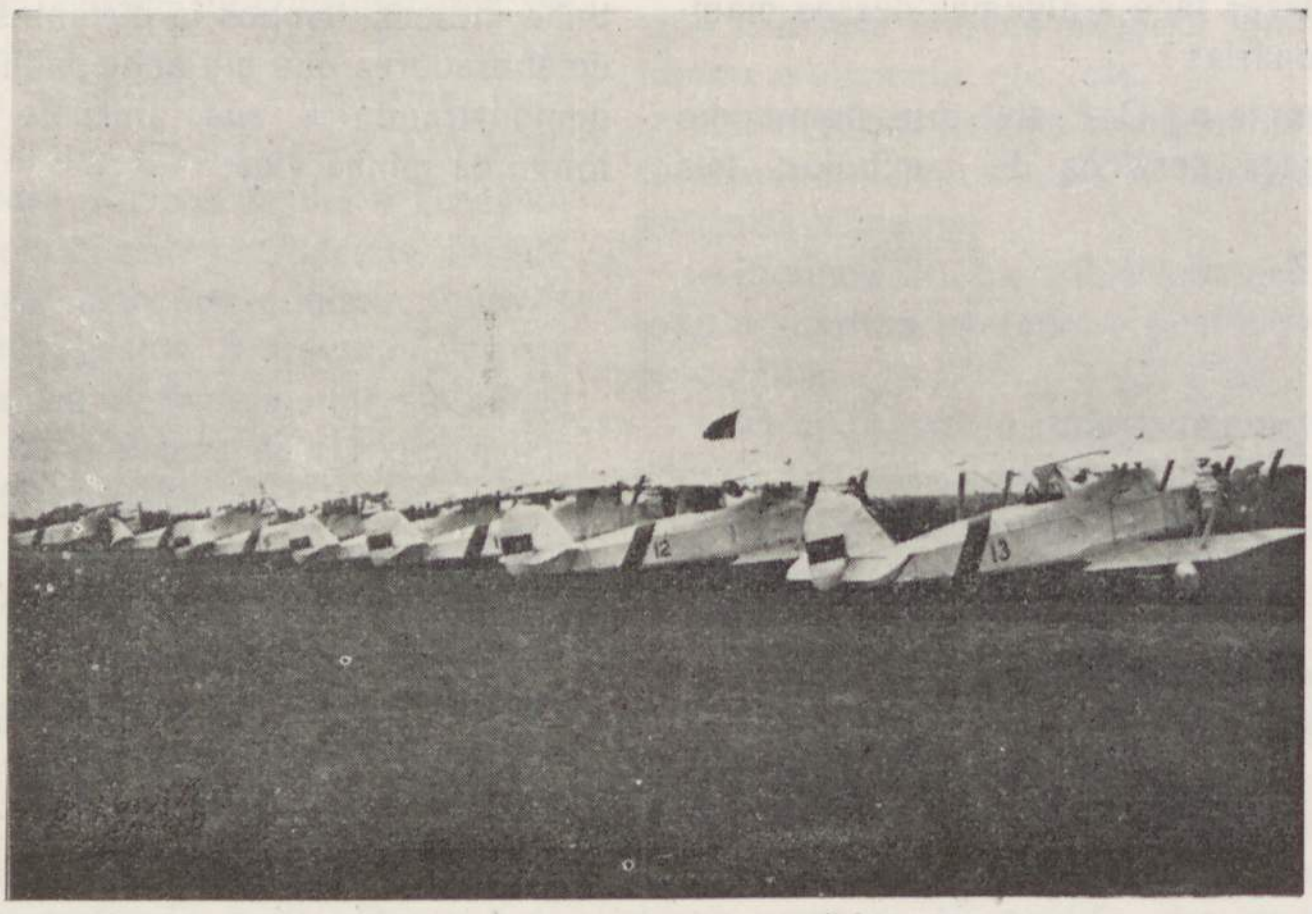
POR dois motivos me foi particularmente agradável ter sido amàvelmente solicitado a escrever estas breves e simples palavras — pela oportunidade que se me oferece de saudar, na ilustre pessoa do seu Director, uma publicação que, desde há 70 anos, tão relevantes serviços tem vindo a prestar à causa de que é legítimo arauto e defensor, e também por poder manifestar a minha franca admiração por uma actividade que tão profunda influência teve no Panorama económico de todo o Mundo, e à qual ainda está certamente destinado papel de excepcional relevo.

E desejo frisar aqui, porque é de inteira justiça, que em particular a minha terra, como Zona de Turismo e aglomerado de firme ascensão Comercial e Industrial, «nasceu» dos Caminhos de Ferro. É uma verdade que ninguém de bom senso desmente. Em todo o Espinhense justo e sereno reside um sentimento de vera gratidão que não necessita de se manifestar para fàcilmente ser percebido. E ao mesmo tempo um sentimento de justificado orgulho porque a sua terra soube corresponder plenamente à preferência que lhe foi dada, na medida em que foi capaz de um crescimento notàvelmente acelerado, usando assim da melhor retribuição que os Caminhos de Ferro poderiam desejar.

Quero igualmente manifestar nesta oportunidade a minha convicção de que, no dia em que os Caminhos possam fazer, eles contribuirão decisivamente, com a ambicionada transferência do actual traçado da sua linha, que Espinho se transforme ràpidamente numa verdadeira cidade industrial, e sem qualquer prejuízo, muito pelo contrário, para a sua Zona de Turismo.

Nesta data comemora-se o cinquentenário da abertura à exploração dos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga. É uma data festiva a que todos os Espinhenses se associam espontâneamente e com a maior simpatia, pois se, como disse, os Caminhos de Ferro de forma tão saliente estão identificados com a breve história de Espinho, acresce ainda a circunstância de se tratar duma Companhia que trouxe até Espinho, em sucessivas «embaixadas», a boa e nobre gente do Vale do Vouga, e que deu a conhecer — melhor e mais fàcilmente conhece — toda essa belíssima região, ao mesmo tempo que lhe dava a possibilidade de uma expansão económica notável.

E não será de mais lembrar e acentuar que a Companhia do Vale do Vouga, nas horas boas e nas horas más, sempre teve a acompanhá-la a preocupação dominante de bem servir, sempre teve a orientá-la os mais esclarecidos espíritos e denotados amigos de toda a região.



ESPINHO — O Campo da Aviação

Espinho à vista!...

Por CARLOS DE MORAIS

A GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO, comemorando o quinquagenário da linha férrea do Vale do Vouga, resolveu publicar um número especial sobre o acontecimento, e certamente vai dar, como é seu timbre, as merecidas galas a este número, quer no seu aspecto gráfico, quer na colaboração de valores escolhidos entre os jornalistas e os homens de letras do país.

Pela minha banda, a escolha não foi das mais felizes, mas eu não pude nem soube esquivar-me ao pedido de colaborar, mais uma vez, nos números festivos de GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO, e eis-me presente a dizer alguma coisa sobre Espinho sem a presunção de alardear originalidades e méritos que não possuo.

Falar de Espinho é fácil, e é difícil. É fácil dar apontamentos da sua pouco remota ascensão, a terra privilegiada e a praia de renome, no conceito de naturais e de estrangeiros.

Nem a sua história é extensa em demasia, nem há mistérios a desvendar para a colheita de elementos que nos digam dos seus primeiros passos até à gloriosa caminhada da hora presente. Difícil é falar-se no que Espinho sonha e carece de ser nos dias de amanhã.

Há anseios permanentes, aspirações sagradas, sonhos grandiosos e sublimes a clamar por realidades de extrema carência para o justo engrandecimento de Espinho. Como terra de turismo, nenhuma outra lhe leva as *lampas* em dotes naturais. Apetece dizer que Espinho está *à mão de semear* de toda a gente, pois toda a gente lá vai parar sem esforço, quase sem querer, quase sem dar por ela. E para tal milagre, basta-lhe o caminho de ferro, que o procura ávidamente, amorosamente, despejando nas suas gares verdadeiras marés-cheias de visitantes.

E já que se fala no caminho de ferro, é justo que se não esqueça a contribuição dada a Espinho por esse simpático «VOUGUINHA», que há meio século desce e trepa encostas na dura faina de trazer até à Costa Verde os dilúvios de gente que consegue arrebanhar desde Viseu ao litoral. E como o menino «VOUGUINHA» tem neste número especial de GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO a merecida consagração pelo seu esforço hercúleo de cinquenta anos em benefício de Espinho, aqui lhe testemunho também a minha simpatia e a minha gratidão.

Mas voltemos a Espinho. Terra rodeada de uma fertilíssima e populosa cadeia de vilas e aldeias, que se estendem para o norte, para o sul e para o nascente, Espinho é a menina bonita da região, a sala de visitas de muitas dezenas de milhar de nobres e de plebeus, o refúgio de almas e o consolo dos olhos das populações que alastram à sua volta desde os fulvos areais atlânticos até ao planalto de Viseu e até às encostas soalheiras das grandes serras beiroas.

ESPINHO
Um aspecto da praia

ESPINHO — Esplanada — Paraíso das crianças — «Rink» de patinagem

Depois, de longes terras outras legiões de devotos a Espinho surgem, trazendo para a Costa Verde o contributo da sua simpatia. A fama do seu clima, o seu deslumbramento de praia cosmopolita, são factores que pesam e durante a época balnear é encantador ver dezenas e dezenas de famílias estrangeiras enchendo as ruas e os estabelecimentos, regaladas, tagarelando, misturando a música das suas línguas com a música suavíssima da língua portuguesa.

Estas devoções, estas preferências, no entanto, têm a sua razão de existir. Espinho, além do seu Casino sumptuoso, da sua Piscina monumental, das suas arejadas e amplas avenidas como não há iguais nas outras praias de Portugal, tem uma rede de estabelecimentos do mais apurado asseio onde o turista e o banhista tudo encontram. E tem um ar lavado como em nenhuma outra parte — um ar que se sorve a plenos pulmões. E tem um mar de estranha beleza e de estranhos cambiantes, em frente ao qual os olhos se amarram num encantamento deleitoso!

Foi numa doce manhã de Outono que, em frente ao mar, na bela e grande Esplanada da Praia de Espinho, escrevi estes versos, bem justificativos das afirmações acima feitas:

ENCANTAMENTO

Que encantamento, o deste miradouro!
Que mar de cor para um pintor pintar!
— Ao norte, a Granja... a Aguda... Miramar...
E ao fundo, entre a neblina, a Foz do Douro!...

Enquanto eu sorvo o iodo salutar
Que me embriaga como um vinho louro,
O Sol anda a entornar dilúvios de ouro
Sobre a epiderme líquida do Mar!...

Toalha azul sem fim!... Deslumbramento!...
Vogam, ao sul, os barcos da «companha»...
Brincam as ondas no areal risonho!...

Banho os meus olhos neste encantamento,
E sinto que até o próprio Sol se banha
Nesta paisagem de volúpia e sonho!...

Porém, tudo isto, que é consolador registar-se, não basta. Espinho tem direito a subir mais alto, a caminhar com passos mais seguros como terra e como praia de turismo de primeira classe. Para além da vida faustosa e aliciante das suas épocas balneares, há a vida intrínseca da sua população permanente, sempre tendente a subir, e sob este aspecto é que Espinho tem carência de ampliar, na prática e na realidade, as suas ambições, os seus legítimos anseios e os seus sonhos.

A tarefa, que é grande, não é irrealizável. Espinho teve sempre homens de boa vontade a servir as suas aspirações, e a prova está bem clara naquilo que é hoje realidade evidente. Aos homens pertence continuar a obra estruturada, e certamente os homens novos, a quem estão confiados os destinos da linda praia de Espinho nesta hora, pensam como todos os bons espinhenses pensam: — tornar Espinho maior e melhor.

Pelo Vale do Vouga

O SINAL DA PARTIDA

TUDO em ordem e todos a postos para a partida do «comboio», através de uma das mais belas regiões do nosso belo País — a decantada região do Vale-do-Vouga. Sonhado pela Comissão Organizadora das Comemorações Cinquentenárias da linha férrea que a serve e realizado pela revista da especialidade «GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO» — para a qual, na pessoa do seu ilustre Director e nosso querido Amigo Sr. Carlos d'Ornellas, endereçamos os protestos da nossa imperecível gratidão — vai este «comboio» mostrar o que é e o que vale a linha e a região do Vouga, especialmente sob os aspectos económico e turístico. Entretanto, na sua excedida lotação, ele levará as nossas mais efusivas saudações aos povos que servimos e aos quais tantas considerações devemos; o nosso reconhecimento perene a todos quantos nos deram o seu precioso apoio, e de entre os quais destacamos os srs. Carlos d'Ornellas, Dr. Élio Cardoso, editor do «Boletim da C.P.», os ilustres Governadores Civis dos Distritos de Aveiro e Viseu (Drs. Vale Guimarães e Marques Teixeira) e srs. Presidentes das Câmaras Municipais da região, a cujos ensinamentos, dinamismo e prestígio ficamos devendo o bom êxito desta iniciativa. À digna Administração e Direcção Geral da C. P. — que abraçaram a nossa causa e a possibilitaram—e a Suas Excelências os Membros do Governo — que, gentilmente, nos honraram com a sua aquiescência — consignamos as nossas mais sinceras e rendidas homenagens.

Mas, enquanto não soa *o sinal de partida,* na pequena estação de Espinho-Praia, evoquemos o passado e remontemos aos princípios do século XIX para nos quedarmos na contemplação daquela meia-dúzia de barracas de madeira, assentes nesta faixa do litoral e habitadas por outras tantas famílias de pescadores que arrancavam ao mar o pão negro e duro de cada dia: era o pequenino e miserando lugar de Espinho, da freguesia de Anta, concelho da Feira.

Em dado momento — há sempre um momento de felicidade para os homens como para as povoações — o silvo estridente de uma locomotiva cortou os ares, quando da inauguração da linha do Norte, trazendo consigo uma mensagem de progresso. E o pobre lugarejo, conhecido pelo seu privilegiado clima e admirado pela beleza inconfundível do seu mar, breve se transformou em verdadeira terra de promissão. Afluem os banhistas, alguns dos quais se vão fixando em edificações próprias, e a terra cresce, fazendo jus à sua emancipação administrativa, que os poderes públicos lhe conferem.

É então quando Espinho recebe, em transportes de alegria, o moço rei D. Manuel II, que vinha inaugurar o primeiro troço da linha do Vale-do Vouga, aberto à exploração no dia 21 de Dezembro de 1908, tornando a já famosa praia em ponto de convergência obrigatórias das terras do interior. E, graças a este facto, cresceu mais e mais, alindando-se dia a dia, para chegar até nós — meio século volvido! — como uma das mais belas e progressivas localidades do norte de Portugal.

ESPINHO! — vila-cidade dos mil encantos.

Permite que te reconheçamos como filha querida dos caminhos de ferro e que, como ferroviários de Portugal, nos orgulhemos do esforço abnegado despendido, na vida que te demos.

Vem connosco, em nossa mente e em nossos corações, na digressão que vamos fazer a terras do Vale do Vouga, como intérprete fiel do nosso carinho por todas elas, e, lembrar-lhes o que para elas representou e representa a sua via férrea. Não esqueças — nem elas esquecerão decerto — que, à sombra amiga dos carris se gerou e cresceu uma das mais industrializadas regiões nacionais, dos mais variados pro-

dutos, alguns absolutamente exclusivos durante muitos anos e, outros, mantendo, ainda, exclusivismo nos nossos dias. Desde a indústria de fundição à de madeiras, desde a de cordoaria à de papel de embrulho, da cortiça aos abrasivos, das ferragens aos lacticínios, da chapelaria ao calçado, das velas às máquinas de costura, da cartonagem aos brinquedos, dos plásticos à vidraria, da cerâmica ao papel de impressão, da moagem aos resinosos, da pasta de papel à metalurgia, da mecânica ciclista às loiças — que mundo imenso de actividade nas terras que Deus nos deu!

É este Mundo que vamos percorrer e, nele, encher os olhos e a alma de beleza inconfundível. Para o efeito, o nosso «comboio» efectuará paragem em Vila da Feira, permitindo-nos estender a vista sobre a velha e remoçada capital das terras de Santa Maria, visitando o seu castelo — único no seu género em Portugal — e cuja origem se perde na bruma dos tempos. Nova paragem em S. João da Madeira para que cantemos um hino de louvor ao Trabalho que, ali, nos deu a mais surpreendente prova da sua capacidade criadora. Em Oliveira de Azeméis não podemos deixar de atravessar a vila fidalga até ao seu famoso Parque de La-Salette, de infinita beleza e, de caminho, daremos um salto à vizinha vila de Vale de Cambra para nos extasiarmos na visão panorâmica, de sabor helvético, que ela nos oferece, mormente do alto das Baralhas. Em Albergaria-a-Velha apreciaremos o ar lavado da vila moderna e buliçosa, que pouco nos diz já do antigo Albergue de D. Teresa, e não deixaremos de ajoelhar no outeiro, junto à capelinha de N. S.ª do Socorro. Em Sernada do Vouga notaremos o entrechocar de ferragens que ali ergueu o principal centro ferroviário da linha. E, retrocedendo na aparência, por força da bifurcação, afrouxemos a marcha para apreciarmos, entre Carvoeiro e a Ponte de Santiago, todas as vias de comunicação em paralelo. De Paradela do Vouga, olhemos, no monte fronteiro, as terras de Sever, num panorama que lembra a lendária Pérola do Atlântico: a Madeira. Em Oliveira de Frade, respiremos o ar sanatorial da vila que se esconde, qual mocita recatada, em tufos de verdura. Mas, escassos quilómetros além, eis Vouzela... a Bela, muito branca e pequenina ajoelhada aos pés do Monte do Castelo em cujo cimo alveja o santuário da sua protectora, Nossa Senhora da Esperança. Subamos a esse monte e jamais teremos inveja do que será o Paraíso. Em Termas de S. Pedro do Sul

COMISSÃO ORGANIZADORA DAS COMEMORAÇÕES CINQUENTENÁRIAS DO CAMINHO DE FERRO DO VALE DO VOUGA

Da esquerda para a direita: Sentados — Adelino Soares Ferreira, Joaquim Moreira Vinhas, Manuel Martins de Almeida, Mário Pinto de Almeida e João de Sousa Lopes. *De pé* — José da Costa, Belmiro Coelho da Luz, Laurentino de Pinho, Silvino Soares Ferreira, Bernardino Martins e Manuel Francisco Arede

dirijamo-nos ao estabelecimento termal, passando pela nascente das águas sulfurosas de maior termalidade no país, apreciando, depois, a piscina e os castros romanos. Em S. Pedro do Sul — a suserana das terras de Lafões — efectuemos paragem em obediência à marcha do «comboio» mas apenas para saudar os seus habitantes, porquanto preferimos olhar a vila do alto de Monsanto quando ela se nos depara pujante de beleza e de cor, marinhando pela encosta como cascata erguida em honra do santo seu patrono. E lá mais longe, mais no alto ainda, a capelinha alvinitente de Nossa Senhora da Guia parece acenar-nos, num adeus de saudade.

Mas... temos à vista a nobre e antiga cidade de Viriato, que nos oferece recantos de imensa maravilha. O seu formoso Parque do Fontelo, o Jardim de Camões, os seus arruamentos modernos e cuidados, a Cava de Viriato, o Museu de Grão Vasco, a Sé Catedral, as escadas suspensas da antiga capela no largo de Santa Cristina, constituem, só por si, razão aliciante de demorada visita. Mas a encantadora capital da Beira Alta — a fidalga cidade de Viseu — tem muito mais para oferecer a quem, sedento do belo, a procure.

Entretanto, agora sem paragens porque o tempo corre e foge-nos, o «comboio» volta a Sernada para seguir o ramal de Aveiro. Temos uma paragem em Águeda... a Linda, para um breve passeio junto ao rio de que tirou ou a que deu o nome (tanto terra e rio se confundem e completam) quedando-nos, depois, na contemplação das suas casas brasonadas, dos seus arruamentos e jardins, impecáveis de arranjo, do dinamismo da sua gente entregue ao seu labor quotidiano.

Finalmente... Aveiro, a cidade dos canais e dos barcos moliceiros, dos parques floridos e das tricanas românticas, das marinhas de sal e dos homens do mar, a urbe milenária da Princesa Santa Joana, a terra-mãe das nossas terras, que saudamos com parcular carinho.

Mas, aqui nos espera um comboio da Linha do Norte pelo qual desejamos enviar a todos quantos lutam pela vida, nas trincheiras dos carris — a todos os ferroviários de Portugal — as nossas mais amistosas saudações.

E atenção, senhores «passageiros» e obsequiosos leitores, que acaba de soar O SINAL DA PARTIDA...

A Comissão Organizadora

— Você perdeu o comboio
E estragou todo o seu dia!
Pois olhe: Se usasse um OLMA,
Nunca tal lhe acontecia!

Se comprar um relógio OLMA
Não voltará a perder o comboio,
Pois trazendo um OLMA consigo,
Traz também o melhor amigo!

Fábrica Moderna de Carpintaria e Marcenaria
DE *José Augusto da S. Quintas*

CARPINTARIAS — MARCENARIAS

TELEFONE 59 //// APARTADO 48

ESPINHO

FÁBRICA DE TAPEÇARIAS
Pereira Alves & Irmão

FABRICO ESMERADO DE TAPETES, CAPACHOS, PASSADEIRAS, CARPETES, ETC., ETC..

APARTADO 33 | AVENIDA S. JOÃO DE DEUS
TELEFONE 126 | ESPINHO

ESPINHO

A praia de Espinho — Costa Verde — possui condições admiráveis de situação e de clima que a tornam inconfundível e única sob o aspecto climatérico.

A possibilidade de gozar em Espinho durante as semanas de férias o ar, o sol e o mar em tão excepcionais condições, atrai ali, todos os anos, muitos milhares de pessoas.

A Praia de Espinho é servida por óptimas estradas, pelas linhas do Norte e do Vouga da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses que a põe em contacto directo e rápido não só com o País mas também com a Europa e com o mundo inteiro.

Zona de Turismo e de Jogo regulamentado, possui um grande Casino, que é um dos mais luxuosos da Península, aberto desde 1 de Junho até 30 de Novembro. Ali se realizam todos os anos, durante a época própria, festas admiráveis e belas, organizadas sempre com alto cunho de elegância, beleza e distinção e a que, por isso, concorre sempre a melhor sociedade.

Possui ainda Espinho um campo de Golf com 18 buracos, Estádio de desportos, carreira de tiro, o Grande Hotel de Espinho, o majestoso Palácio Hotel e confortáveis Pensões; a Piscina Solário Atlântico, considerada a maior e mais completa da Península; o «Nosso Café», estabelecimento amplo e elegante, que honram a Praia de Espinho e a indústria Cafeeira, e ainda muitos outros estabelecimentos comerciais do mesmo género, bem fornecidos, com fachadas elegantes e que rivalizam com os seus congéneres de Lisboa e Porto.

Mas Espinho não é só isto, tem as suas aspirações: — aspirações legítimas de longa data, que acompanhem o seu progresso, o seu enorme desenvolvimento, estando em primeiro lugar a criação da sua comarca.

Sobre este capítulo, não se pode fugir à tentação de para aqui se transcrever o que há 25 anos — 1933 — escreveu o falecido Alberto Camacho, Chefe do Serviço de Contabilidade da extinta Companhia do Vale do Vouga, num opúsculo comemorativo das «Bodas de Prata» daquela Companhia.

Segue a transcrição:

«Não desanimam os Espinhenses em que justiça será feita à Terra; mais tarde ou mais cedo a sua justa pretensão há-de ser uma realidade, emancipando-se assim Espinho, que tem tudo quanto precisa para ser independente, de uma tutela que tão incómoda é para os seus habitantes.

E rematemos esta despretenciosa descrição do que Espinho é e do que vale, fazendo nossas as palavras com que o brilhante jornalista Armando Boaventura terminou, no «Diário de Notícias», o seu interessante artigo sobre a nossa Praia: «Somos uma Terra progressiva, uma verdadeira cidade, gozando da maior independência. Valemos pelo que realmente somos e progredimos. A criação da comarca representa para Espinho a independência judiciária a que tem incontestável e incontestado direito. Confiemos, pois, no Governo que tem demonstrado sempre saber fazer justiça, sem atender aos intereresses políticos de carácter pessoal de quem quer que seja... E a nossa comarca é uma questão de justiça que nos assiste».

* * *

Isto escrevia-se há 25 anos. Um quarto de século volvido, cinco lustros passados, Espinho continua a agitar-se por que nada se realizou pela sua independência judiciária — a que tem «incontestável e incontestado direito».

Aquela questão de justiça que assiste aos Espinhenses ainda não pendeu para o seu lado e Espinho, que nestes últimos 25 anos quase duplicou as suas actividades, o seu valor, a sua indústria, o seu comércio e, talvez, a sua população, continua confiando, mais uma vez, no Governo de Salazar e na justiça que lhe assiste e que, um dia, mais tarde ou mais cedo, virá.

Paulo Amorim

ARMAZÉM DE FAZENDAS — Secção de Camisaria, Malhas e Miudezas

Telefone, 129 *Telegramas: PAULO AMORIM* *Código RIBEIRO*

RUA 16 N.º 515 A 517 — ESPINHO

PROTECÇÃO CONTRA A CORROSÃO (NAVIOS. PONTES. RESERVATÓRIOS. TUBAGENS. ESTÁTUAS. BUSTOS. ETC.)
ENCHIMENTOS (VEIOS. CAMBOTAS. CILINDROS. MOLDES. DEFEITOS DE FUNDIÇÃO ETC.)
DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

SOCIEDADE PORTUGUESA DO AR LIQUIDO
LISBOA PORTO
REPRESENTANTE DA SOCIÉTÉ NOUVELLE DE MÉTALLISATION | DEPÓSITOS EM COIMBRA . FUNCHAL . PONTA DELGADA

SEGURO POPULAR DE VIDA

50$00

POR MÊS PERMITEM-LHE EFECTUAR UM SEGURO POPULAR DE VIDA

QUANDO OS GANHOS SÃO REDUZIDOS É DIFÍCIL POUPAR

NESTE CASO O

SEGURO POPULAR DE VIDA

PELA MODICIDADE DO SEU CUSTO PODE SATISFAZÊ-LO

O mealheiro

GUARDA AS MOEDAS;
O SEGURO POPULAR DE VIDA
É O SEU MELHOR
MEALHEIRO

COMPANHIA DE SEGUROS
R. GARRETT, 56 LISBOA
IMPÉRIO

Padaria Mecânica
FABRICO MECÂNICO
FARIA & IRMÃO
Rua 16, N.os 312 a 316 ESPINHO
TELEFONE 84

MARISCAL Cervejaria e Restaurante
Rua 4 N.º 615 — Tel. 656 — ESPINHO
Especialidade em Mariscos, Completo serviço de Restaurante e Lanches, Almoços, Jantares e serviço à Lista

CASA GENTIL de Fonsecas & Mendes
A casa que maior sortido tem em ESPINHO
FAZENDAS—MODAS—CAMISARIA
Angulo das Ruas, 23 e 16—ESPINHO Telefone N.º 386

FOTOGRAFIA CELESTE — Rua 14, n.º 919 — ESPINHO

CASA FONSECA Telefone 413
João Lopes da Fonseca
CAMISARIA — FAZENDAS — SEDAS
ESPINHO Rua 19 N.º 275

A Mercantil de Espinho, L.da
Armazém de Mercearias, Cereais, Farinhas e Gorduras
Rua 14 N.º 798 a 808—Telef. 29—Apartado, 54—ESPINHO

CASA LUÍSA NOGUEIRA Depósito de Frutas
João César da Costa
Vendas por Junto e a Retalho—Legumes das Melhores Qualidades
Mercado Municipal n.º 58 — ESPINHO Telef. 304

FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS
VENDAS POR JUNTO
Baptista & Oliveiras
ÚNICOS REPRESENTANTES EM ESPINHO DE:
Fáb. de Massas Alimentícias «Milaneza»-SABOARIA DO BOLHÃO, L.da
Fáb. Portuguesa de Fermentos Holandeses, L.da—Adubos «S. A. P. E. C.»
TELE { FONE, 21 / GRAMAS: FARINHAS — APARTADO, 5 Rua 62 - ESPINHO

FÁBRICA DE: Carpetes, Tapetes, Passadeiras, Alcatifas, Capachos em lã, Juta, Cairo, Sizal, etc.
JOAQUIM MOREIRA DA COSTA JUNIOR
Rua 2A, N.º 915 ESPINHO

Paços de Brandão

Dizem-nos antiquíssimos documentos dos anos 773 a 1159 que Paços de Brandão se chamou primeiramente *Vila de Paçô* — (Portugaliae Monumenta Histórica e Baio-Ferrado).

Julgo não ser possível encontrar-se a data da fundação. Os brandoenses, todavia, podem orgulhar-se da origem milenária, porque «as *vilas* portuguesas (Vila de Paçô é do número) que nos aparecem no princípio da Monarquia e ainda no Reino de Leão são de origem romana se não anterior» — (Arquivo do Distrito de Aveiro, N.º 6, pág. 87).

A mudança de Vila de Paçô para Paços de Brandão deu-se entre 1159 e 1186. De facto, é de 1159 o último documento conhecido em que aparece ainda Vila de Paçô — (Baio-Ferrado, pág. 79); e é de 1186 o primeiro em que se escreve já Paços de Brandão — (Censual do Cabido da Sé do Porto, pág. 550).

Um pouco de história nos explica a alteração.

Andava Afonso VI, Rei de Leão e Castela, em guerra acesa contra os mouros para os expulsar da Península. A seu pedido, Filipe I, Rei de França, enviou-lhe alguns cavaleiros normandos, chefiados pelo Conde D. Henrique. Pertencia ao grupo Fernando Brandão e seu irmão.

A «Monarquia Lusitana», no capítulo XXIV, transcreve um documento latino de 1131, pertencente ao Mosteiro de Lorvão, em que apareceu Fernando Brandão como testumunha. O historiador termina dizendo: «Dos Brandoenses há tradição que vierão da Inglaterra (Normandia), & que dous irmãos do tempo do Cõde Dom Henrique jazem sepultados em Grijó».

Em prémio dos serviços prestados, o Conde D. Henrique recebeu o Condado Portucalense de que tomou posse em 1095.

Os seus companheiros espalharam-se pelas terras que tinham conhecido nas suas correrias contra os mouros. Cada um, sem dúvida, procurou as mais formosas e ricas e que ofereciam garantias de maior segurança. Os mouros eram sempre inimigos perigosos e traiçoeiros. Fernando Brandão fixou-se na antiga vila de Paçô que, passados anos, se chamaria Paços de Brandão.

A propósito, é interessante notar que houve tempo em que se dizia simplesmente «freguesia de Brandão» — (Foral de D. Afonso III, 1251).

Paços de Brandão, na actualidade, é uma das freguesias mais notáveis, não só das Terras de Santa Maria, mas de Portugal inteiro. Isto deve-se, sem dúvida, ao seu povo trabalhador em que sobressai o desejo insaciável do progresso da sua terra, a generosidade, o bairrismo, o espírito empreendedor e inventivo e o sentido artístico.

É de salientar, porém, outros factores do engrandecimento de Paços de Brandão: o caminho de ferro que foi, sem dúvida alguma, até ao desenvolvimento da camionagem, um factor decisivo para o rápido progresso da indústría e do comércio. O mercado semanal, tão antigo, foi sempre afamado entre as freguesias vizinhas.

A indústria data de 1773, ano em que foi construída a primeira fábrica de papel em Paços de Brandão. Em 1859, a fábrica da Azenha fabricou papel selado. Conserva-se ainda um processo escrito neste papel cuja marca de água diz: «Thesouro Público — P. de Brandão — 1859». Actualmente a indústria é vária e notàvelmente desenvolvida.

Finalmente, seria injusto não mencionar o famoso grupo folclórico de Paços de Brandão. Os brandoenses jamais poderão esquecer quanto ele tem tornado conhecido o nome da sua terra. As suas exibições admiráveis em Portugal e no estrangeiro e a sua escolha para representar o folclore português no I Congresso Internacional de Folclore tornam-no merecedor do nosso carinho e da nossa gratidão.

* * *

Mas, não se pode deixar de mencionar, como um dos grandes valores da localidade a INDÚSTRIA CORTICEIRA, que muito pesa na balança económica do País.

De Santa Maria de Lamas, principal centro industrial corticeiro do Norte, irradiou esta indústria para Paços de Brandão, Moselos, Sampaio-Oleiros, e Lourosa, levada quase só pelos filhos daquela operosa freguesia.

As fábricas desta região produzem rolhas, artefactos de cortiça, aparas, etc., etc., e o seu trabalho é muito conhecido e muito apreciado nos mercados estrangeiros.

As fábricas mais importantes cujos produtos honram bem a Indústria Portuguesa da especialidade, são Amorim & Irmãos, Ld.ª; Victorino Dias Coelho; Manufactura de Cortiça Lusitana; Edmundo Alves Ferreira; A. Paulo Amorim & Filhos, Ld.ª; Empresa Industrial de Paços de Brandão; Américo Dias Coelho e outros.

Santa Maria de Lamas é sede do Grémio e do Sindicato Nacional dos Operários Corticeiros do Distrito de Aveiro.

P. A.

Fábrica Visão, Lda.

Fundição de Ferro e Metais

Máquinas Industriais e Agrícolas

Bombas para água Autoclismos

Tele { fone, 11 / gramas: VISÃO

PAÇOS DE BRANDÃO — Portugal

Mecânica-Exacta, L.da

Construção de Máquinas Industriais

Tele { gramas: EXACTA / fone, 118

PAÇOS DE BRANDÃO

Fábrica de Papel de Rio Maior

Fundada em 1822

Custódio Ferreira Pais

Papel de embrulho, Cartão e Sacos de papel

TELEFONE, 99

PAÇOS DE BRANDÃO (PORTUGAL)

Fábrica Dragão-Dilumit

VIEIRA PINTO & CA., LDA. — PAÇOS DE BRANDÃO-PORTUGAL

Rebolos, discos e pedras de corindo, cristalba, carboneto de silício, etc., para todas as modalidades industriais

Telefs. 7-155 Teleg. DRAGUMIT

Empresa Industrial de Paços de Brandão, Lda.

Rolhas, Discos e outros Produtos de Cortiça
Cápsulas de Chumbo e Estanho

TELEF. { 10 — PAÇOS DE BRANDÃO / 710382 — PORTO

TELEGRAMAS: EIPAC — PORTO

PAÇOS DE BRANDÃO — Portugal

FÁBRICA DE ROLHAS DE CORTIÇA
ARCOS PARA ENFARDAMENTO DE CORTIÇAS

Ferreira & Costa

"FERRO E AÇO"

Tele { fone: 28 / gramas: FERRIAÇO

PAÇOS DE BRANDÃO

Fábrica «VICTORIA»

Fábrica de papel de embrulho, Cartão
Sacos de papel tipografados e lisos

JOAQUIM RODRIGUES DA COSTA

Agente da Companhia de Seguros «BONANÇA»

TELEFONE 32

PAÇOS DE BRANDÃO

FÁBRICA «A PRIMA»

Carvalho & C.ª, L.da

MADEIRAS CORTIÇAS

Telegramas: FABRICA PRIMA

Telefone: N.º 2

PAÇOS DE BRANDÃO

António Gomes da Costa & C.ª, Lda.

Fábrica de Ferragens para a construção civil

Alpossos — RIOMEÃO

VALE DO VOUGA

FABRICO MECÂNICO DE FERRAGENS E FERRAMENTAS—FUNDIÇÃO DE METAIS

Exportação para todo o Império Português

Manuel da Silva Soares

RIOMEÃO

TELEF. 5103 — ESMORIZ PORTUGAL

António Pereira da Silva

Fábrica Mecânica de Rolhas e Artefactos de Cortiça

FUNDADA EM 1914

Prancha, Rolhas, Cortiça virgem, Refugos e aparas de cortiça. Planche, Bouchons, Liège mâle, Rebut et déchets de liège. Corkood, Corks, Virgin cork, Waste and shavings

Tele { fone n.º 1 - Lourosa / gramas: CORTEX - Argoncilhe

Apartado n.º 3

VERGADA — ARGONCILHE

PORTUGAL

FÁBRICA DE ARTIGOS DE PLÁSTICO E CELULÓIDE

REIS & SILVA, LDA.

Telefone, 5102 — ESMORIZ

R I O M E Ã O

Rufino Alves Ribeiro & Filhos

Fábrica Mecânica de Vassouras, Escovas, Brochas, Pincéis, Escovas para dentes e Artigos Plásticos

Armazém de Piaçaba — Fibras, Cerdas e Crinas

FUNDADA EM 1926

Importação e Exportação

ENDEREÇOS:

Postal: Vergada-Argoncilhe

Telegráfico: VINHAS

Telefónico: Lourosa-8

VERGADA—VILA DA FEIRA

(Correio de Argoncilhe-Portugal)

FÁBRICA MECÂNICA DE ROLHAS E PALMILHAS DE CORTIÇA

António Rodrigues

Estabelecimento Comercial em S. João da Madeira com artefactos de cortiça para a indústria de calçado e outras actividades

Rua Visconde — Telefone **163**

TELEFONE, 56 PAÇOS DE BRANDÃO

Sociedade de Ferragens Riomeão, Lda.

Fabrico de Ferragens para a construção civil e fundição de Metais

SOFER Portugal Marca Registada

Telefones { **19** - Residência / **119** - Fábrica

Telegramas: **VIOLAS**

Cortegaça

RIOMEÃO

PORTUGAL

Manuel Pereira de Sousa & Filhos, L.DA

(COUTA)

Fabricantes e Exportadores de todos os produtos de cortiça

Armazém de vinhos e aguardentes

Telefone, 82

PAÇOS DE BRANDÃO

PORTUGAL

LUSITANA

Manufactura de Cortiças

Bouchons, déchets et liège mâle—Corks, corkwaste and virgin cork — Rolhas, Aparas e cortiça virgem

TELE { FONE 19 / GRAMAS: LUSITANA

LOUROSA
PORTUGAL

FÁBRICAS DE PAPEL, CARTÃO E SACOS DE PAPEL

— EM —

Argoncilhe * Serzedo
Ovar * Oleiros * Porto

Manuel Francisco do Couto & Filhos

TELEFONES: 92 e 234 P. BRANDÃO

Escritório:

S. PAIO DE OLEIROS

Alfredo Dias Coelho

Rolhas e Aparas de Cortiça
Bouchons et déchets de liège
Corks and corkwaste

LAMAS DA FEIRA
PORTUGAL

EDMUNDO ALVES FERREIRA

Prancha, Rolhas, e aparas de cortiça
planche, bouchons et déchets de liège
corkwood, corks and corkwaste

FÁBRICA EM / USINE À / FACTORIE AT { LOU OSA

Teleg.: MUNDO — Lourosa — Code. A. B. C. 6 th. Edition

TELEFONE, 10

LOUROSA
PORTUGAL

Fábrica de produtos de cortiça
ESPECIALIDADES

OLIVEIRA ALVES, IRMÃOS, LDA.

Telefone, 12 - Paços de Brandão

Santa Maria de Lamas

Américo Dias Coelho

Fundada em 1925

Rolhas, discos, aparas, cortiça virgem e prancha
Bouchons, discs, déchets, liège mâle et planche
Corks, disks, corkwaste, virgin cork and corkwood
Korken, naturkorkscheiben, korkabfalle, jungfernrinde und korkholz

Telefone: 19 — Paços de Brandão
Telegramas: DIACOELHO — *Santa Maria de Lamas*

SANTA MARIA DE LAMAS
Apartado n.º 6 — Portugal

A. Paulo Amorim & F.os, L.da
CORTIÇAS

MOZELOS — Telef.: 14

S.ta MARIA DE LAMAS

FÁBRICA DE: ROLHAS, APARAS E CORTIÇA VIRGEM
Fundada em 1921

Américo Rodrigues Ferreira

Telefone: 86-P. A. SANTA MARIA DE LAMAS

ARQUIVO HISTÓRICO

OFICINA DE FERRAGENS E MÓVEIS DE FERRO

Manuel Gomes da Costa Campos

FUNDIÇÃO DE METAIS

Cofres de Parede, Caixilhos, Gradeamentos, Portões, etc.

SOLDAS A AUTOGÉNIO

Guarda-Jóias, Camas, Fogões, Lavatórios, etc.

FERRAGENS FINAS E GROSSAS

Alpoços — RIOMEÃO

JOAQUIM FRANCISCO DO COUTO

FÁBRICAS DE: Papel em Rio Tinto, Papel e Cartão em Fafe: Sacos de Papel c/ impressão em S. Paio de Oleiros. FÁBRICA DE: Rolhas de cortiça e seus derivados em S. Paio de Oleiros.
DEPÓSITO DE: Pneus, Gasóleo, óleos e lubrificantes.
SOCIETÁRIO DA FIRMA: COUTO & ROCHA, LDA. — ESPINHO
Fábrica de escovaria fina, pincelaria, Vassouras de piaçaba e Escovas mecânicas «CORAL». Escritórios: S. PAIO DE OLEIROS
Telefones: Papel 98-P.B.X. Cortiças, 91. Residência, 97—PAÇOS DE BRANDÃO, 49 319—FAFE
Telegramas: COUTOS — S. PAIO DE OLEIROS

HENRIQUE F. DE MACEDO
CORTIÇAS

PRANCHA — ROLHAS — APARAS

Santa Maria de Lamas (Portugal) Telefs. 24 e 25 P A

FÁBRICAS DE CARTÃO
PAPEL E SACOS DE PAPEL

ANTÓNIO MARQUES
TELEFONE **50**

Paços de Brandão

FÁBRICA DE SACOS DE PAPEL

ROUSSEL ANDRÉ CARVALHO
(Sucessor de Joaquim André Carvalho)

Telefone 127
Paços de Brandão

FÁBRICA DE FERRAGENS E FUNDIÇÃO DE METAIS
NIQUELAGEM E CROMAGEM
TELEFONE, **147** — ESMORIZ

David Alves Correia Júnior

ÚNICO FABRICANTE DOS CADEADOS
MARCA **D A C** REGISTADA

Riomeão **Portugal**

JOAQUIM DOS REIS FERREIRA
CORTIÇAS — ROLHAS
FABRICANTE E EXPORTADOR
APARTADO, 13
TELEFONE, 187 (P. A) TELEGRAMAS «BRANDÃO»

SANTA MARIA DE LAMAS

FÁBRICA DE PAPEL E CARTÃO DA ZARRINHA
FABRICO DE: SACOS DE PAPEL — PAPÉIS DE EMBRULHO

ORLANDO DE OLIVEIRA SANTOS

TELEFS: 113, PAÇOS DE BRANDÃO (Companhia)
5105, ESMORIZ (ESTADO)

Paços de Brandão

José Henrique Brandão
Serração de Madeiras — Caixotaria

TELEFS. Fábrica, **148** — P. Brandão
Resid. 293 — Espinho

Paços de Brandão

Fábrica de Sacos de Papel M. E. S. S. — Paços de Brandão

M. Elísio Santos Silva

Sacos de Papel em vários tipos tipografados e lisos
Papéis de Balcão e embalagens — **Cordoaria**

TELEFONE, **202** **Paços de Brandão**

FÁBRICA DE ROLHAS DE CORTIÇA
E SEUS DERIVADOS
Abastecimento interno e exportação para o estrangeiro

AMÉRICO SOUSA

Telefone, **35** — P. Brandão

SANTA MARIA DE LAMAS

SERRAÇÃO PORTELENSE
Casa Gaspar

António de Oliveira Marques

Serração de Madeiras para Construção
Caixotaria e Lenhas

Telefone: 109 PAÇOS DE BRANDÃO

"A BRANDOENSE" — Fundada em 1912
Fábrica de papelão, papéis de embrulho e sacos de papel de:

ANTÓNIO DE SÁ E SILVA

ANTIGA DO CANDAL **PAÇOS DE BRANDÃO**

CASA BOM JESUS — S. Paio de Oleiros — V. V.

MAGNO DE SÁ COUTO

Fabrico especial de Bolos Regionais, fabricados com finíssima manteiga e ovos frescos recebidos diàriamente da região.
Especialidade em bolos de S. Bernardo e Pastéis de Santa Luzia.
FILIAL EM ESPINHO: **CONFEITARIA IDEAL**
Rua 8, N.º 593 — Telefone, 64 — ESPINHO
S. PAIO DE OLEIROS TELEFONE, **89**
VALE DO VOUGA **PAÇOS DE BRANDÃO**

ENDEREÇOS
POSTAL: Riomeão
TELEG.: Centro Ferragens-Riomeão
TELEFÓNICO: Vila da Feira, 55

RIOMEÃO — PORTUGAL
CIFIAL
A ferragem que conquistou o mercado pela qualidade e esmero do fabrico

LUIZ DE OLIVEIRA SANTOS
Paços de Brandão (PORTUGAL)
FÁBRICA DE PAPEL E CARTÃO
Telef. 152 - Arcozelo (PRAIA DA GRANJA)
FÁBRICA DE PAPEIS FINOS LISOS E RISCADOS
Telef. 26 PAÇOS DE BRANDÃO

FÁBRICA DE SACOS DE PAPEL COM IMPRESSÃO
A. Moreira da Costa
FUNDADA EM 1910 — Tel. 203 — **P. Brandão**
Papéis de embalagem, artigos de cordoaria e tapeçaria
S. PAIO DE OLEIROS — (Vale do Vouga)

AVELINO DE ALMEIDA E SOUSA
Fabricante e exportador de rolhas e produtos de cortiça
APARTADO, 5 — TELEFONE, 103
Paços de Brandão — PORTUGAL

FÁBRICA DE PAPEL DA ALDEIA
Santos & Irmão
PAPEL DE EMBALAGEM E CARTÃO EM TODOS OS TAMANHOS
Paços de Brandão
S. Paio de Oleiros
VALE DO VOUGA

Manuel Guedes Ferreira da Conceição
(FERREIRINHA)
Fabricante e exportador de cortiças
TELEF. 104 — LOUROSA
Vergada - Argoncilhe

Pinto de Magalhães, Limitada
BANQUEIROS
Capital e Reservas:
Cinquenta e dois milhões de escudos
Papéis de crédito — Notas de todos os países — Depósitos à ordem e a prazo — Descontos — Cheques — Transferências — Aberturas de créditos
Todas as operações bancárias
PORTO — Rua de Sá da Bandeira, 53
Telef. 20133 P. P. C. (7 linhas)
Teleg.: «Augafo»
LISBOA — Rua do Ouro, 99
Telefone, 366056
Amarante - Arcos de Valdevez - Peniche - Fátima
Correspondente no Brasil:
Pinto de Magalhães, Lda.
Rua do Ouvidor, 86 — RIO DE JANEIRO

Casa Saibreira — Fábricas de Sacos de Papel e Papel de Embrulho para cartuchos e embalagens
LUÍS DE SÁ COUTO — S. Paio de Oleiros-(Vale do Vouga)
Telef.: **143-P. BRANDÃO** — Fundada em 1918

Sacos de Papel e Papéis de embalagem de todas as qualidades
ROGÉRIO PINTO MOREIRA
S. PAIO DE OLEIROS — **Telefone: 79-Paços de Brandão**

A MODERNA DO FIAL — FÁBRICA DE SACOS DE PAPEL COM IMPRESSÃO
JOAQUIM DOMINGUES DA COSTA
Telefone: 104 - PAÇOS DE BRANDÃO - Lugar do Fial - **S. Paio de Oleiros** - Vale do Vouga

Fábrica Manual de Sacos de Papel Lisos e Impressos
Papéis de Embrulho e Embalagem
BERNARDO JÚLIO DE OLIVEIRA E SILVA - S. Paio de Oleiros-V. V.

Fábrica de Cordoaria e Tapeçaria — **MANUEL GOMES DA SILVA**
Fabricam-se cabos, cordas, fio e redes para transportes de cortiças, em sisal de 1.ª.
Tapetes, capachos, passadeiras, vassouras e escovas de piaçaba, papel de embalagem, cartão e sacos de papel - **S. PAIO DE OLEIROS - Portugal** - Telf. 144-P. BRANDÃO

DROGRARIA COUTO de: **Erpídio Alves do Couto**
Drogas e Materiais de Construção-Armazém de Retém em S. Paio de Oleiros
Telef. { Oleiros **103** / Lamas **228** } P. Brandão
Santa Maria de Lamas

S. JOÃO DE VER

e o Caminho de Ferro do Vale do Vouga

Por JOAQUIM ANTÓNIO COELHO

ESTA pacata e hospitaleira freguesia, cuja origem se perde no pó dos séculos, dado que já no século XII era um centro administrativo independente, mais tarde vila de S. João de Valério, pertence ao velho e histórico concelho da Feira, fazendo parte, portanto, das terras de Santa Maria.

Situa-se a norte da sede do concelho e a 3 quilómetros de distância, ligado a esta, a sul, por uma estrada de 1.ª classe — que vai da Feira a Espinho — e pelo centro por uma estrada camarária que anda, presentemente, a ser rectificada e asfaltada; é composta de 18 lugares, tem a superfície de 32 quilómetros quadrados e conta 4.250 habitantes.

É das freguesias do concelho mais bem situadas geogràficamente, não só pela amenidade do seu clima — que tem um pouco de marítimo — como também pelas vias de acesso que a atravessam, no sentido norte - sul. Além das estradas já citadas, é atravessada, a nascente, pela estrada de 1.ª classe de Lisboa - Porto; o caminho de ferro do Vale do Vouga que a atravessa de norte a sul e no centro; havendo mais um ramal de 1.ª classe, asfaltado, que liga as duas estradas de 1.ª, passando pela estação do caminho de ferro. Certo é que o seu desenvolvimento não tem sido relativo a estas grandes vantagens que possui, mas alguma coisa progrediu, depois do advento do caminho de ferro, como adiante veremos.

Foi terra de condes — do conde de S. João de Ver e do conde de Fijô — onde ainda vivem alguns dos seus descendentes nos solares brasonados. Na casa da Torre, do conde de S. João de Ver, reside o Sr. Dr. Ângelo Sampaio Maia, antigo Ministro do Trabalho, pessoa simpática, afável e comunicativa. No solar de Paçô, do conde de Fijô, reside o Sr. Alexandre Corte Real, figura de prestígio, muito simpática e popular.

Ambas as casas possuem grandes terrenos que ladeiam o caminho de ferro do Vale do Vouga, em ambas as margens, em grande extensão. Consta, até, que o terreno por onde passa a linha e que fica no meio das suas propriedades, fora cedido gratuítamente à Companhia do Vale do Vouga.

Dado ser a origem da sua gente essencialmente agrícola, a freguesia de S. João de Ver serviu de celeiro da Diocese e viveu em total apatia de progresso durante séculos, e só no princípio do século actual começou a dar acordo de si, especialmente a partir de 1908, data da inauguração da linha do Vale do Vouga que muito breve vai comemorar, dignamente, os 50 anos da sua existência.

Depois do aparecimento do caminho de ferro, como é natural, a sua indústria e comércio começaram a desenvolver-se e de tal modo que ainda hoje esse progresso continua contando-se já por dezenas o número de casas comerciais, especialmente de mercearia e vinhos, e sendo já elevado o número de unidades fabris, sendo as mais desenvolvidas a indústria de serração de madeiras — que já conta seis unidades fabrís; — a de ferragens — que conta quatro fábricas; — a indústria de lacticínios, a «Suil», que é no género a melhor fábrica da península.

Além das citadas, há outras indústrias de menor valor representativo, mas nem por isso deixam de ser indústria e dão emprego aos braços dos filhos da terra, as quais são: de sapataria; de louça de barro vermelho; de extracção de caolino para as grandes fábricas de louça «Sacavém»; extracção de saibro para a indústria de construção; construção civíl, hospedaria, etc..

A sua população operária está dividida em certas actividades, nas actividades da sua indústria e, também, na das indústrias das freguesias circunvizinhas, cujo número total anda à volta de 700 operários numa população de 4.250 almas e 850 fogos. Em contrapartida a sua indústria emprega braços das outras freguesias, isto num intercâmbio de livre escolha de profissão e entidade patronal, o que até aqui achamos humanamente agradável, sendo isso uma forma de evitar que a indústria abuse da grande oferta de braços, para lhes reduzir o salário a um mínimo intolerável, processo já condenado por Sua Santidade o falecido Papa Pio XII.

De lamentar é que no período de paz, como o que atravessamos, felizmente, a estação de caminho de ferro de S. João de Ver não dê o rendimento que à primeira vista seria de supor, atendendo à sua indústria e agregados populacionais; mas devido à facilidade e concorrência que as vias de comunicação por estrada oferecem aos transportes de mercadorias e pessoas, o tráfego por caminho de ferro está a ser feito duma forma bastante reduzida. Pois, como atrás

dissemos, nas grandes estradas que atravessam a freguesia, circulam camionetes de transporte público que chamaram a si os passageiros, devido, também, às liliputianas automotoras que circulam no caminho de ferro e com frequência deixam o passageiro em terra, por não suportarem mais lotação. Ora o passageiro não estava habituado a dirigir-se para o caminho de ferro e não ter lugar e, uma vez transtornada a sua viagem, não voltou a ter nele a confiança que já lhe depositara.

Isto sem falar na grande tonelagem de matérias que toda o indústria de S. João de Ver consome e fabrica e que é transportada pela caminheta, mas aqui não podemos assacar responsabilidades à C. P. mas sim à tão apregoada lei da coordenação dos transportes, já que a maior parte das unidades fabris se situa próximo da estação de caminho de ferro.

Ora todo este desenvolvimento, industrial, populacional e comercial, veio trazer à freguesia difíceis problemas, como seja o da habitação, dos lavadouros públicos, da água pura, da electricidade, etc..

Com desgosto confessamos que, na parte de abastecimento de água pura às populações e lavadouros públicos, estamos no ponto zero, pois todos os lugares estão necessitados de fontanários e de lavadouros públicos. Quanto a electricidade, embora só falte electrificar os lugares de Beire e Gondufe para que se possa apregoar aos quatro ventos que a freguesia está totalmente electrificada, também temos de confessar que a luz que abastece os lugares de Paço, de S. Bento, da Gesteira e de S. João, é tão fraca que, por vezes, chega a ter uma luminosidade mais débil que a velha «candeia» dos tempos dos nossos avós e que alguns ainda usam por a acharem melhor... e com razão! Independentemente de, nos lugares citados, não haver, sequer, uma lâmpada que forneça luz pública.

Estas faltas devem-se não só às autoridades concelhias, a quem compete resolvê-las, como, também, a toda a gente da freguesia, a quem compete ajudá-las. Mas não o fazem, não sabemos se por falta de bairrismo se ao facto de todos os habitantes não viverem em comum a necessidade de desenvolvimento da sua terra, devido, talvez, a viverem espalhados cada qual no seu lugar, estando estes, em alguns casos, isolados dos restantes e existirem, também, más vias de acesso que os liga.

Na parte escolar, podemos dizer que o assunto não é dos mais cruciantes, pois a Câmara acaba de receber, pronto, um edifício, no lugar de Beire, que comporta quatro salas de aula, estando outro projectado, com a mesma grandeza, para o lugar de Gesteira, cujo terreno já foi expropriado.

Podemos dizer que, quando for construído um edifício escolar, das dimensões dos que acabamos de referir, no lugar ou núcleo de Santo Redondo, o problema escolar, em S. João de Ver, está resolvido para alguns anos.

Da maneira como a população da freguesia está a aumentar, pois as famílias mais numerosas são as da classe operária (pobre) que vão até 12 filhos, os problemas da habitação, da higiene, do abastecimento de água e de lavadouros, tornam-se cruciantes.

As autoridades locais, devido à falta de rendimentos, não os pode resolver e já tem feito diligências para que alguns sejam resolvidos por quem de direito.

Também sendo católica quase toda — se não toda — a sua população, a sua igreja paroquial, que já conta 600 anos, tornou-se insuficientíssima para a prática do culto, além do seu aspecto de ruína que apresenta.

Já foram lançados os primeiros gritos para a construção duma nova igreja, que tão necessária é, mas até hoje o que se fez ou os seus frutos são muito pouco animadores.

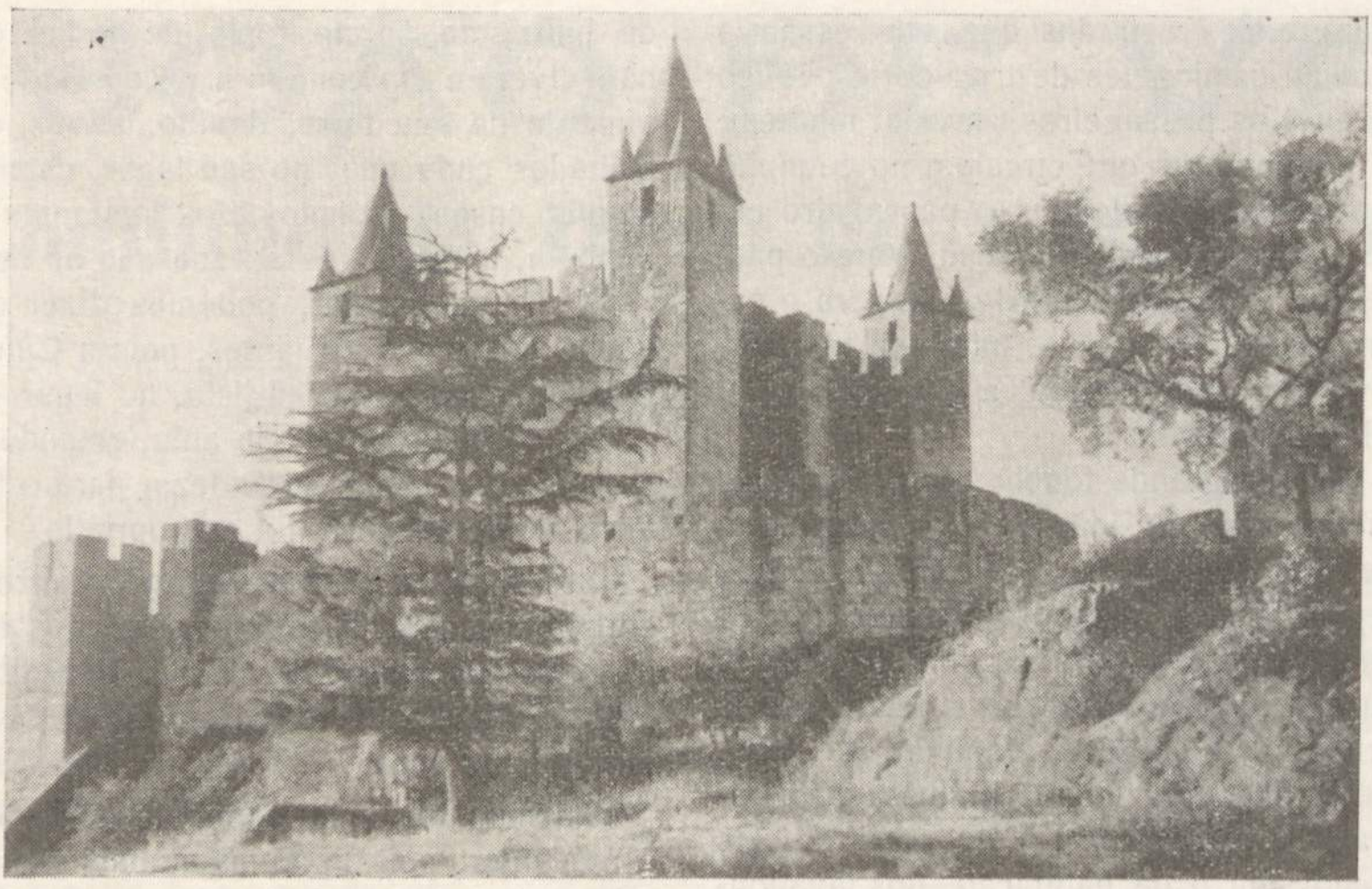
Agora, para finalizarmos esta crónica mal esclarecedora — mas que é o sentir sincero dum sanjoanense — resta-nos dizer que a população de S. João de Ver é trabalhadora, humilde e hospitaleira.

Manuel Ferreira Carneiro
Fornecedor de Madeiras e Lenhas
Caixotaria e Madeiras Lavradas

TELEFONE 5002-FEIRA
Albarrada
S. João de Ver-FEIRA

JOSÉ DE SOUZA & FILHOS
Fábricas de serração de MADEIRAS
Secção de Brinquedos «INACA»
Telefone, 34-P. B. X. — Telegramas: SOUZ FILHOS — Vila da Feira
S. JOÃO DE VER — VILA DA FEIRA
PORTUGAL

FÁBRICAS DE PAPEL E CARTÃO
DE TODAS AS QUALIDADES
MANUEL PINTO BARBOSA
TELEFONE: 16 - P. Brandão
S. PAIO DE OLEIROS



Vila da Feira

O seu Castelo e as suas Caldas de S. Jorge

ENTRE as surpresas que o Caminho de Ferro do Vale do Vouga pode proporcionar ao viajante — e tantas surpresas agradáveis proporciona — pode contar-se, a poucos quilómetros de Espinho e de beleza e pinturesco surpreendentes, a histórica Vila da Feira, sede e centro dum dos mais ricos concelhos do Distrito de Aveiro e do Norte do País.

A Vila da Feira — a ilustre Terra de Santa Maria — é das mais antigas povoações do País; e o seu castelo, cuja origem se desconhece, foi dos primeiros a pronunciar-se por D. Afonso Henriques contra sua mãe D. Teresa.

Foi assim um dos mais decididos lutadores da fundação da nossa nacionalidade.

Além do Caminho de Ferro do Vale do Vouga, é a Vila da Feira servida também por magníficas estradas que a põe em rápida comunicação com o Porto, Espinho, Ovar e o rio Douro.

É atravessada pela linha férrea do Vale do Vouga no sentido noroeste a sudeste, contando-se, dentro da sua área, nessa travessia, seis estações: Sampaio-Oleiros, Paços de Brandão, Riomeão, S. João de Ver, Vila da Feira e Arrifana — e, além destas estações, mais quatro apeadeiros: Lapa, Cavaco, Sanfins e Escapães.

É por entre pinheirais que o Caminho de Ferro corre, começando a paisagem a desdobrar-se em mais largos horizontes à medida que se aproxima de Vila da Feira, até que surge o vale ameno de suaves declives onde repousa esta graciosa e pinturesca povoação.

Vila da Feira não possui prédios grandiosos, apesar da sua antiguidade, mas possui várias casas mais ou menos brasonadas, merecendo, no entanto, especial menção três casas solarengas: em S. João de Ver, a do Conde titular deste nome; em Paços de Brandão, a *Casa da Portela,* solar que foi dos Pinto de Almeida; e em *Mosteirô,* a *Casa da Murtosa*, solar que foi do ilustre general Sousa Brandão.

A cerca de seis quilómetros da Vila estão localizadas as CALDAS DE S. JORGE, bela estância de repouso, tratamento e cura, que possuem um bom estabelecimento termal — ùltimamente completamente remodelado — e são servidas por algumas boas Pensões que se encontram abertas durante todo o ano.

Descobertas em 1770, ficam situadas no lugar da Sé, freguesia de S. Jorge, concelho da Feira, cerca de 25 quilómetros para sul da cidade do Porto, ao lado do rio Uima, famoso pela abundância e qualidade das suas trutas, afluente do rio Douro.

Este local faz parte dum fertilíssimo vale, cheio

de ar e luz, possuindo um clima de montanha, extremamente suave; encontrando-se rodeado de extensas matas de pinheiros, respira-se ali um ar muito oxigenado e puro.

As «CALDAS DE S. JORGE» são servidas pelas estações de S. João de Ver e de Vila da Feira, conhecidas já no tempo de D. João VI, que autorizou o imposto de real sobre cada quartilho de vinho vendido na Câmara, para obras na estância.

* * *

Continua-se, neste ano do Cinquentenário, pela oportunidade que tal circunstância oferece, a dar-se conhecimento de *recantos* maravilhosos, dignos de serem visitados e devidamente apreciados, por todos aqueles que gostam e admiram o belo, a paisagem encantadora que fartamente se regista através de todo o País e que o Caminho de Ferro, com grandes comodidades e rapidez, principalmente com as modernamente introduzidas no seu sistema, fàcilmente, em todos os sentidos, contacta.

O nosso «Portugal Panorâmico» tem imensos recantos, mais ou menos pinturescos, imensas paisagens, inúmeros lugares deliciosos, extremamente agradáveis, onde a vista se distrai, se alonga num remanso de quietude, de tranquilidade, de paz e de satisfação espiritual.

Descrevê-los, com as cores necessárias, com as qualidades próprias e originais, que esses recantos nos apresentam, não é fácil, mas dar-se a conhecer a sua existência, a sua localização é um dever porque, quantas vezes, o viandante, amador de coisas belas, còmodamente recostado junto de uma janela da carruagem que o transporta, olhando para o exterior, ignora que, por detrás de um pequeno oiteiro ou simples cómoro, existem verdadeiros lugares de maravilha, aspectos panorâmicos dignos de serem visitados, pela sua beleza, pelos seus «Longes» de encanto, pela sua história ou pela sua antiguidade.

Neste artigo ocupar-nos-emos da histórica Vila da Feira, primitivamente «Civitas Santa Maria» que o Caminho de Ferro do Vale do Vouga atravessa e serve.

Com os céleres comboios Foguetes, Rápidos, Directos e Automotoras, Vila da Feira fica a poucos minutos de Espinho — ponto de mudança de via — a poucas horas de Lisboa e, consequentemente, de quaisquer outras terras do País. O passageiro tanto pode descer do comboio no apeadeiro de Cavaco, como na estação de Vila da Feira. Talvez no primeiro, pelo panorama que se começa desfrutando, visão da silhueta, um tanto ou quanto longínqua, do seu característico e inconfundível Castelo — onde nasceu Portugal — afirmação feita pelo ilustre escritor e historiador feirense, Dr. Vaz Ferreira, da Comissão de Vigilância pela Guarda e Conservação do Castelo da Feira.

Não se pode pensar, — de forma alguma — que seja uma afirmação «gratuita» dada a categoria do escritor que baseia os seus estudos em factos históricos de difícil refutação, sendo um dos principais, ter sido este Castelo um dos primeiros a declarar-se por D. Afonso Henriques, contra sua mãi D. Teresa.

No «Portugaliae Monumenta Histórica» regista-se que o nome de FEIRA, dado às Terras de Santa Maria, apareceu pela primeira vez em diploma oficial do ano de 1117.

Trata-se de uma interessantissima povoação, servida pelo Caminho de Ferro do Vale do Vouga, onde há 50 anos Sua Majestade D. Manuel II, almoçou, visitando seguidamente o Castelo, quando procedia à inauguração da linha, em 23 de Novembro de 1908.

Subindo-se uma suave encosta que da Vila nos leva ao Castelo e, entrando-se nele, oiça-se, vagarosamente, o que aquelas velhas pedras, das suas 4 torres, das suas altaneiras muralhas, lavradas há mais de mil anos, nos ciciam, do seu passado, e ficará bem gravado na memória de quem o observa, os feitos heróicos que ali se encerram, desde que ali nasceu Portugal.

Devemos estar em presença de um dos mais velhos e mais bem restaurados e conservados Castelos Portugueses de tempos medievais, padrão militar que nos imprime respeito, monumento nacional classificado de maravilha arquitectónica.

É das suas 4 torres, do seu eirado, das suas vigias e por entre as suas ameias que os olhos se extasiam, se deliciam diante desse quadro maravilhoso, dessa imagem paradisíaca que a natureza nos apresenta. Tudo ali nos encanta e surpreende. Para nascente toda uma região que se confina nas alturas serranas de Cambra e Arestal; para poente as doiradas areias do litoral, tendo por pano de fundo o majestoso estuário da Ria de Aveiro, que se estende desde as proximidades de Vagos até Ovar; de sul e norte, pinheiros, árvores seculares, arbustos variados, os bem tratados jardins de Vila da Feira, com as suas flores, de cada época, de variado colorido e efeito.

Em anexo, extra-muros, visite-se a formosa capela hexagonal do século XVII, tipo Renascença.

Antes de retirar de Vila da Feira, se o visitante for guloso, não se esqueça de provar as famosas e tradicionais «fogaças» da Vila da Feira e os seus «caladinhos», especialidades da Terra que são um verdadeiro mimo da doçaria Portuguesa.

Caldas de S. Jorge

(CONCELHO DA FEIRA)

(Concessionária: — Câmara Municipal

Águas hipotermais, hiposalinas, sulfidratadas, chloretadas, sódicas e alcalinas.

É uma das mais abundantes nascentes sulfúreas do País (72.000 litros em 24 horas) à temperatura de 23º — sendo notáveis, entre as suas congéneres, pela *alcalinidade* e pela percentagem de *Litina*.

Empregam-se:

Internamente: — Em doenças do aparelho digestivo, respiratório e artritismo.

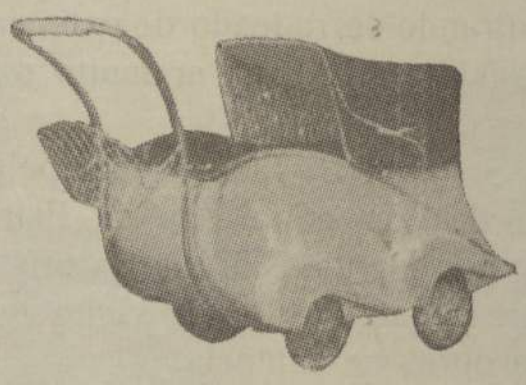
Regularizam as funções digestivas, aumentam a alcalinidade do sangue e bilis, facilitando a expulsão de cálculos. Extremamente diúreticas, são muito usadas contra as manifestações artríticas, baixando a hipertensão, de grande resultado na insuficiência hepática e nas inter-colites átonas.

Externamente: — Em doenças da *pele, eczemas, psoriasis, acne, lichen, prurido, sífilis, reumatismo,* em todas as suas modalidades.

São também empregadas no tratamento de bronquites asmáticas.

Banhos de imersão: — 1.ª, 2.ª e 3.ª classes (desinfecção pelo vapor sob-pressão), *duchas, inhalações, pulverizações, irrigações nasais e auriculares.*

Director clínico: *Dr. Domingos Caetano de Sousa*



Fábrica Orim

Jalmires H. Ribeiro

CALDAS DE S. JORGE

Fábrica de: Automóveis, Patinetes, Carrinhos, Cadeiras para Bebés, Carros para Bonecas.

TELEFONE { Fábrica, 20 / Residência, 13

"Rico"... É a marca...

"Rico" .. É o queijo...

Um Produto Português da

LACTICÍNIOS **MAF,** LIMITADA

Manteiga PRADO

Queijo RICO

TELEFONE 70

Fornos - VILA DA FEIRA

Empresa Gráfica Feirense, Lda.

MÁQUINAS MODERNAS

UMA SUGESTIVA E MODERNA CRIAÇÃO PARA CADA TIPO DE IMPRESSO

Tipografia — Execução esmerada de todos os trabalhos tipográficos

Encadernação — Livros e pastas para escrituração comercial. Embalagens diversas

Trabalhos a cores e com relevo

— Revistas, Livros e Jornais —

Composição Mecânica

APARTADO 4 — TELEFONE, 52 - P. B. X.

VILA DA FEIRA

Externato de Santa Maria

VILA DA FEIRA

TELEFONE: 105

1.º e 2.º Ciclos dos Liceus — Instrução Primária

Admissão aos Liceus e Escolas Técnicas

A funcionar em novas instalações no próximo ano lectivo

Bernardo d'Almeida

FABRIMA — (EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS)

FABRICO DE:

Carrinhos para Criança

Triciclos

Automóveis

Bicicletas

Trotinetes, etc.

CALDAS DE S. JORGE

FEIRA

TELEFONE: 8

SUIL, L.DA

LEITE EM PÓ VITAMINADO ALIMENTAR
LEITE EM PÓ PARA FINS INDUSTRIAIS
MANTEIGA PASTEURIZADA

Caseína láctea e de coalho — Colas a frio e aderentes para pulverização, à base de caseína «SUILITE» em placas e varetas

Distribuição domiciliária de leite em garrafas, no Porto e arredores

AREAL * VILA DA FEIRA ■ Tele { fone 74 V. F. / gramas: SUIL

V.ª de Joaquim Gomes da Costa

Fábrica de Ferragens para a Construção Civil

EXPORTAÇÃO PARA O IMPÉRIO

FUNDADA EM 1922

TELEFONE, 96 — V. DA FEIRA
S. JOÃO DE VÊR — VILA DA FEIRA
PORTUGAL

METALÚRGICA DE S. JOÃO DE VÊR L.DA

Fábrica de Ferragens Ferramentas e Fundição de Metais

TELEFONE, 116 — FEIRA

S. JOÃO DE VÊR — FEIRA
PORTUGAL

ARRIFANA

O escritor Vicente Rebelo de Sousa Reis escreveu que a origem de Arrifana não pode, em boa verdade e até ao momento presente, ser suficientemente esclarecida dentra duma rigorosa demonstração histórica. Há muita lenda e exagero naquilo que a tal respeito foi publicado em tempos recuados. Por isso, o pouco que vai ler-se será respigado de trabalhos recentes que se alicerçam em documentos históricos de comprovada autenticidade.

É muito interessante e comove a alma ingénua do nosso povo, a lenda da Rainha Santa Isabel dando vista a uma ceguinha quando passava pelas ruas do velho burgo em romagem a Santiago da Galiza. E, segundo o relato da mesma lenda, estando a Rainha Santa a comer uma laranja azeda numa casa que servia de estalagem, uma pevide dessa mesma laranja caiu no chão e no seu lugar nasceu uma laranjeira, cujos frutos tinham junto ao seu pedículo desenhadas as armas de Portugal.

Mas, se estes dois episódios, contados pelos trovadores das gestas primevas da nossa nacionalidade, se revestem duma inocente efabulação mística, outro tanto se não pode dizer do facto histórico, plenamente autenticado, de D. Manuel I, em 5 de Dezembro de 1502, portanto há mais de quatrocentos anos, ter estado em Arrifana, no regresso duma viagem de Coimbra ao Porto, e deste burgo ter datado a carta régia respeitante à construção da igreja matriz de Vila do Conde. No foral dado à Vila da Feira e Terras de Santa Maria por este mesmo rei, em 10 de Fevereiro de 1514, a nossa terra figura com o nome de: *burgo da Ryfana.*

Joeirada a história escrita sobre a nossa terra, encontramos bases sólidas para podermos estabelecer uma ordem cronológica de factos que fazem remontar a antiguidade de Arrifana muito além dos tempos do maior esplendor da unidade nacional.

Como Portugal foi talhado à sombra da Cruz e da Espada, é precisamente nos documentos religiosos de determinadas épocas desse batalhar por uma pátria una que vamos encontrar os materiais precisos para se escrever essa história.

O nome de Arrifana, segundo a opinião de eruditos investigadores, deriva da palavra «Arrayan», nome árabe duma planta chamada: *mirto* ou *arraião*, como o afirma o Dr. Seybold de Tubinga na sua «Onomástica-Arábico» — portuguesa. David Lopes, B. 2.ª cl. Académico de Ciências, 1910).

É possível que a origem do seu nome ande à roda da invasão árabe e que precisamente em Arrifana abundasse o *arraião,* planta que hoje é conhecida pelo nome de *murta,* da família das plantas dicotiledóneas-resinosas, daí se inferindo que à data da invasão árabe, este local deveria ser rude e áspero. E, se agora quisermos entrar no domínio das suposições, ouviremos João Pedro Ribeiro, nas suas *Reflexões Históricas,* 2.ª parte, fls. 179, afirmar que Arrifana foi cidade nos séculos XI e XII.

O falecido escritor Fortunato de Almeida, no vol. 2.º, a fls. 616 da sua «História da Igreja em Portugal», cita o catálogo das Igrejas, Conventos e Mosteiros de Portugal e Algarve, mandado fazer por D. Dinis, e onde a primitiva igreja de Arrifana é colocada no burgo de *Manhoce* ou *Manoci,* nos tempos medievais.

O foral velho da Terra de Santa Maria (Inquirição de D. Afonso III) cita o local *Manoci* como sede da primitiva igreja. É ocasião própria de dizermos que o frontal do velho altar, da Igreja de Manhoce, trabalhado em pedra ançã, se encontra devidamente arrumado na sacristia do Mártir S. Sebastião da actual igreja, donde, há anos, o quiseram retirar para o Museu regional de Aveiro, ou Coimbra.

A data de 1767 que se lê no frontespício da nossa actual igreja não deve indicar o ano em que ela se edificou, mas sim o ano em que ela foi reconstruída, porquanto o padre António Carvalho da Costa, na sua Corografia de Portugal de 1708, a fls. 140, fala na igreja de Santa Maria de Arrifana *e da sua ermida de Manhouce.* O já citado escritor Fortunato de Almeida, na mesma História da Igreja em Portugal, a fls. 609 e seguintes, diz que pelos anos de 1320 a 1321 foi a mesma Igreja *tributada com a taxa de 50 libras para subsídio de guerra contra os mouros.* E já no tempo do bispo do Porto, D. Martinho Pires, imediato sucessor de D. Fernando Martins, falecido em 1185, *há setecentos setenta e três anos,* havia a mesma igreja sido tributada para a mesa episcopal do Porto com a taxa seguinte, como consta do Censural do Cabido da Sé do Porto, a pág. 548: *Eclesia Santae Mariae de Manhuce,* que passamos já a transcrever em português:

De cera — meia libra.
De direitos de sepultura — 50 soldos.
De trigo — 45 alqueires.
De aveia — 75 alqueires.

De milho — 75 alqueires.
De vinho — 2 puçães.

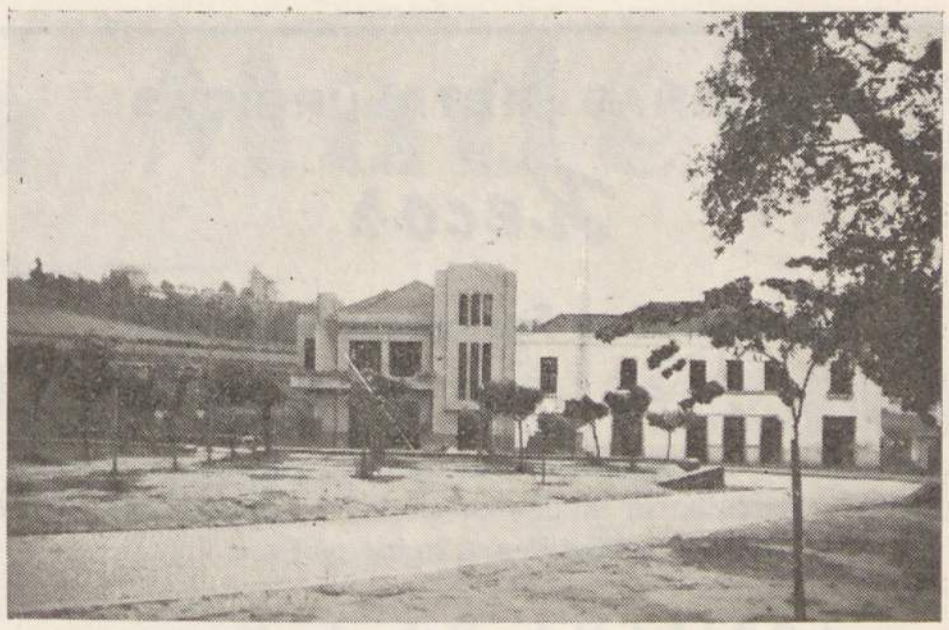
Pouco mais adiantaremos sobre a história de Arrifana, pois a índole desta publicação não nos permite maior desenvolvimento. Se o leitor quiser colher maior soma de conhecimentos a esse respeito, eu aconselho-o a ler o volume: *Notícias e Memórias da Freguesia de Santa Maria de Arrifana,* de Saul Eduardo Rebelo Valente, onde se descreve o passado histórico de Arrifana com largueza de pormenores.

Se a história desta terra é velhinha de séculos, naturalmente que a dentro dos seus muros devem ter existido famílias ilustres e de fidalga estirpe. O *Dicionário* do padre Luís Cardoso assim o afirma.

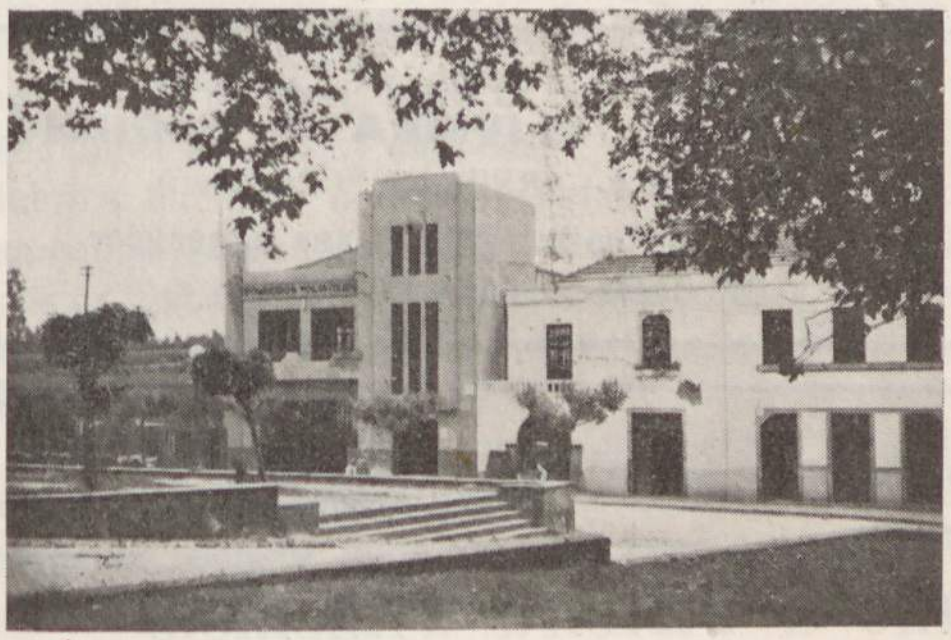
Para terminar a síntese histórica de Arrifana, seja-nos permitido lembrar mais outro passo, cujo Monumento da Guerra Peninsular, erecto na praça do mesmo nome, oficialmente o autentica.

Na madrugada de 17 de Abril de 1809, Arrifana foi cercada por tropas francesas, comandadas pelo feroz general Thomiers, e um grande número de arrifanenses foi trucidado no campo da Buciqueira, limite de S. João da Madeira, sendo incendiados os melhores prédios da freguesia. Esta represália foi levada a cabo para vingar a morte violenta dum emissário de Soult que vinha de Albergaria e de Oliveira de Azeméis com despachos, e fora surpreendido por guerrilhas de Arrifana e de S. Thiago de Riba d'Ul. Este episódio da história de Arrifana está condensado na letra do seu hino, na seguinte passagem duma das suas estrofes:

«Teu brasão de antiguidade
E' timbrado de amargura:
Por amor da liberdade,
Tu sofreste sorte dura».



ARRIFANA — Largo da Feira



ARRIFANA — Quartel dos Bombeiros Voluntários

* * *

Nos últimos anos Arrifana tem sofrido uma enorme transformação no seu aspecto urbano e no seu desenvolvimento industrial e comercial. Há um pormenor digno de focar-se e que muito tem contribuído para este seu progresso: o facto de Arrifana se encontrar encostada às ilhargas de S. João da Madeira, terra essencialmente construtiva e que nos tem servido de modelo, espantando-nos pelo acréscimo da sua riqueza pública. É tam pequena a distância que separa estas duas terras, se distância se pode chamar ao espaço que medeia entre os quintais de dois bons vizinhos, que o abraço duma entrelaça-se no abraço da outra.

A MODERNA
Oficina de couros e peles envernizadas
de
Custódio de Sousa Júnior
Telefone 240 (Rede de S. João da Madeira
ARRIFANA - Vale do Vouga
Especialidade em peles para solainas
para tecidos

FÁBRICA MECÂNICA DE CHAPÉUS E CALÇADO
Francisco Leite Soares de Rezende, L.da
ARRIFANA - Vale do Vouga
(PORTUGAL)
Tele { fone, 55 (Rede de S. João da Madeira)
gramas: FRANCISCO LEITE
APARTADO N.º 1
Chapéus de pêlo, chapéus de lã fina e lã nacional.
Calçado para homem.
REZENDE — Os chapéus que se vendem em toda a parte

OFICINAS METALÚRGICAS
Recor
Alexandre Ferreira Tavares
Fundição de ferro e outros metais — Moldação manual e mecânica — Especializada no fabrico em série ou quantidade — Serralharia mecânica e civil — Estudo e fabrico de máquinas para todos os fins.
ARRIFANA - Vale do Vouga

CONSTANTINO PEREIRA RESENDE
Construtor Civil
Estabelecimento de drogas, ferragens, louças e todos os materiais para a construção
ARRIFANA V. V. — Telef. 480

Fábrica manual de calçado «LIMAC»
DE
JOSÉ DIAS MAGALHÃES
TELFFONE, 139
ARRIFANA — Vale do Vouga

Fábrica de chapéus de feltro, merino e lã grossa
VENCEDOR
de ROBERTO NUNES DE AZEVEDO
TELEFONE: 303 (Rede de S. João da Madeira)
Vale do Vouga — ARRIFANA — Portugal

FÁBRICA DE CALÇADO GUARANI
José Rezende Garcia
TELEFONE N.º 138 (Rede de S. João da Madeira)
ARRIFANA (VALE DO VOUGA)

Fábrica de calçado «ELVIRA»
DE
MOISÉS JOAQUIM GONÇALVES
Calçado para homem e Senhora
Lugar do Outeiro — ARRIFANA — V. Vouga

CARLOS DA COSTA LIMA
Fabricante de Pomadas para Calçado, Ceras e Tintas
Lustrina ALTONA para Calçado
TELEFONE, 47
ARRIFANA - Vale do Vouga

Fábrica de calçado «CELCAR»
SOARES DE OLIVEIRA & GODINHO
OUTEIRO - ARRIFANA (Portugal)
Se tem bom gosto EXIJA do seu fornecedor
CALÇADO «CELCAR»

CAMINHO de FERRO do VALLE do VOUGA

Abertura da Secção d'Espinho a Oliveira d'Azemeis

AO

Serviço de Passageiros, Bagagens e Cães

NO DIA 21 DE DEZEMBRO DE 1908

ESPINHO A OLIVEIRA D'AZEMEIS					
Estações	Preço dos bilhetes 1.ª CLASSE	2.ª CLASSE	3.ª CLASSE	Comboio N.º 1	Comboio N.º 3
Espinho-Praia	—	—	—	Partida 8,30 manhã (horas)	Partida 5,00 tarde (horas)
Espinho-Vouga....	130	90	70	» 8,35 »	» 5,05 »
Oleiros	150	120	80	» 8,50 »	» 5,19 »
Paços de Brandão .	200	160	120	» 8,58 »	» 5,26 »
S. João de Ver	300	240	170	» 9,11 »	» 5,38 »
Villa da Feira.....	390	310	230	» 9,31 »	» 5,54 »
Arrifana	490	370	270	» 9,41 »	» 6,04 »
S. João da Madeira.	510	380	280	» 9,51 »	» 6,10 »
Cocujães	580	450	320	» 10,04 »	» 6,21 »
Oliveira d'Azemeis.	660	510	360	Chegada 10,13 »	Chegada 6,30 »

OLIVEIRA D'AZEMEIS A ESPINHO					
Estações	Preço dos bilhetes 1.ª CLASSE	2.ª CLASSE	3.ª CLASSE	Comboio N.º 2	Comboio N.º 4
Oliveira d'Azemeis:	—	—	—	Partida 6,00 manhã (horas)	Partida 1,30 tarde (horas)
Cocujães.....	130	90	70	» 6,11 »	» 1,43 »
S. João da Madeira.	170	130	90	» 6,22 »	» 1,58 »
Arrifana	200	160	120	» 6,27 »	» 2,03 »
Villa da Feira	280	210	160	» 6,40 »	» 2,20 »
S. João de Ver....	380	300	220	» 6,53 »	» 2,34 »
Paços de Brandão .	490	370	270	» 7,05 »	» 2,47 »
Oleiros	550	410	300	» 7,12 »	» 2,55 »
Espinho-Vouga ...	660	510	360	» 7,26 »	» 3,09 »
Espinho-Praia	660	510	360	Chegada 7.30 »	Chegada 3,13 »

AVISO.— A venda de bilhetes para os passageiros sem bagagens ou cães, cessa 5 minutos antes da hora da partida do comboio, e meia hora antes da hora da partida do comboio para os passageiros que tenham bagagens ou cães a despachar.

O Engenheiro chefe da Exploração,
G. PRÉVAULT

S. João da Madeira

Importantíssimo centro industrial e a notável acção do seu Município

MESMO sem estatísticas e expressões matemáticas, demonstrado está que o Portugal económico, neste último meio século, ganhou um reflorescimento de actividades industriais e produtivas, sem precedentes na história.

S. João da Madeira é o exemplo mais interessante e mais vivo, porque sem exageros, verifica-se que, pelo seu valor industrial, em quantidade, em qualidade e multiplicidade de artigos, alguns dos quais únicos no País, como as máquinas de costura «OLIVA», pode considerar-se como vila provinciana, um fenómeno de progresso, apenas ultrapassado, talvez, por Lisboa e Porto.

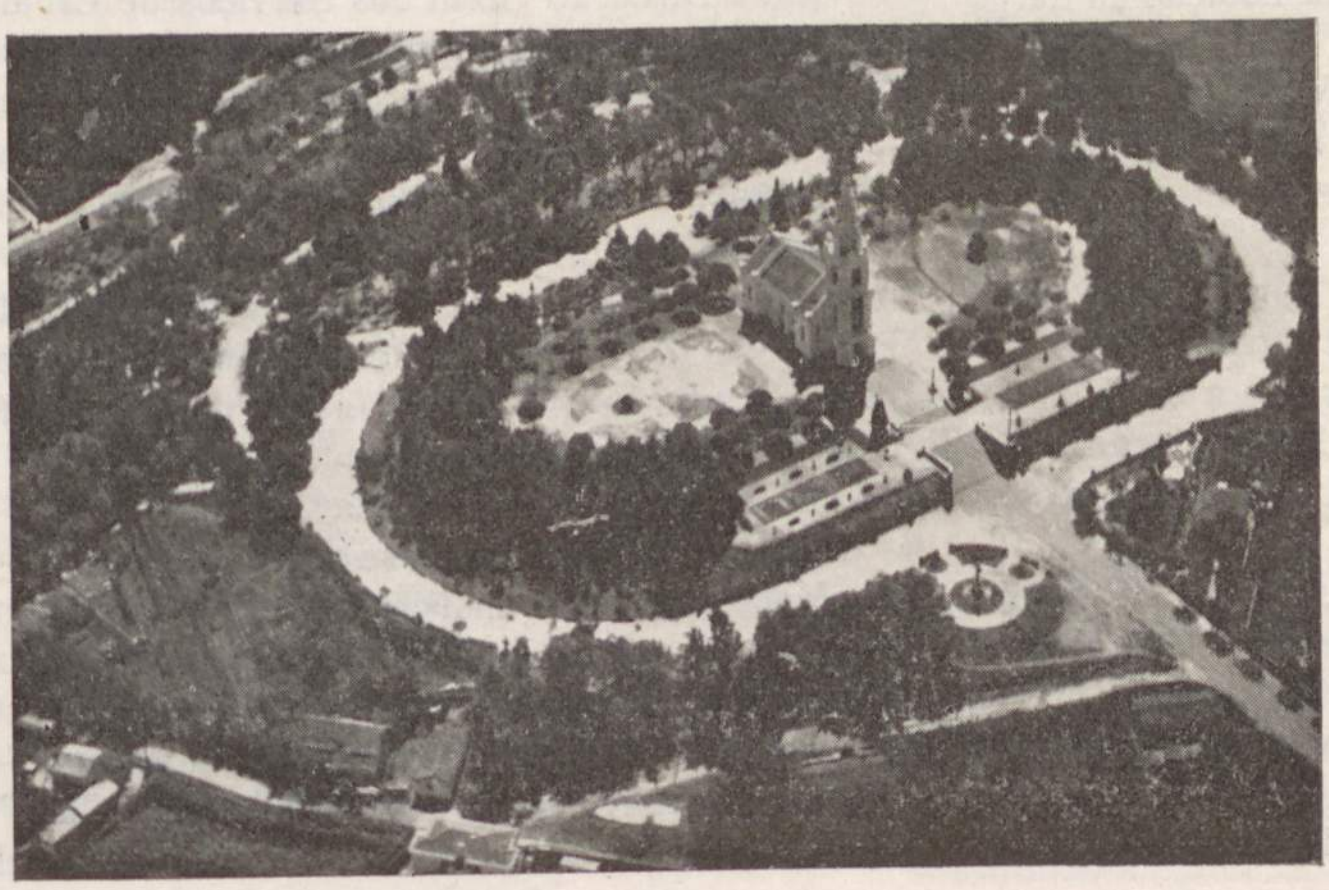
São tantas, tantas as suas fábricas e tão variadas as suas indústrias e já de ronome e fama através de Portugal inteiro, África e Brasil, que julgamos necessário mais uma vez destacar entre a sua indústria os seguintes produtos: chapéus, o que de mais fino se fabrica em todo o mundo; colchões de molas com sumaúma, colchões de rede de arame, calçado para todos os sexos e idades, velas, urnas funerárias, plásticos, fitas de seda, licores, refrigerantes, artefactos de borracha, etc..

Só uma visita demorada com atenção e sentido observador se poderá avaliar e ajuizar conscienciosamente, quanto pode fazer e executar um Povo, como S. João da Madeira, operoso, trabalhador, inventivo, pondo o seu talento, a sua inteligência e a sua força de vontade ao serviço do engrandecimento da sua terra e consequentemente da Nação.

S. João da Madeira é também um dos recantos, que a linha do Vale do Vouga serve, digno de ser visitado, não só pelo seu valor industrial — o principal — mas também pelo seu valor turístico, panorâmico e modernas realizações, como o aformoseamento do Largo da Câmara Municipal, Largo de St.º António, Alameda, Carquejido e da Praça Luís Ribeiro e ainda o «PARQUE DOS MILAGRES», verdadeira sala de visitas desta formosa e encantadora vila, donde se desfrutam uns «longes» admiráveis, e que honra os seus realizadores e continuadores. Atravessada de lés a lés pela estrada Porto-Lisboa, oferece ao viajante que a desconhece, motivo quase obrigatório de ali ficar por momentos e quantas vezes para sempre.

«Labor» é o seu brasão, e o seu renome e a sua fama estão feitos, não carecendo de maior fasto ostentoso.

Não se pode nem deve, porém, para melhor vincar o esforço de uma terra que vive apenas de si própria deixar-se de registar o plano das suas actividades para o ano de 1959, na parte referente a obras e melhoramentos, afim de melhor se avaliar a continua-



S. JOAO DA MADEIRA

ção desses esforços e obras que desde 1926 — data da sua elevação a Concelho — se vêm executando.

Essas obras e melhoramentos são descriminados da forma seguinte:

Obras a executar exclusivamente por força de receitas próprias:

Já iniciadas:

— 1) — Construção de uma rua que liga a Avenida Benjamim de Araújo ao lugar do Pedaço, saíndo das proximidades do novo cinema.

— 2) — Construção de uma rua que liga a rua Serafim Leite ao lugar do Pedaço.

— 3) — Construção de uma rua no lugar de Espadanal, ligando à Estrada Municipal n.º 227.

— 4) — Construção de uma rua do lugar da Quintã, ligando à E. N. 1 a rua Vasco da Gama.

— 5) — Arranjo do Largo de Santo António.

Obras Novas:

— 1) — Pavimentação da rua da Estação ao Largo das Laranjeiras.

— 2) — Pavimentação da rua Vasco da Gama.

— 3) — Pavimentação da rua nova da Quintã.

— 4) — Alargamento e pavimentação a cubos da rua Guerra Junqueiro.

— 5) — Pavimentação da rua Dias Garcia, também denominada pela do Tapado (troço compreendido entre o edifício dos Bombeiros e a E. N. 1).

— 6) — Arranjo da rua do Calvário, desde a Capela ao Largo do mesmo nome, bem como o arranjo deste.

— 7) — Arranjo do Largo Dr. Renato de Araújo.

Quanto a obras a executar sendo o Estado comparticipante, prevê-se: Já iniciadas:

— 1) — Construção do mercado de S. João da Madeira.

— 2) — Pavimentação da rua de Vista Alegre.

— 3) — Reparação e beneficiação da Estrada Municipal do lugar do Orreiro.

A obra de construção do mercado deverá ter prioridade sobre todas as outras, não só por ser uma obra reprodutiva, como também pelos benefícios que trará à higiene alimentar.

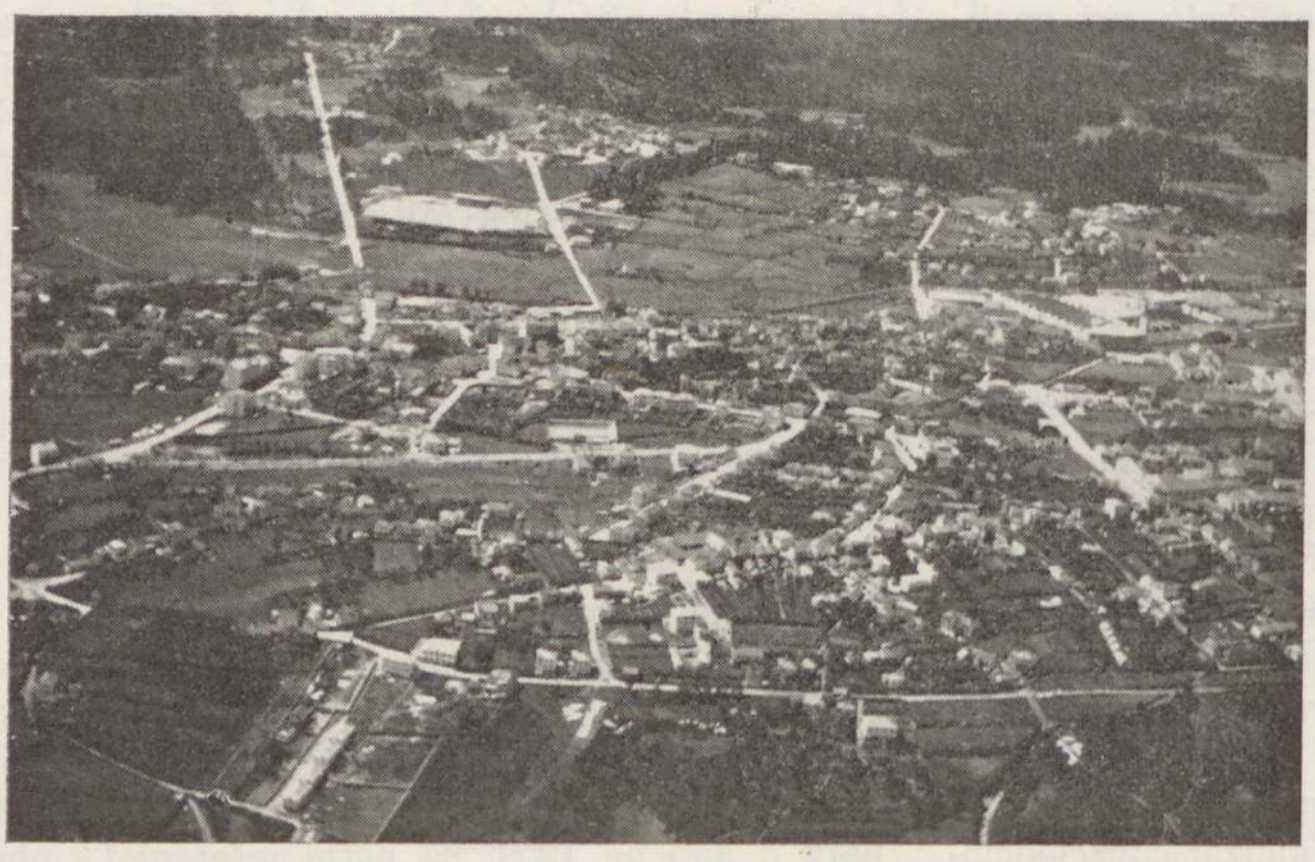
Obras Novas:

— 1) — Construção da Avenida Dr. Renato de Araújo — terraplenagens.

— 2) — Reparação e beneficiação do caminho de ligação ao limite do Concelho de Vila da Feira, passando pelo lugar do Parrinho — terceira fase.

— 3) — Supressão da passagem de nível junto ao mercado.

No plano de actividades, informa-se ter sido remetido aos Serviços de Urbanização o ante-projecto do novo edifício do matadouro, em virtude de o existente não satisfazer às necessidades actuais.



S. JOÃO DA MADEIRA
(Uma vista de avião)

CASAS DE RENDA ECONÓMICA: — Aguarda-se que a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização dê o seu parecer sobre a implantação das casas de renda económica que a Federação das Caixas de Previdência se propõe construír nesta Vila. Só então serão alienados os terrenos destinados a esse fim.

CASAS ECONÓMICAS: — Possuindo já a Câmara os terrenos necessários, para serem cedidos à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, aguarda-se que esta mande proceder à sua medição para efeitos da elaboração do respectivo auto de demarcação e sua urbanização.

Pelo exposto, demonstra-se com clareza que S. João da Madeira, a vila mais progressiva e mais industrial das terras provincianas, é acompanhada no seu progresso industrial e comercial pelos seus actuais dirigentes Municipais, onde se destacam pelo seu acendrado bairrismo o seu Presidente e Vice-Presidente, que não descuram a necessidade de elevar

URNAS FUNERÁRIAS
(Em todas as madeiras)
Armações de Igreja
Agência Funerária
Vassouras e escovas de Piassaba

FÁBRICA UNIVERSO
NO CONJUNTO A ÚNICA NO PAÍS

Velas de cera, estearina e sebo
Ceras para calçado e enceramentos
Velas de CERA em todas as dimensões
Modelos de cera
Exportador para Ilhas e África

Alves & Filho, Sucr.
(ANTÓNIO ALVES DA SILVA)
Rua Jaime Afreixo

TELEFONE: 158 TELEGRAMAS: «ALFIL»

S. João da Madeira
PORTUGAL

Prefiram as Urnas «Peroladas» — são uma Obra-Prima da Indústria Nacional
Velas e tulipas para procissões

LUSOLINDO
Fábrica Manual de Calçado
José Pinho de Lima
Fornecedor da Comp.ª C. Ferro Portugueses
Exporta para Continente, Ilhas e África
Rua Jaime Afreixo S. JOÃO DA MADEIRA

FÁBRICA DE CALÇADO
Tip-Top
Armando da Costa Almeida & C.ª
SRS. FERROVIÁRIOS — Calcem os vossos filhos com calçado *Tip-Top*, cómodo, elegante e que não tortura as crianças — Peçam sempre em qualquer armazém de Víveres da Companhia calçado *Tip-Top*.
MOINHOS — CUCUJÃES
TELEF. 210 (Rede S. João da Madeira)

Fábrica Manual de Calçado "AMORIM"
Sólido e Elegante
FERREIRA & MIRANDA, LDA.
CASALDELO * S. JOÃO DA MADEIRA
TELEFONE, 530

União Industrial
Sanjoanense, L.da
S. JOÃO DA MADEIRA
(PORTUGAL)
TELE { GRAMAS: UNIÃO / FONE: 79
Importante organização Industrial com fábricas de Feltros de pêlo e lã merina para chapéus de homem e senhora e chapéus de lã nacional.
Fazem parte desta empresa, as seguintes firmas:
NICOLAU DA COSTA & C., LDA
PINHO, COSTA & C.ª, LDA.
V.ª DE SERAFIM PAIS VIEIRA
J. GOMES DE PINHO & FILHOS, LDA.
MÁRIO NICOLAU DA COSTA
ROBERTO NUNES DE AZEVEDO

cada vez mais o seu valor, o seu aumento, o seu progresso, e que seria de grande vantagem que o Governo da Nação lhe anexasse, pelo menos, as freguesias que estão à sua volta a muito poucos quilómetros deste concelho e muito distantes das sedes actuais.

Vejamos por exemplo as freguesias que mais perto ficam de S. João da Madeira e cujos habitantes anseiam ver-se ligados aonde quotidianamente fazem as suas transacções comerciais e bancárias: Arrifana, a 800 metros; Milheirós de Poiares, a 2.500; César, a 5.000; Fajões a 6.000; Nogueira do Cravo, a 3.000; Macieira de Sarnes, a 2.500; S. Roque, a 2.000 e Couto de Cucujães, a 3.000.

Os sanjoanenses, que sempre foram pacientes, lhanos e gratos, esperam que o merecimento não seja palavra vã, dando-se a esta laboriosa vila o título que merece há muito tempo ostentar: NOBRE CIDADE DO TRABALHO.

António Oliveira Figueiredo

Cinquenta anos atrás

Por JOÃO DA SILVA CORREIA

FOI já nos primórdios do século, talvez por 1907. Recordo-me de que era a primeira vez que eu ia ao Porto. Ainda menino, seguia ao encargo de meu irmão mais velho. E sem hoje poder precisar o motivo, daquela vez, desprezando a clássica diligência que habitualmente, nos dias tal e tal da semana, abalava por noite velha de S. João da Madeira para o Porto, para novamente por noite velha estar de regresso, — não posso precisar porquê, tomámos, ao invés do habitual, uma caleça que nos levou a Ovar, onde embarcámos no comboio da Companhia Real, para a Capital do Norte.

Foi um dia, para mim, de portentosas revelações! Uma delas, era ver o Porto — terra quase lendária, tão falada e tão distante, afigurava-se-me infinitamente para além de qualquer possibilidade, por muito fantasiosa. A outra revelação, para a impaciência da minha curiosidade infantil, ainda mais importante, era a oportunidade formidável de andar de comboio!... De comboio!... Nem cavalos, nem chicote, nem solavancos estrada fora, nem nada de nada!... A máquina atrelada às carruagens... e a viagem, veloz e serena, como se fosse um sonho! ..

Outros conterrâneos, surgidos por acaso na estação de embarque, para igual Maratona, agregraram-se-nos. E, vê isto, admira aquilo, percurso pouco traquejado em fora, os viajantes já constituíam irmandade à parte, naquele sector do comboio.

Em muito boa marcha, saídos de Esmoriz, galgávamos agora a planície, com ares tonitroantes de majestade sem igual. A deslocação do ar, pela carreira acelerada, agitavam-se, num frémito, vergéis e milharais. E até, ao mesmo rompante, entravam em badanal as saias de barras vermelhas das guardas da linha, ao passar de comboio.

Ia eu interessadíssimo em tudo que se deparava, quando, de repente, foi um alevante na hoste. À uma, e a um sentido parecia que intuitivo de alerta, todos os sanjoanenses se levantaram, convergindo para as janelas da carruagem, ao lado nascente. Quase que levado de roldão, também fui. E então vi:

Lá longe, caminho do sul, coleando por outeiros verdejantes de Paramos e Silvalde, seguia comboiozinho alvissareiro que o sortilégio da distância transformava em coisa de brincar. Apitava de lá, cortêsmente, a saudar o comboio da Companhia Real; e, de cá, a nossa locomotiva correspondeu, apitando também.

Entretanto, no magote sanjoanense, trocavam-se abraços com exclamações de regozijo. Era!... Era um comboio do Vale do Vouga!... Era a balastreira, a máquina ao serviço da construção da linha — Espinho vai, Espinho vem — assistindo com o transporte de chulipas e carris, às brigadas de pessoal que iam tratando do assentamento da via! Na aleluia do entusiasmo, todos se debruçavam das janelas do vagão para seguirem, até o derradeiro instante, a portentosa aparição. O penacho de fumo da balastreira, sobrepujando o verde-negro do pinhal, na manhã luminosa, formava verdadeiramente a estrada das esperanças para as gentes de toda uma região cativa.

Lá ia!...

No meu enlevo extraordinário de menino, parecia-me tudo inacreditável — a minha ida ao Porto; aquela maravilhosa viagem no comboio da Companhia Real e até, para cúmulo, a contemplação de um comboio do Vale do Vouga, já no rumo de S. João da Madeira!...

Mas notei que entre os sanjoanenses havia um ancião: parecia-me que refractário ao entusiasmo dos mais. Passado o caso do comboio ao longe, ficou-se à janela do vagão, muito alheado, sem se importar de tomar parte no fogo vivo dos vaticínios que se trocavam, a respeito do caso importantíssimo do Vale do Vouga.

Diabo! — pensei — Porque não tomaria parte, o homenzinho, no regozijo dos conterrâneos?!...

Em dado momento, contudo, o sujeito voltou-se. E, fisionomia transtornada por qualquer tique de comoção, acabou por dizer para os companheiros:

— Sei eu lá o que daria... sim!... sei eu lá aquilo que daria, para ver com estes olhos, como

Os Paços do Concelho
de S. João da Madeira

agora vi, um comboio a caminhar lá para os nossos lados!... Nunca acreditei que... na minha vida... Sim!... Nunca cheguei a convencer-me...

Não pôde continuar. Puxou do lenço de Alcobaça, assoando-se com estrondo, para disfarce de lágrimas teimosas.

* * *

Cinquenta anos são passados.

Foi nesse lapso de tempo que, ainda há pouco, no meu romance «Os outros», num quadro retrospectivo de memória e de saudade, tomando como ponto de referência a minha terra natal — S. João da Madeira — e pela mera experiência dos tempos infantis, tentei tirar a limpo o contraste entre duas eras bem distintas, na minha região. De um lado, a diligência, o ostracismo, o cativeiro de sempre dentro do cenário atrozmente restrito de três ou quatro léguas em redor, com as perspectivas banidas e o horizonte fechado. Do outro lado, o comboio, — no nosso caso particular, o Vale do Vouga — em época tão apertadinha, a única porta de saída para o mundo, a lufada benfazeja, o ar sadio, no burgozinho sonolento que era S. João da Madeira de então.

A fazer exame de consciência, averiguei que o meu referido livro pouco deve à imaginação. Afinal, enxertei o argumento no facto histórico, tão simplesmente, mas por isso mesmo tão inglòriamente, como qualquer alfaiate medíocre que, melhor ou pior, talha umas boas calças num tecido que já de si é excelente.

Mas se, ainda assim, era preciso que ao meu trabalho não faltasse aquele mínimo de convicção que tem de ser a pedra de toque de toda e qualquer obra literária com pretensões a romance — ainda isso me veio de seara alheia. Porque foram talvez aquelas lágrimas furtivas do ancião que há meio século viajava no comboio da Companhia Real que me ensinaram o montante da dívida, e, por via disso, o fervor da mensagem que eu procurei dirigir, através de «Os Outros», a todas as classes ferroviárias, mas, de maneira especial, à classe ferroviária do Vale do Vouga.

S. Tiago de Riba - Ul

Fábrica de calçado ANJO
A mais completa em calçado para Senhora
M. SILVA
Telefone, 229 — Apartado, 67
S. JOÃO DA MADEIRA — Portugal

ARQUIVO HISTÓRICO

A Fábrica de Borrachas "Enfim" é um valor positivo na Indústria Nacional da Borracha

Alguns dos seus fabricos:

Correias de lona e borracha * *Correias transportadoras* * Correias sem fim * *Revestimento de cilindros e rodas para todos os fins em borracha e ebonite* * Fio de borracha para tecidos elásticos * *Anilhas de borracha ou ebonite para juntas e outros fins* * Saltos, Solas, meias solas e pranchas de borracha para calçado * *Borracha crepe, branca e cores* * Caixas, tampas e rolhas de ebonite para baterias * *Elásticos para embrulhos* * Peças em borracha ou ebonite para branqueadores e descascadores de arroz * *Peças industriais em borracha ou ebonite em todos os géneros* * Borracha esponjosa * *Artigos para bicicletas* * Artigos sanitários * *Peças em borracha para automóveis* * Cilindros tempereiros * *Borrachas de safar* * Folhas com tela *Tapetes e passadeiras* * Anti-vibradores * *Rodas para carrinhos de criança* * Borrachas para cintas * *Calçado de agasalho* * Etc., Etc.

Execução perfeita, rápida e garantida * *Orçamentos grátis*

A. HENRIQUES & C.A, L.DA

S. João da Madeira

3 verdades com S

SOLIMAR: O calçado mais preferido no Continente e Ultramar

SEREIA: O calçado mais confortável que as senhoras preferem usar

SISSI: O calçado que o petiz já aprendeu a soletrar

Fabricantes: SOLIMAR
JOSÉ LUIZ DA SILVA & IRMÃO, LD.
Telefone 293 S. JOÃO DA MADEIRA

Fabricantes: SEREIA
SILVAS & PEREIRA, LDA.
Telefone 293 S. JOÃO DA MADEIRA

Fabricantes: SISSI
BATISTA & C.A, L.DA
Escapães — VILA DA FEIRA
Telefone 293 S. JOÃO DA MADEIRA

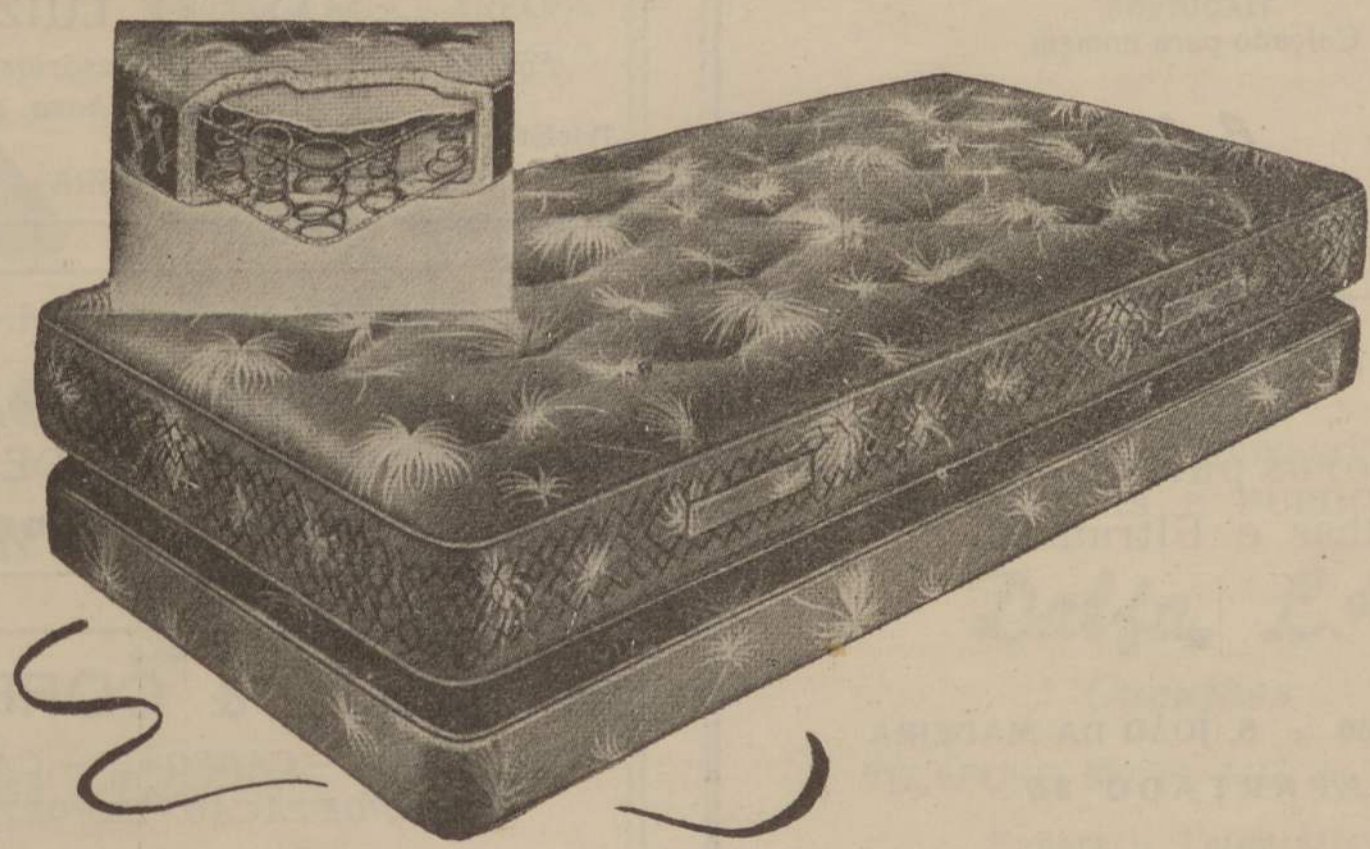
CORTADORIA NACIONAL DE PÊLO, L.DA

FABRICANTE DE PÊLOS PARA AS INDÚSTRIAS DE CHAPELARIA E LANIFÍCIOS E DE COLAS E GELATINAS INDUSTRIAIS

S. João da Madeira PORTUGAL

MOLAFLEX

Fabricantes dos afamados COLCHÕES DE MOLAS



Fornecedores dos melhores Hotéis: Palácio Hotel de Seteais, Palácio Nacional de Queluz, Hotel de Santa Luzia, Hotel Tivoli, Eduardo VII, Infante Santo, Mundial, de Lisboa, Savoy do Funchal, Turismo de Abrantes e da Ericeira, Vale de Lobos, Hotel da Sertã, Grande Hotel do Porto, Atlântico do Estoril e dos melhores Hotéis de ANGOLA.

Fornecedores das Pousadas: Manteigas, S. Brás de Alportel, S. Gonçalo, Santo António, Castelo de Óbidos e Serém.

Fornecedores exclusivos do HOTEL RITZ — Lisboa.

Fabricantes especializados de assentos para os Caminhos de Ferro.

Fornecedores de molas de aço, molas técnicas, carcaças de molas para automóveis e autocarros.

MOLAS FLEXÍVEIS, LDA.
APARTADO 61
S. João da Madeira

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS

Fábrica de Calçado

A. Tavares Nato & Silva

Elder
Calçado para homem

Galé
Calçado para senhora

Juvenil
Calçado para criança

Fornecedores para o Continente, Ilhas e Ultramar

TELEF. 136 * S. JOÃO DA MADEIRA
APARTADO 36

Manuel da Silva Brandão
Fábrica de Calçado «RITZ»
Calçado para Senhora
Apartado, 93 * S. JOÃO DA MADEIRA

Fábrica MALIZ
DE MANUEL LUIZ DA SILVA
Fábrico de Cintos — Suspensórios — Braceletes
Cintos para Senhora, etc.
Telefone n.º 401 Apartado n.º 92
S. JOÃO DA MADEIRA — Portugal

FÁBRICA DE CALÇADO
"ARSOLI"
ARMANDO SOARES DE OLIVEIRA
S. JOÃO DA MADEIRA

A. COSTA & CORREIA, L.DA
SOLAS — CABEDAIS — CALÇADO
IMPORTAÇÃO-EXPORTAÇÃO
S. JOÃO DA MADEIRA — Portugal

FÁBRICA DE CALÇADO

A marca mais conhecida no País
Exportação para o Ultramar
FABRICANTES:
Domingos Joaquim Ferreira & Irmão
Tele { fone, 59 — Rede S. João da Madeira
gramas, HERCULES
CUCUJÃES

Fábrica de Chapéus de Feltro Lã, Pano e Palha
Bonés e Capacetes «Insolar», CAMISAS
«RIALTO»
DE JOEL VAZ DE AMORIM
Telefone 325 S. JOÃO DA MADEIRA — Portugal

MANUEL JORGE TAVARES
Calçado ECO
Fabrico Manual
Telefone 66 Apartado 76
S. JOÃO DA MADEIRA

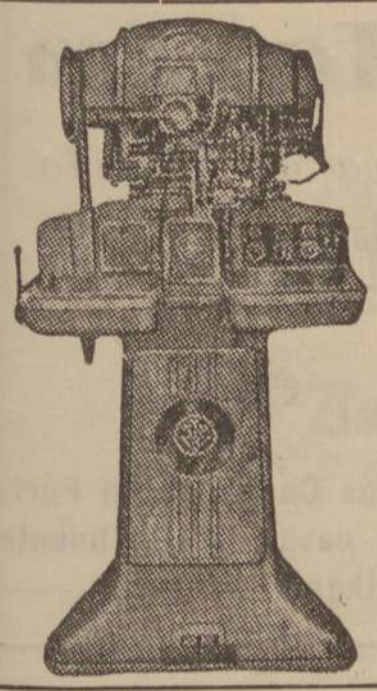
FÁBRICA DE CALÇADO
Duro, L.da
Telefone, 87 Apartado, 9
S. João da Madeira

O calçado que se impõe pela sua resistência e fabrico

Fábrica de Calçado INEFÁVEL
DE MANUEL RESENDE DE OLIVEIRA
Calçado para Homem e Senhora
Telefone 483 S. João da Madeira
Portugal

Fábrica de Malas — ESPECIALIDADE EM: Todo o género de Malas, Carteiras, Porta-moedas. Suspensórios, Cintas, Pastas, etc.
BRANDÃO & LACERDA, Lda.
Telefone 494 Laranjeiras—S. JOÃO DA MADEIRA

«NOVITAS»—Marca Registada—Fundada em 1915
Fábrica de Artefactos de Cortiça, Especialidade em Granulados
JOAQUIM DE SÁ ROSAS
Telef. 85 PAÇOS DE BRANDÃO — Portugal



Máquinas e Acessórios para a Indústria de Calçado

Estabelecimentos:

Lino Teixeira de Carvalho
R. dos Bacalhoeiros, 109 — LISBOA

Henrique Pinto Moura
Vila Maria Alice — AREOSA
Tel. 4995 - S. Mamede de Infesta - PORTO

Rua Visconde
S. João da Madeira

TELE { FONE, 73 / GRAMAS: ALIANÇA CALÇADO

Aliança Industrial de Calçado, L.da

FÁBRICA DE CALÇADO
S. João da Madeira
(PORTUGAL)

IMPORTAÇÃO — CABEDAIS
EXPORTAÇÃO — CALÇADO

Calçado ZARCO

Costas (Irmãos) & C.ª

Telefone, 152 - Telegramas, ZARCO

S. João da Madeira — Portugal

CARROÇARIAS METÁLICAS
(Aços perfilados)

AUTOCARROS, PRONTO-SOCORROS
AMBULÂNCIAS E FURGONETAS

Dalfa, L.da
Cucujães

TELEFONE, 339 (S. João da Madeira)
Endereço Telegráfico
«DALFA» — CUCUJÃES

PAULO PRESMAN

Fábrica de Boinas e Meias

Telefone, 88 — Telegramas, BOINAS

S. JOÃO DA MADEIRA
PORTUGAL

Mina do Pintor, L.da

Os terceiros maiores produtores mundiais de anidrido arsenioso (99,5 °/° As_2O_3 mínimo), arsénio vidrado e arsénio metal.

Sede:

Rua Nova da Trindade, N.º 2-3.º
LISBOA — Telef. 28994.

Mina e Instalações Industriais:
S. João da Madeira — Telef. 189

Fábrica de calçado Gazela

Armando Silva
Apartado-45

Representante em ANGOLA
Sá Lemos, Limitada
C. P. 655 * Telef. 2258 * LUANDA

S. JOÃO DA MADEIRA
PORTUGAL

Fábrica manual de calçado
Bèlita
Cândido da Costa Lima
APARTADO 70
S. JOÃO DA MADEIRA

Fábrica manual de calçado
ESFERA
DE **PINHO & IRMÃO**
O melhor em fabrico para homem
Telefone 84 — S. JOÃO DA MADEIRA

A. Soares Ferreira
CALÇADO Isabel
Fábrica de Calçado
S. João da Madeira
Telefone 353
Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e das melhores casas do Continente, África e Ilhas

J. Leite da Silva
Fábrica de calçado «GALARIM»
NOGUEIRA DO CRAVO
TELEFONE 25116 P. F.
S. JOÃO DA MADEIRA

FÁBRICA DE CALÇADO
DURSIL
FABRICO MANUAL
DURVAL SANTOS
Apartado, 66 S. JOÃO DA MADEIRA Telefone, 384

Fábrica de Calçado «MARTICO»
FERREIRA & OLIVEIRA
TELEFONE, 84 (P. F.)
Casaldelo — S. JOÃO DA MADEIRA

A Modelar
ARMANDO PINHO
Calçado de Luxo
Telefone 20 — S. JOÃO DA MADEIRA
Foi, é e será, sempre, o calçado preferido pelos digníssimos funcionários dos Caminhos de Ferro

Fábrica Manual de Calçado para Senhora
SUPERLINDO
O MAIS PERFEITO
Fabricantes: TAVARES & REZENDE
S. JOÃO DA MADEIRA

FÁBRICA DE GUARDA-SÓIS
A VENCEDORA
J. CALHAU & FILHO
Fornecedor das principais casas das Ilhas e África
TELEFONE 75 – P. F.
S. JOÃO DA MADEIRA

Laboradora de Madeiras, Lda.
Madeiras em bruto, Madeiras aparelhadas, Serviços gerais de carpintaria, Tararas
Telefone, 65 — Telegramas: MADEIRAS
S. JOÃO DA MADEIRA

Fábrica de calçado PILAR, Limitada
Telefone 208 S. JOÃO DA MADEIRA Apartado 69
3 marcas muito distintas
MAIA — Calçado para Homem
CISNE — Calçado para Senhora
PILAR — Calçado para Criança

Fábrica Manual de Calçado
Manuel Pinto da Costa
NOGUEIRA DO CRAVO
TELEFONE 2515
S. JOÃO DA MADEIRA

FÁBRICA DE VELAS DE STEARINA E VELAS DE CERA
COSTA & CA., LDA.
Casa Fundada em 1904
VELAS DE CERA DE TODOS OS TAMANHOS, SEBO E CERA PARA SOALHOS
Velas Coloridas «SIRIUS» Import. — Export.
Telefone, 38 S. JOÃO DA MADEIRA — (Portugal)

Serração e Caixotaria a Vapor
DE **JOAQUIM DA SILVA TEIXEIRA**
TELEFONE, 261
Fábrica: S. JOÃO DA MADEIRA
SEDE: Rua de Brito e Cunha, 497 — Tel. 401
MATOSINHOS

A. Pardal, Limitada
Fabricantes de Calçado
Telefone, 37 — Apartado 25 — S. JOÃO DA MADEIRA

Fábrica de Calçado

LIBA

Bastos & Lima, L.da

TELEFONE, 479
S. JOÃO DA MADEIRA
(PORTUGAL)

Exportadores para Ilhas e Ultramar
Liba - *Resistente* * **Liba** - *Elegante*
Liba - *Distinto* * **Liba** - *Confortável*

Fábrica de Guarda-sóis
"A SOBERANA"
das Sombrinhas
de
Cândido da Costa Lima

Rua Vasco da Gama
Apartado 58
Telefone 377
S. João da Madeira Portugal

Fábrica de Velas Minerva
Costa, Filho & C.ª L.da
Fundada em 1895

Velas Coloridas «GOLD», Import. Export.
Fabrico de todo o género de velas
de stearina, de cera, de sebo
e cera para soalhos

Telefone, 118 Teleg. "MINERVA"
S. João da Madeira Portugal

FÁBRICA DE CALÇADO
de **Manuel de Almeida Jorge**
APARTADO, 74 TELEFONE 410
S. JOÃO DA MADEIRA

NICOLAU...

é um chapéu
de se lhe tirar o chapéu!

FABRICANTES:
NICOLAU DA COSTA & C.ª, L.DA
Telefone, 121 S. JOÃO DA MADEIRA

Vieira Araújo & C.ª, L.DA
FUNDADA EM 1919

Fábricas de: Feltros e chapéus de pêlo e lã, lápis e canetas, calçado, camisas-confecções

Telefone: 4 Telegramas: «Águia»
S. JOÃO DA MADEIRA
Portugal

A Progresso
Viúva Gonzales Carter
TELEFONE 111

Fábrica de Colchões, Redes e Capachos de arame. Cadeiras e Mesas para praia e Campo

S. JOÃO DA MADEIRA

A Conquistadora

Fábrica de Chapéus de Pêlo e Lã

MANUEL RODRIGUES NETO

Telefone, 344

Travessas — S. JOÃO DA MADEIRA

Malhas

Atoalhados

Vendas por atacado aos melhores preços para os tendeiros

J. M. LOPES DA COSTA

TELEFONE, **425** — Rede de S. João da Madeira

CUCUJÃES — Frente à Estação do Caminho de Ferro

CASA DA ALAMEDA

DE

Joaquim Pereira Leite

BAR-RESTAURANTE

MERCEARIAS — TORREFACÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ — REFRIGERANTES

Telefone 366

S. JOÃO DA MADEIRA

ESTORES *Arsol*

Francisco Soares Mateus

ESTORES EM MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS E OUTROS TIPOS

Telefone, 291 — S. João da Madeira

FÁBRICA DE CALÇADO

IMPÉRIO

DE

A. Soares Dias

O Melhor
O mais Fino
O mais Resistente

TEL. 130 — S. JOÃO DA MADEIRA

Empresa de Calçado Fox, Lda.

S. João da Madeira

PORTUGAL

Telefone 176 — Telegramas FOX

Fabrico Mecânico de Calçado para: Homem, Senhora, Rapaz, Menina e Criança

Códigos: A B C-6.ª

SCHOFIELD — 3 LETRAS — RODOLF MOSSE

Exportação de: Malhas, Atoalhados, Miudezas, Bijouterias, Roupinhas de Criança, etc.

Serralharia Mecânica de

Castro & Sá, Lda.

Construção de Máquinas para: Sapataria, Chapelaria, Carpintaria, etc.

Moldes para borracha e plásticos

Carros fúnebres e bombas centrífugas

Cunhos, Cortantes, Grades, Portões e reparação em geral

Soldadura Eléctrica, Autogénio e Corte-Fundição de metais

Construção de moinhos eléctricos por diferencial de martelos e máquinas agrícolas para todos os fins

Casaldelo — Telefone 343 — S. JOÃO DA MADEIRA

FÁBRICA DE CALÇADO

NAUTILUS

SILVIO DIAS

Telef. { Escritório: 26 / Residência: 245 — S. JOÃO DA MADEIRA (PORTUGAL)

APARTADO 12

O MELHOR CALÇADO PARA HOMEM

Sever do Vouga

Pelo Abade JOSÈ LUCIANO LOBO E SILVA

EM ofício datado de Espinho pedem-me que escreva algumas palavras para o número especial da revista «Gazeta dos Caminhos de Ferro», a propósito das comemorações cinquentenárias do Caminho de Ferro do Vale do Vouga, aberto ao público o seu primeiro troço a 21 de Dezembro de 1908.

E, então, eu, como Presidente do Município deste concelho, recanto das serranias do Vouga, rico em tradições gloriosas e iluminado pelo sol brilhante da nossa Beira Litoral, de bom grado anuí ao pedido.

E então direi que este concelho essencialmente agrícola, mas onde o comércio e a indústria atingiram sensível desenvolvimento, está esplêndidamente situado e possui interesse turístico muito de apreciar.

* * *

Sever do Vouga tem-se esforçado, sòmente nesta última dúzia de anos, em levar longe um plano de renovação regional.

Equivale isto a dizer que ele no espaço de tempo supra-indicado, jamais se afastou, dentro das suas possibilidades económicas, do ritmo progressivo da vida da Nação.

Tudo o que se tem feito em vários ramos ou sectores da administração mostra uma acção renovadora a orientar este concelho de paisagens encantadoras e de gente laboriosa e boa.

* * *

Tem hoje Sever do Vouga uma população de catorze mil e tal habitantes e é delimitado pelos concelhos de Albergaria-a-Velha, Oliveira de Frades, Águeda e Vale de Cambra. Pertence ao distrito e Bispado de Aveiro; tem estações telégrafo-postais; está inteiramente servido por redes telefónicas; a sua rede de estradas municipais abrange não só todas as freguesias do concelho como ainda as suas principais povoações; a sua rede eléctrica, com excepção duma freguesia, abrange o concelho; tem diversas feiras, três bandas de música, monumentos, sítios pitorescos e planaltos, como o do Arestal, donde se descortina um vasto e variado panorama. É servido pelos caminhos do Vale do Vouga com três paragens: Poço de Santiago, Paradela e Cedrim, sendo Paradela uma bem movimentada estação. Tem um serviço de camionagem regular em todo o concelho. O seu comércio e indústria tem-se desenvolvido dia a dia.

Quanto à Vila diremos que está modernizada.

Assim, tem energia eléctrica, água ao domicílio e diferentes fontanários com água abundante e higiénica. Em breve, terá a sua rede de esgotos; tem modernas instalações sanitárias subterrâneas; cafés, além de outras uma boa pensão, casas de beneficência, tais como um albergue, casas de pobres e, brevemente, uma casa hospitalar, tem boas casas de comércio, ruas pavimentadas, estradas alcatroadas, jardins; etc., etc.

Indústrias — São diferentes as indústrias neste concelho, a saber: fábricas de serração de madeiras; indústrias de lacticínios; minérios extraídos das minas do Braçal, Malhada e Coval da Mó e as grandes fábricas de moagem e massas, da Sociedade Industrial do Vouga, Lda., não falando já nos teares caseiros para preparação de panos.

As fábricas de serração de madeiras, frequentes neste concelho, encontram-se convenientemente aparelhadas com maquinismos apropriados para serrar madeira em todos os calibres.

Contribuem estas fábricas, em certo modo, para a valorização do arvoredo do concelho que é muito, mormente o do pinheiro.

As minas de chumbo do Braçal, Malhada e Coval da Mó exploradas pela Companhia Industrial e Agrícola do Braçal prestam boa utilidade a este concelho. É um estabelecimento mineiro assaz movimentado, contribuindo eficazmente para ajudar a resolver o problema do desemprego neste concelho, visto empregar diàriamente cerca de 600 operários.

Indústria de Laticínios — Tem este concelho a indústria de lacticínios.

Além do leite, que é exportado diàriamente para Vale de Cambra, existem aqui duas Cooperativas: a do Vale do Vouga, com a sua sede na freguesia de Couto de Esteves e a de Sanfins, na freguesia de Rocas.

Esta indústria tende a desenvolver-se mais e mais, melhorando em qualidade e quantidade, abrindo-se assim ela para novos horizontes. Estes produtos pela sua esmerada qualidade são assaz procurados nos nossos mercados.

Sociedade Industrial do Vouga, Lda. — Impõem-se estas fábricas não sòmente pela sua produção, que é grande, que é enorme, mas, sobretudo, e principalmente pela forma modelar como estão montadas a ponto de rivalizarem com as suas congéneres estrangeiras.

Esta obra, que é um exemplo de arrojada iniciativa, contribui sensìvelmente para o desenvolvimento comercial e industrial do concelho.

Linhas Férreas do Vale do Vouga

Feitas estas ilucidativas considerações sobre Sever do Vouga, diremos agora que foi formada a Comissão Organizadora das Comemorações Cinquentenárias do Caminho de Ferro do Vale do Vouga para solenizar o dia 21 de Dezembro de 1958, por por ser o quinquagésimo aniversário da abertura à exploração da linha do Vale do Vouga.

Está, pois, de parabéns o caminho de Ferro do Vale do Vouga, podendo embandeirar em arco, como costuma dizer-se.

Realmente foi no dia 21 de Dezembro de 1908 que foi aberto à exploração o primeiro troço da linha entre Espinho e Oliveira de Azeméis numa extensão de trinta e tal quilómetros. E a seguir a este troço foram sucessivamente abertos outros até que em 5 de Outubro de 1914, foi aberto o último entre Vouzela e Bodiosa, numa extensão aproximada de 23 quilómetros.

O caminho de ferro tem sido um produtor de factores económicos a beneficiar as regiões da Beira Alta e Beira Litoral.

Nem estas Beiras sabem, nem podem avaliar ao certo quanto devem ao Caminho de Ferro do Vale do Vouga.

Desde a sua íntegra exploração até hoje, um surto de progresso, mormente comercial e industrial, tem bafejado estas terras atravessadas pelo Caminho de Ferro.

É intuitivo que sem as linhas do Vale do Vouga, esta região não teria progredido, como progrediu.

Mas há mais: sem caminho de ferro a Sociedade Industrial do Vouga, Lda., não teria estabelecido aqui as suas movimentadas fábricas de moagem e massas; e, por conseguinte, teríamos uma indústria a menos neste concelho de Sever do Vouga.

Está de parabéns o Caminho de Ferro do Vale do Vouga; mas, diga-se em abono da verdade, não é só o Vale do Vouga que está de parabéns; são também, sem excepção, todos os concelhos atravessados por ele.

Um caminho de ferro contribui sempre para um maior rendimento e valoriza directa e implìcitamente a riqueza da região e indirectamente a do País.

Trouxe-nos o caminho de ferro outra vantagem, pois veio fazer a propaganda, ou melhor, veio tornar conhecida toda esta linda e industrial região.

Linda pelas suas encantadoras paisagens. Creio não haver outras mais belas atravessadas por caminho de ferro. A paisagem do Minho é linda, muito linda, mas menos variada. A desta região é maravilhosa: é variadíssima.

Os nossos olhos ora poisam nos montes de urzes e rosmaninhos, de tojos e de carquejas, ora em vales cultos e de verdejantes vinhedos e árvores de fruto, ora em penedias de árvores frondosas e elegantes das serras e em casas bem pintadas e poéticas, mas tudo isto sempre posto em gracioso matiz.

Ainda não há muito tempo que eu, referindo-me a toda esta região, escrevi: «Na verdade quem observar estas terras na grandeza impressionante das suas paisagens e no curioso dos seus contrastes, ora harmoniosos e brandos ora agrestes e selvagens, há-de notar que toda a região do Vale do Vouga se impõe à curiosidade dos seus visitantes e aos olhares de todos aqueles que admiram e amam a paisagem portuguesa».

E, a ser assim, bem merecia esta região ter como tem um caminho de ferro.

Quanto ao quinquagésimo aniversário acho justa a sua comemoração.

O caminho de ferro vai cumprindo a sua missão. Noto que são frequentes as suas estações e apeadeiros, o que dá lugar a proporcionar comodidades ao público.

A existência de automotoras é para servir melhor o público. É pena que elas não sejam substituídas por outras de maior capacidade, a fim de comportarem maior número de passageiros.

Seria este o grande anseio do público.

* * *

A terminar: Achamos bem que no dia 21 de Dezembro próximo futuro a região do Vale do Vouga se associe a estas comemorações do Caminho de ferro em festa de confraternização.

Para a Companhia do Vale do Vouga ou melhor para toda a companhia Portuguesa (C. P.), desde os mais categorizados membros até aos seus mais humildes servidores, vão os nossos melhores cumprimentos com votos de prosperidades, bem-estar e muita saúde.

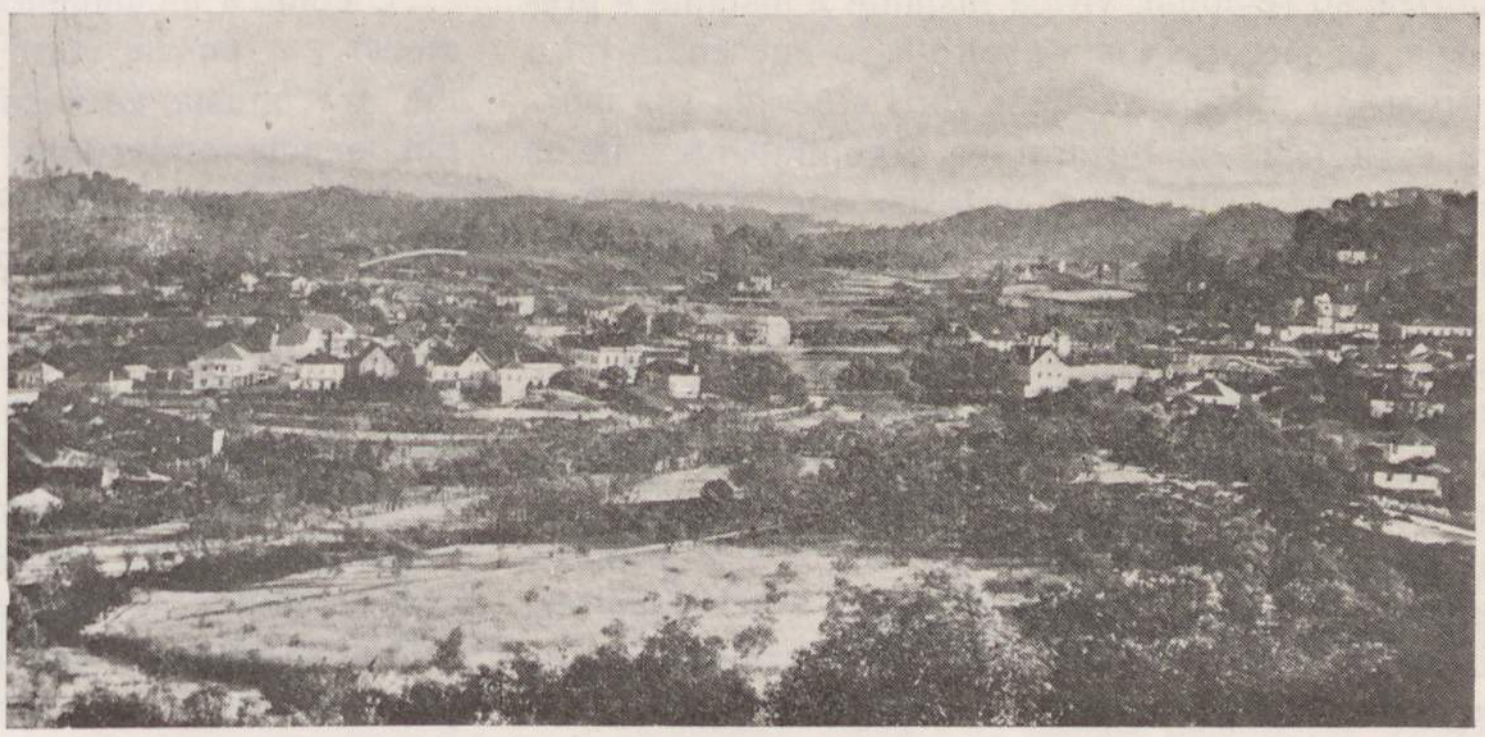
FÁBRICAS DE MOAGEM E MASSAS ALIMENTÍCIAS — SILOS PARA CEREAL
SOCIEDADE INDUSTRIAL DO VOUGA, LDA.
PESSEGUEIRO DO VOUGA

OLIVEIRA DE FRADES

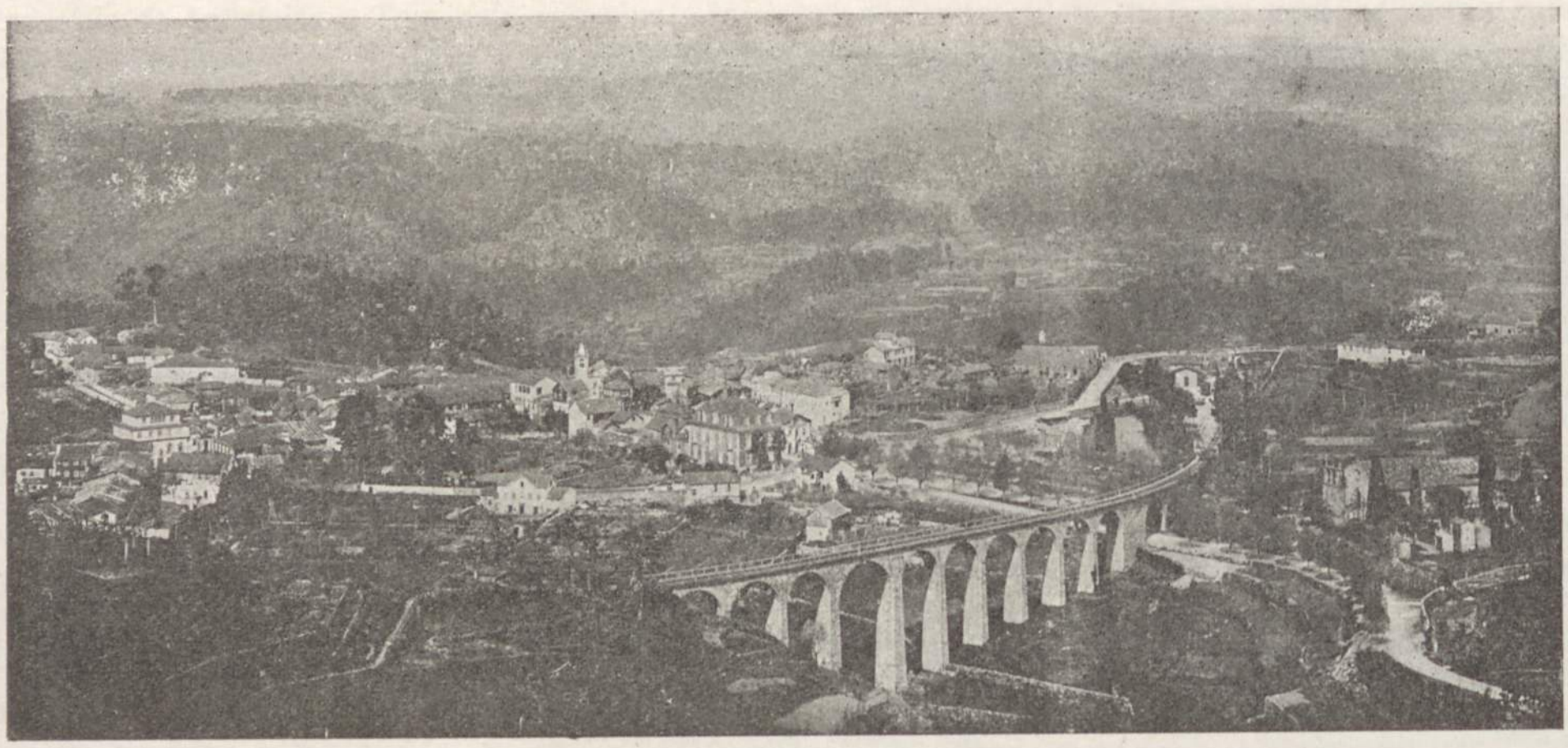
Pelo **Dr. Diamantino Pires de Bastos**
(Presidente da Câmara Municipal de Oliveira de Frades)

Oliveira de Frades, vila airosa e bela, ei la, presente, nas Comemorações Cinquentenárias do Caminho de Ferro do Vale do Vouga.

Vila altaneira desta maravilhosa região de Lafões, não pode esquecer o extraordinário avanço que obteve nos caminhos do Progresso desde que a via férrea do Vale do Vouga lhe rasgou o seu território concelhio numa tão considerável extensão. Não esquecerá nunca que, graças a este tão importante melhoramento, o seu nome ultrapassou montes e vales do País inteiro e, desde então, um novo ciclo da sua vida sempre progressiva iria iniciar-se. Assim, nunca mais cessou de ser visitada, procurada como terra singular, por todos quantos anseiam, em contacto com a natureza, um período de férias verdadeiramente retemperante do corpo e do espírito. Da Beira-Mar, dos grandes centros citadinos, tantos e tantos vieram e vêm sem nunca mais olvidarem os dias calmos, verdadeiramente repousantes, aqui passados. Porque não esquece, realmente, tão altos benefícios, gárrula mas sincera, soberba mas reconhecida, atrevida mas imensamente grata, Oliveira de Frades rende as suas melhores homenagens a todos quantos de algum modo contribuíram para que, há cinquenta anos, o silvo de uma locomotiva despertasse a sua boa gente para a vida do mundo moderno. Bem hajam.



OLIVEIRA DE FRADES — Vista parcial norte



VOUZELA — Vista parcial

VOUZELA

No cinquentenário da construção do Caminho de Ferro do Vale do Vouga

Por HERMÍNIO AUGUSTO DIAS

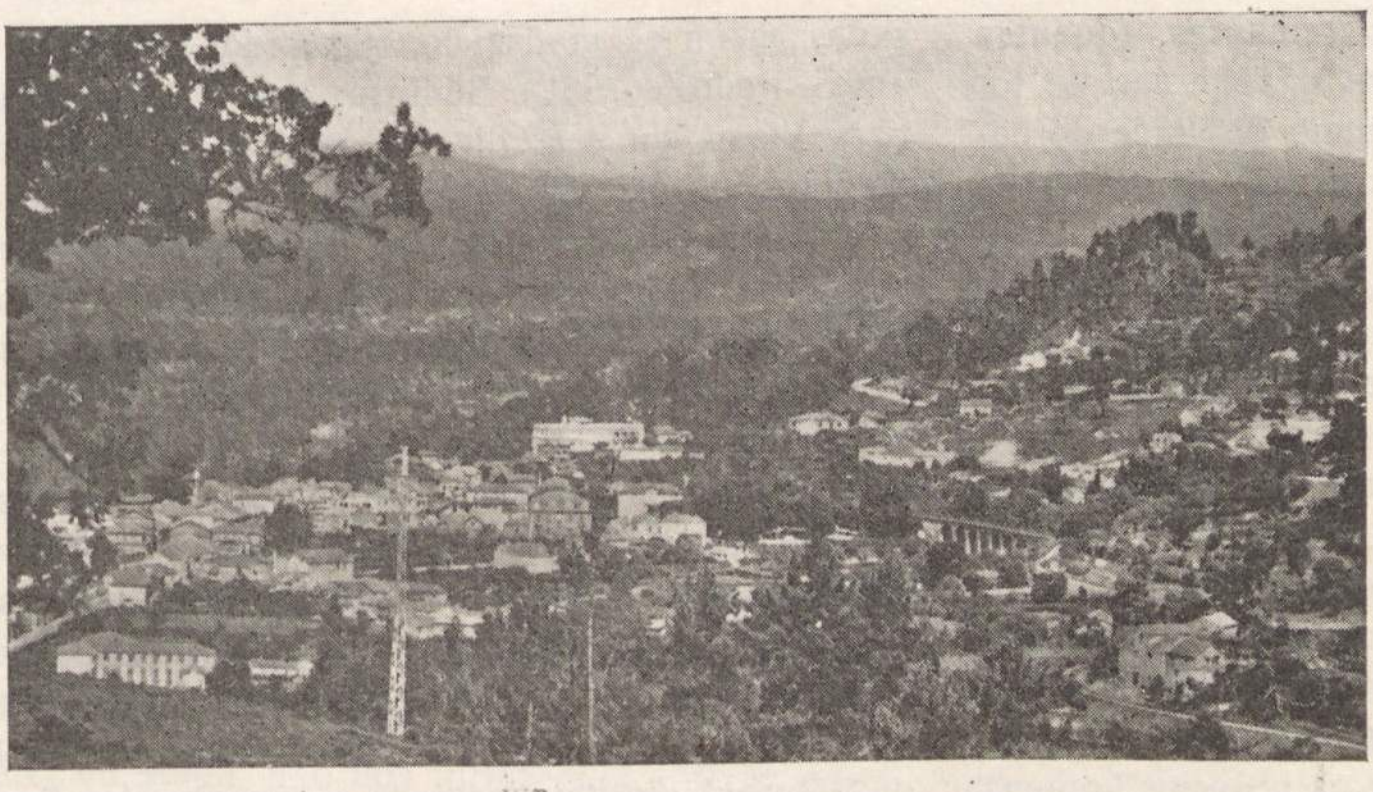
Presidente da Câmara Municipal

A presença da Vila de Vouzela nas festas comemorativas do primeiro meio século da construção do Caminho de Ferro do Vale do Vouga, trouxe à recordação daqueles que assistiram à realização desta memorável obra de valorização regional, vivida instante a instante e precedida de largos anos a aspirá-la, o que então foi o acordar do rincão velhinho de Lafões da sua mortiça existência em torturantes e contingentes meios de transporte, episódios curiosos que, agora, para aqueles que os não conheceram, vale a pena relatar.

Nesses recuados 50 anos, Vouzela vivia de noite, por instantes, a *luminosa* escuridão dada por uns pequenos gasómetros alimentados a pedras de carboneto colocados em lampiões suspensos de algumas esquinas de prédios das mais conceituadas ruas da vila, *escuridão* que desaparecia com a primeira ventania de qualquer sopro invernal. O «Meninote», alcunha por que era conhecido o encartado lampionista municipal, cumprida a sua missão de todas aquelas noites em que não houvesse luar, de que estava dispensado por deliberação camarária, iniciava o serviço de chegar o fósforo aceso ao bico do gasómetro, — depois de deitar o combustível e água — por um extremo da vila e, chegado ao outro, se voltasse atrás, teria de recomeçar a tarefa...

E como a incumbência lhe era facultada para começar por um ou outro lado, lá escolhía aquela que lhe era oposta ao local onde residia. Chegado ao fim, seguia o caminho para casa, pela estrada que se dirige a Oliveira de Frades, escada aos ombros, e o que lá ficava, lá ficava. .

Bebia-se, nessa época, uma água que, por ser pouca para as necessidades domésticas, mais parecia que destilada por alambique do que pelo chafariz então existente na «Praça de Cima», que, mais tarde, foi baptizada com o toponímico de «Praça da República», local propício, sob o pretexto de encher o cântaro, para a gente moça de então, mesmo sob a fiscalização do atrevido candeeiro suportado por uma haste de ferro assente na cabeça do marco desse chafariz, se não dispensava dos beliscões,



VOUZELA — Vista parcial
(Foto cedida pelo jornal «Notícias de Vouzela»

apertos e algazarras em disputas de prioridade, mas isto entre os mais amadurecidos na idade com pressas de encherem o cântaro.

Ferviam os pontapés nas pedras das ruas das calçadas mal cuidadas e arruinadas, porque os candeeiros de «mestre Meninote» não alumiavam com luz que chegasse a poder, com algum carinho protector, encaminhar os pés dos noctívagos sem tropeçarem pelo caminho até chegarem às suas casas.

As viagens para Viseu, onde se tomava o comboio, e o outro braço de estrada a caminho de Estarreja, eram feitas no apocalíptico «char-à-bancs» puxado a três... mulas, conduzido pela figura pitoresca e chistosa de um homem baixo, gordo e atarracado, de farta bigodeira — de sobrenome «Malta» — a quem não faltava ainda, para entretenimento dos passageiros, uma veia poética em recitais de improviso (não sabia ler nem escrever) com referências irónicas dirigidas às ocorrências e figuras políticas dessa época. E nesse «char-à-bancs», pois só os muito ricos alugavam «vitórias», «landaus», «breaks», «caleches», etc., cabiam em tempos de praia, períodos legislativos, abertura da Universidade de Coimbra, a massa académica da região, os banhistas a caminho de Espinho, os deputados, ministros, altas figuras do clero, e tutti-quanti com ocupações e obrigações em Coimbra, Lisboa e Porto.

A disputa partidária da política de então, entre os grupos que se revezavam no Poder — progressistas e regeneradores — tinha em Vouzela, para cada chefe que pontificava lá do alto, as suas capelinhas: — a «Farmácia de Cima», dos progressistas; e, para os regeneradores, a «Farmácia de Baixo». Em ambas elas se davam largas às *hipóteses*, qual delas a mais sábia, para quando caíria o Governo, com o contentamento antecipado dos que, derrubado este, a lista dos correligionários seria acrescida de mais aqueles tantos adeptos a beneficiarem de colocação, e que tinham votado a favor nas últimas eleições. Depois dessas tão sábias *hipóteses*, pundunores, isenções, tudo se arrumava em vergonhosas colocações dos correligionários em cargos municipais e outros, incultos, analfabetos e cavadores de enxada...

— E que falar das festas da Semana Santa, com as iluminações na casa do Sr. Eugénio da Praça de Baixo, com tulipas de vidro de cores a esconderem os bicos do gás de acetilene aparafusados num tubo de chumbo, a todo o comprimento da frontaria do prédio? Só mais tarde com ele quis rivalizar o Eduardo Souto, da Praça de Cima. Outros, depois, vieram adoptar a inovação, ficando alguns, desde o conselheiro a outros menos respeitáveis moradores da vila, na tradicional e litúrgica vela de cera, as duas, apontadas em castiçais, em cada janela das suas casas.

— E as festas da Senhora do Castelo, hoje de retumbante êxito, camufladas com o oficializado rótulo «Festas da Vila» a pedirem, em próximos anos, também o seu jubileu das Bodas de Oiro? Com elas desapareceu a dança dos Moiros, a iluminação com pinhas instalada no muro de resguardo do recinto da capela, hoje feèricamente iluminada com cercadura de lâmpadas eléctricas, e a sua própria cruz de granito transformada, de noite, em cruz luminosa. Até parece um milagre!...

Mas se começarmos em termos de só muito tarde chegarmos ao fim, e tanto e tanto havia a contar, é melhor encurtar, pois o que atrás fica não recebeu sequer, pela pressa com que nos foram pedidos estes apontamentos, os retoques e algum engenho aliciante do pormenor, que é tão grato a todos conhecer quando se fala ou escreve do passado. Faltam os traços físicos, morais, os incidentes do dia a dia de um meio social feito à imagem e semelhança desses homens, bastantes deles, com raras excepções, aleijados de sentimentos, sem escrúpulos, que, abusando da boa fé dos seus compatriotas, tão nefastos foram em exemplos de incivismo, de que, infelizmente, ainda hoje estamos a sofrer o mal dessa sementeira...

Em 1908, depois de muitas promessas, canseiras,

solicitações junto dos Poderes reinantes, (quantas vezes fomos surpreendidos com o rebentar de foguetes fora de horas, como anúncio da vinda do caminho de ferro?) iniciou-se a construção da via férrea do Vale do Vouga.

Em Vouzela, quando chegou a sua vez de receber a ligação com o troço que vinha de Espinho, a azáfama foi grande na abertura de pedreiras, corte de trincheiras e construção da ponte — um susto para os Vouzelenses dada a sua extensão e altura a cavalgarem o rio e terrenos, apoiada em pilares tão débeis, cujos arcos pareciam papel de mortalhas de embrulhar cigarros... Era o passatempo dos vouzelenses o verem, pela primeira vez, esses serviços executados mecânicamente: guindastes a transportarem e elevarem os materiais e os próprios homens à medida que os pilares cresciam com a sobreposição das pedras; havia também os aventureiros que desejavam experimentar a subida no «vai e vem» acima da terra, sem os clássicos degraus e andares.

Terminada a construção da ponte, abertos e terraplenados os terrenos, implantada a via férrea, chegou o primeiro comboio. Festas, foguetes, contentamentos, encorajamentos para viagens a Espinho, e dispensadas assim as mudas do «tiro» do «char-à-bancs» em S. Pedro do Sul e Bodiosa, quando a viagem era para Viseu, ou em Oliveira de Frades, Pessegueiro do Vouga, etc., se o passageiro se destinava a tomar o comboio em Estarreja. E dispensadas ficaram as sopas de burro cansado generosamente ofertadas pelos passageiros às bestas, que também as ajudavam no sacrifício da tracção da carga e dos seus companheiros de viagem, aliviando-as, metendo a pé pelos atalhos, no começo das subidas das estradas..

Enfim, onde cabiam Bispos, Deputados, Ministros, Governadores Civis, Pares do Reino de pernas encostadas e troca dos recheios dos farnéis quando chegava o apetite, todos a tempo e horas chegavam ao seu destino, mesmo de mistura com a gentalha e onda turbulenta da rapaziada a caminho dos liceus e Universidade, não por não caberem; mas, por necessidades do progresso, veio o Vale do Vouga sobrepor-se a tais incómodos e mesquinhezas.

E como nos tempos que correm o tráfego é só de coisas e corpos, e não de almas, estas sempre couberam em pequenos espaços, mesmo apertadas; mas os corpos querem espaços ilimitados...

Vouzela, Dezembro de 1958

VALONGO DO VOUGA — Vista da Escadaria de Santo António

CESAR

Apresentamos, pela primeira vez, aos nossos leitores, a freguesia de Cesar. Aos que porventura a desconheçam ainda, não nos furtaremos a dizer que esta é uma localidade tìpicamente portuguesa, de gente trabalhadora e honesta, que reparte as suas actividades pela vida agrícola e industrial, situada a 14 quilómetros de Oliveira de Azeméis, a cujo concelho pertence, e a 6 de S. João da Madeira.

Presentemente conta aproximadamente 1.800 habitantes divididos por cerca de 380 fogos.

A vida em Cesar decorre harmoniosa, equilibrada e sã como a luz do sol que a cobre e que aqui apresenta revérberos duma claridade surpreendente. Esta circunstância aliada à pureza dos seus ares e ao espírito acolhedor da sua população justifica a afluência de veraneantes que a invadem todos os anos na estação calmosa, para gozo de férias.

A sua origem remonta ao tempo dos romanos, os quais lhe impuseram o nome que hoje ciosamente conserva. E é curioso registar que em Cesar têm sido encontrados vestígios vários de edificações daquele povo remoto, nomeadamente no lugar chamado do Pinheiro, sobranceiro à povoação, que teria provàvelmente constituído uma fortaleza sua.

Pertenceu, em tempos, aos Condes da Feira e posteriormente à Casa do Infantado, segundo velhos documentos.

Em laboração, Cesar conta actualmente várias fábricas mecânicas de alumínio, cobre e folha de Flandres, nada menos de 3 serrações de madeira e um sem-número de oficinas de calçado e de outros artigos. De resto, nada falta para que Cesar se baste a si mesma, com um talho, uma farmácia, um médico, diversas mercearias e uma Assistência local que resolveu o seu problema da mendicidade.

Fábrica de Calçado «LYDO»
De ELÍSIO FERREIRA HENRIQUES
César — Telef. 9 S. JOÃO DA MADEIRA
Fornecedor da Companhia dos C.os de Ferro Portugueses
e das melhores casas da especialidade

Aos Agricultores
Defendei as vinhas com os pulverizadores
EXTRA e MOR
Os nossos pulverizadores são a salvação das vossas vinhas.
Se vos descuidais, nada podereis esperar dos vossos vinhedos, batatais, pomares, melancias, etc.
Pulverizadores MOR e EXTRA, este último pelo sistema «GOBET» ou «VERMOREL».
MELO, OLIVEIRA & REIS, LDA.
Telefone 34 — CESAR

SOUSA & CAETANO, LIMITADA
FÁBRICA DE FUNILARIA E LATOARIA
TÉLEF. POSTO PÚBLICO
CESAR

União Industrial de Cesar, L.da
FÁBRICA DE LOUÇAS DE ALUMÍNIO
Artigos Zincados, em Cobre e de Latão
"PRÓLAR" Serralharia Artística e Civil
TELEFONE, 13 CESAR

Silampos
SILVA & CAMPOS, LDA.
FÁBRICA DE LOUÇAS DE ALUMÍNIO
Telef ne, 44 CESAR

CUCUJÃES

CUCUJÃES é terra antiquíssima. Pertence ao concelho de Oliveira de Azeméis. Sua situação geográfica é magnífica e o seu solo fértil e abundante de águas.

Possui vestígios das antigas civilizações extintas, tais como quatro mamoas no alongado monte que corre de norte a sul pelo centro da freguesia, e outros objectos do Período Pré-Histórico e Proto-Histórico, expostos no Museu instalado na Sacristia da Igreja Matriz.

Possui bastantes outros objectos do Período Histórico, isto é, da época de maior movimento progressivo na civilização, também expostos no mesmo Museu.

E ainda mais: Cucujães pode orgulhar-se de poder mencionar mais os seguintes monumentos históricos:

A Ponte Romana, do lugar da Pica, que deu passagem à Estrada Romana; uma cruz de pedra e peanhas de mais duas cruzes também de pedra, vestígios estes da primitiva Igreja no lugar de Cucujães, e o Mosteiro Beneditino fundado por D. Egas Moniz (o Garção) cerca do ano 1000, monumento este que teve grande influência religiosa e política, durante séculos, e uma extraordinária importância na história política da nacionalidade, constituindo um valioso elemento no esforço da consolidação pátria. Teve o mesmo Mosteiro o seu período áureo e, depois, o de decadência, vendo-se actualmente convertido em seminário das Missões Católicas Ultramarinas e subvencionado pelo Governo Português, sob a direcção do Sumo Pontífice, no tocante ao espiritual.

A freguesia de Cucujães foi Couto do seu Mosteiro Benedito desde a sua instituição, em 7 de Julho de 1139 (ano de Cristo), por D. Afonso Henriques, quando ainda Príncipe do Condado Portucalense, até à sua extinção em 19 de Julho de 1790. Cucujães, com a instituição do Couto, ficou com o título de Vila, e foi também concelho. E com a extinção do Couto em virtude das convulsões políticas internas, passaram para a atribuição da Coroa os poderes de jurisdição que pertenciam ao Mosteiro, sendo portanto cerceados a este os seus direitos na administração da justiça, na cobrança e na percepção dos dízimos, foros, rendas e laudémios que tinham constituído, até aí, a base da sua força e da sua riqueza. Feridos assim gravemente os direitos do Mosteiro, ficou ele sentenciado, desde logo, à pena capital, e daí a sua extinção, em 30 de Maio de 1834, com os seus Padroados das Igrejas de Ossela, Santiago de Espargo, da diocese do Porto, e de Freixomil, da diocese de Coimbra. E depois de extinto o Mosteiro, foi também suprimido o Concelho em 1836.

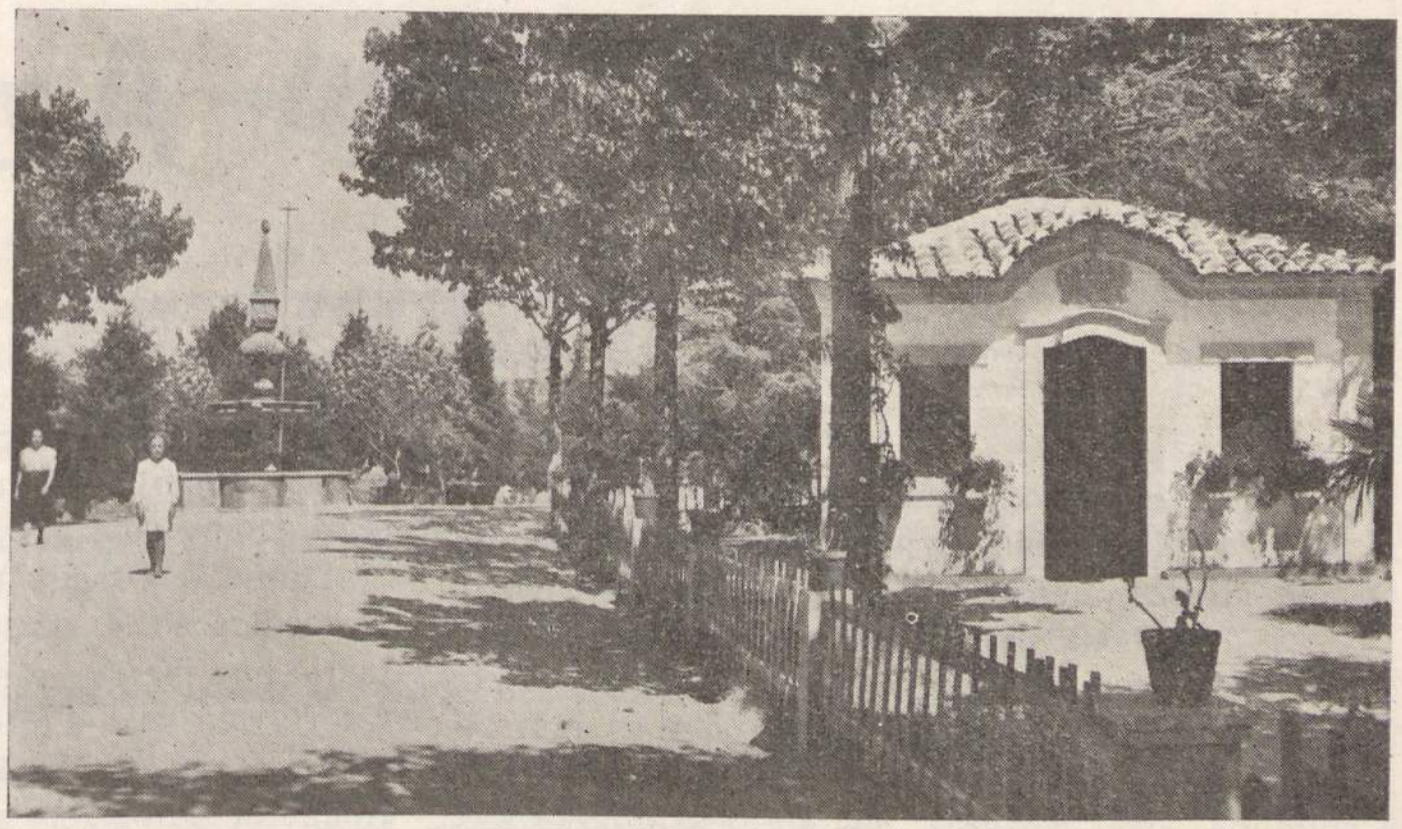
DANILO SILVA BRANDÃO
Armazéns de Solas e Cabedais — Importação e Exportação
ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
Telefone: Armazém e Residência, 213 — VILA DE CUCUJÃES

Sociedade Industrial de Cucujães, Lda.

Fábrica SOINCA
Brinquedos, Triciclos, Cadeiras para Bebés, Mobílias, Utilidades para Crianças, etc.
A mais importante no género no País
REBORDÕES
CUCUJÃES

FÁBRICA SEMOG
José Maria Gomes dos Santos Júnior
FABRICAÇÃO DE:
Metros articulados «Semog»
Estores «Semog»
Parquetes «Semog»
Molas para prender roupa
Assentos para sanitas
CARPINTARIA — SERRAÇÃO
TELEFONE, 308 - P. B. X.
CUCUJÃES — Moinhos

Oliveira de Azeméis e o seu Parque de La-Salette



OLIVEIRA DE AZEMÉIS, terra privilegiada do distrito de Aveiro, onde ocupa lugar de proeminente importância, possui como sua maior atracção turística, como maior cartaz de propaganda, o Parque de La-Salette com o imponente Santuário dedicado à Virgem da mesma invocação.

O antigo Monte dos Crastos transformou-se nesse recinto acolhedor, nesse maravilhoso cenário que encanta todos os que procuram acolher-se à sombra do seu arvoredo, gozando, em dias de sol escaldante, a frescura da sua imensa vegetação que substituiu as urzes do agreste outeiro.

Miradouro de belos panoramas, donde se avistam as areias do mar, recinto paradísiaco com o seu frondoso arvoredo e vastos canteiros vicejantes, é indubitàvelmente a coroa de glória desta linda terra. Aí se aliaram as magníficas condições naturais à vontade e bairrismo dos oliveirenses. A frescura do seu lago, a originalidade da sua gruta e o conjunto de beleza da torre do Santuário, fizeram com que o Parque de La-Salette seja, verdadeiramente, um lugar de sonho e poesia.

La-Salette é um cartaz que muito longe tem levado o nome da nossa Terra e que não desilude aqueles que, sedentos de beleza e com desejos de recrear o espírito, um dia o visitaram.

Aí se realizam as tradicionais Festas de La-Salette, que se têm sabido impor entre as melhores do País. Elas ocupam posição marcante entre as demais de fama, tendo grande projecção. São os festejos mais alegres e ruidosos desta Região, não faltando também as cerimónias relígiosas que lhes vêm dar um cunho de elevação e prestígio.

Nessa data — segundo domingo de Agosto — o luxuriante Parque de La Salette veste as suas melhores galas para nessa quadra festiva receber os inúmeros visitantes que aqui vêm atraídos pela sua rara beleza.

E aqueles que um dia aqui vieram, não deixam de voltar uma e mais vezes. A impressão que recolhem quando da primeira visita não mais se desvanece do seu espírito.

J. C. FONSECA

S. Tiago de Riba-Ul

Paredes meias com a linda vila de Oliveira de Azeméis, sede do concelho, a freguesia de S. Tiago de Riba-Ul é uma terra também cheia de encantos. Servida pelo caminho de ferro do Vale do Vouga, que a atravessa, e, mais para nascente, pela estrada nacional n.º 10, algumas indústrias concorrem para a riqueza colectiva da população. As suas principais actividades são o fabrico de calçado, cartonagens e sabão.

Em S. Tiago de Riba-Ul há que ver a admirar o Parque do Senhor da Campa e a igreja matriz.

Os rios Antuã e Cercal, que o banham, concorrem para a sedução da sua paisagem.

S. Tiago de Riba-Ul ufana-se de suas tradições artísticas. A sua filarmónica não é apenas uma das melhores da província, mas também uma das mais antigas visto que é mais do que centenária, tendo tomado parte, ao que se afirma, nas campanhas contra os exércitos de Napoleão.

Freguesia clara e limpa, com alguns bons edifícios, entre os quais, figura justamente a nova estação do caminho de ferro do Vale do Vouga, S. Tiago de Riba-Ul, pode-se dizer, sem favor, é uma terra progressiva, graças ao amor que o seu bom povo trabalhador lhe dedica. A existência do seu lindo Parque é uma prova de devotado amor regionalista e de que à frente dos seus problemas e das suas aspirações tem tido homens de sentido prático e de acção.

ARQUIVO HISTÓRICO

Oliveira de Azeméis

Por ARNALDO COSTEIRA

NUM dos recantos mais aprazíveis da Beira Litoral e dominada pelo majestoso Parque de Nossa Senhora de La-Salette estende-se orgulhosa da sua beleza a risonha vila de Oliveira de Azeméis, sede de um extenso concelho, constituído por 19 freguesias, em que as suas indústrias mais variadas prosperam e se multiplicam. Capital de uma comarca que abrange regiões das mais amplas e ricas, Oliveira de Azeméis possui todos os requisitos para ser uma das mais belas vilas de Portugal.

Adormecida durante longo tempo à sombra duma apatia que lhe não deixava ver que a sua superioridade se ia diluindo, porque não acompanhava no mesmo ritmo o progresso das suas rivais, sentiu, quando de tal se apercebeu, que havia de redobrar de esforços para recuperar o tempo perdido e não perder o lugar que por direito lhe competia.

Repleta de belezas naturais, que constituem um cenário maravilhoso, necessário se tornava orná-lo com obras que, a par da sua arte, constituíssem fontes de progresso e requintes de civilização.

Empenhada nessa realização, não se tem a Câmara actual poupado a esforços e, com a boa vontade de todos, conseguiu a construção do Palácio dos Correios, do Palácio da Justiça e dos edifícios das escolas primárias e da Escola Industrial e Comercial, concluídas umas, em construção outras e projectadas para construção imediata as restantes.

O saneamento de toda a vila e a canalização das águas, que no próximo ano a abastecerão por completo, são também obras de vulto a atestar o desejo de progresso que domina a nossa edilidade.

À iniciativa particular embotada durante tanto tempo, muito deve também o engrandecimento da encantadora vila.

Desde o Parque de La-Salette, obra admirável de dedicação e persistência, com o artístico Santuário que lhe deu o nome, até ao Estádio de Carlos Osório, de que é proprietária a União Desportiva Oliveirense, e ao Estádio da Escola Livre, com o seu rinque de patinagem e a sua bela piscina, tudo mostra o bairrismo dos oliveirenses e o desejo ardente de fazerem progredir a sua terra.

Por outro lado, o Lar dos Pobrezinhos e o Patronato de Nossa Senhora de La-Salette, recentemente inaugurado, obras devidas à iniciativa, à tenacidade e ao dinamismo invulgar do Sr. Padre Joaquim Ferreira Salgueiro, zeloso pároco da vila, atestam fulgurantemente os sentimentos altruístas dos filhos desta terra, cuja caridade mantém ainda num plano de destacado relevo o Asilo da Infância Desvalida e o Hospital da Misericórdia, a quem tantos devem extraordinários benefícios.

O Externato Académico de Oliveira de Azeméis, admirável estabelecimento de ensino que sobremaneira forma a nossa terra, a prestimosa Corporação dos Bombeiros Voluntários, as notáveis indústrias de vidraria, calçado, papel e metalurgia, são outros tantos factores de progresso que colocam Oliveira de Azeméis a par das vilas de maior importância.

À indústria local, ao seu comércio e à sua agricultura grandes benefícios proporcionam os variados meios de comunicação que servem a vila e de entre os quais se destacam a Estrada Nacional Porto-Lisboa e a Linha do Vale do Vouga, que agora completa o seu meio século de existência.

Ao comprar, não peça, apenas, queijo:
Peça **QUEIJO UNIVERSAL**

O melhor queijo de Portugal
Lacticínios de Azeméis, L.da
Oliveira de Azeméis

Fabricantes de:
Queijo, Manteiga e Caseína

A Vidreira
Armazém de Vidros e Louças
MANUEL ALMEIDA & BARBOSA, LDA.
Rua Bento Carqueja
Oliveira de Azeméis
Telefone, 32

UNIÃO Rodoviária DO CAIMA, L.DA
TEL. 47 e 81 · OLIVEIRA DE AZEMEIS

Concessionários de carreiras de Passageiros

Autocarros de 16 a 43 lugares para excursões

CENTRO VIDREIRO
OLIVEIRA DE AZEMEIS
(Berço da Indústria Vidreira Nacional)
AS MAIS COMPLETAS INSTALAÇÕES DO PAÍS
VIDROS CORRENTES, REFRACTÁRIOS, NEUTROS E CRISTAIS
FABRICAÇÃO AUTOMATICA DE TUBO E FRASCARIA

RIBUL Limitada

Fábrica de Camisas, Cintos e Suspensórios

Telefone 102

OLIVEIRA DE AZEMÉIS

AGORA PODE ESCOLHER PORQUE A FORD CONSTRUIU, PARA SI...

UM AUTOMÓVEL PARA CADA GOSTO:

Anglia — Prefect — Consul — Zephyr
Zodiac — Ford Fairlane — Ford Custom

UMA FOURGONETTE PARA CADA SERVIÇO:

Thames 430 kg. e Thames 940 kg.
(fechadas, abertas e mixtas)

E um camião para cada género de trabalho:

FORD TRADER DE 1,5 A 17 TON.
(Normais, semi-reboque e reboque)

Exposição e Vendas **AGÊNCIA FORD**
DE MANUEL ALVES DE FREITAS, & C.A LDA.
TELEFONE 57 — OLIVEIRA DE AZEMÉIS

Fábrica de Calçado "CRUZADOR"

FERNANDO ALVES ROSA

Exportação para todo o Continente, Ilhas e Ultramar

Telefone, 120 Apartado, 7

Oliveira de Azeméis

Fábrica Manual de Calçado ALVA

DE **JOSÉ MARIA PINTO**

Parte do melhor calçado que se fabrica em Portugal é produto da Fábrica Alva

TELEFONE: 200 — S. TIAGO DE RIBA-UL

OLIVEIRA DE AZEMÉIS
(PORTUGAL)

Bernardo de Assunção

Fábrica de Cobertores de lã
Feltros para Fábricas de papel

CURVAL

PINHEIRO DA BEMPOSTA

TELEFONE, 99116

GARAGEM
Auto-Parque de Azeméis, Lda.
ESTAÇÃO DE SERVIÇO
Rádios e Frigoríficos Bosch.
Telefone 135 — OLIVEIRA DE AZEMÉIS

Mercantil de Azeméis, L.da

Torrefacção de Café
Armazém de Mercearia

Telefone 15 — OLIVEIRA DE AZEMÉIS

PENSÃO GRILO

Bom tratamento e bons quartos

Telefone, 90 **OLIVEIRA DE AZEMÉIS**

CONDES & COSTA, LDA.
(Antiga Condes & Tavares, L.da)
Armazéns de Loiças e Vidros
DEPOSITÁRIOS DOS PRODUTOS DE:
CENTRO VIDREIRO, SACAVEM, ARTIBUS, VALADARES, CARVALHINHO, LUFAPO, FÁBRICA PORTUGAL, OLIVA, ALELUIA
TELEFONE 66 **OLIVEIRA DE AZEMÉIS** APARTADO, 4

Completo sortido em fogões a Gazcidla, nacionais e estrangeiros, esquentadores, caloríferos, etc. —
JOAQUIM TEIXEIRA DA SILVA
Pneus MABOR, Lubrificantes SACOR, Motorizadas ZUNDAP
Seguros em todos os ramos.
OLIVEIRA DE AZEMÉIS Telefone, 190

Fábrica Cerâmica do Parque de:
ÁLVARO RANGEL REGALADO (Telha e Tijolo)
OLIVEIRA DE AZEMÉIS

MERCEARIA E PAPELARIA DE:
HILÁRIO DE OLIVEIRA MARQUES
Telefone, 132 OLIVEIRA DE AZEMÉIS

VALE DE CAMBRA

SITUADO no Distrito de Aveiro, tendo ao norte Arouca, ao sul Sever do Vouga, a nascente S. Pedro do Sul e a poente Oliveira de Azeméis, Vale de Cambra é um dos concelhos mais característicos do País.

Esta individualidade mesológica, de terras e gentes, deriva da sua configuração, que a própria etimologia inculca. Na verdade, a maioria do concelho é formada pelo vale do Caima, rio que nasce nas fragas da serra de Freita, na cascata da Mizarela, perto da ermida da Senhora da Lage e dali desce para a planície onde recebe vários afluentes: o Vigues, que promana da serra de Perrinho; o Moscoso, que vem das Chãs e outros de menor importância.

Daí, a fertilidade agrícola das terras do Vale, terras húmidas onde o milho e o vinho verde são apreciável riqueza e fonte de progressivas indústrias de lacticínios — (Martins & Rebelo e Lacto Lusa).

O foral do concelho de Cambra, primeiro com sede em Macieira e depois de 1926 com sede em Vale de Cambra, foi concedido por D. Manuel I, a 10 de Fevereiro de 1514.

Todo o Vale de Cambra é rico de paisagens e de alguns dos seus lugares, como Baralhas, Covo, Alto da Descida e Alto de Currais, surpreendem-se panoramas de extensão e beleza incomparáveis. Por outro lado, são importantes as suas feiras quinzenais, a 9 e a 23 de cada mês; e, sobretudo, a romaria da Senhora da Saúde, no Alto de Gestoso, a cuja capela acorrem, nos dias 13, 14 e 15 de Agosto, centenas de milhares de peregrinos e que é das mais afamadas do País, tanto pelo fervor religioso como pelo carácter folgazão e cunho folclórico.

Daqui se deduz, fàcilmente, o interesse turístico do Vale de Cambra e a importância que o turismo pode representar no seu futuro, como terra de belas paisagens, de produtos de primeira qualidade, de rios abundantes em peixe, especialmente a truta, de serras povoadas de várias espécies cinegéticas, como o coelho e a perdiz, de clima propício ao repouso e ao campismo, etc., estando o concelho ligado por boas estradas a todos os seus limítrofes.

Ferreira de Castro refere-se-lhe no «Guia de Portugal» nestes termos: «Visto das Baralhas, o panorama do Vale de Cambra é surpreendente».

Quase ignorado até há pouco, a sua beleza ganha, dia a dia, maior renome.

Cercado de montanhas de formas extravagantes, não é fácil descortinar em Portugal outro mais grandioso e espectacular. Quase não tem planos.

A vista desce para a imensa cavidade onde refulgem o Caima e o Vigues; erra entre os campos agricultados e, depois, encontra lá longe, o contraforte das serranías, onde branquejam dispersas aldeias, humildes casitas.

A terra é verde e o céu é azul; é tudo verde e azul com raras pintas brancas do casaredo, que mais do que moradias dos homens parecem janelas da própria paisagem. Ao crepúsculo, porém, o enorme vale sofre metamorfose, torna-se policromo e as suas cores separam-se aqui, muito nítidas, e dissolvem-se e confundem-se além, num encanto visual indescritível.

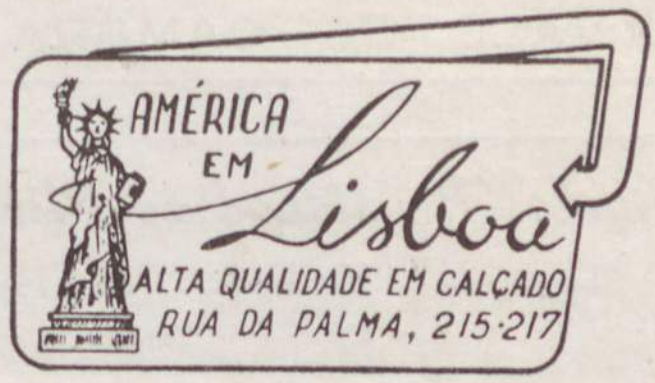
Nas noites de luar, quando o grande balão de oiro surge na lomba das montanhas, o vale enche-se de magia, de um sortilégio que paira desde os píncaros longínquos às águas sussurrantes do Caima.

Sousa Costa, Sant'Ana Dionísio e muitos outros escritores têm exaltado as belezas do Vale de Cambra, «Terra verde e gente boa», a cuja serra do Gestoso o povo chama o «Jardim» — Jardim da Beira Litoral e Jardim de Portugal.

Quem, saindo de Vale de Cambra se dirigir a Sever do Vouga, tem, depois de atravessar o fértil vale, de fazer a ascensão da serra de Gestoso, contraforte da serra do Arestal.

Mesmo ao atingir o cume e virando por um curto ramal à esquerda, encontra o modesto Santuário da Senhora da Saúde, situado porém em ponto majestoso.

Do alto dos seus 780 metros, disfruta-se um panorama estupendo sobre o Vale de Cambra, semeado de alvas cazinhas por todo ele dispersas, e à hora do poente, olhando ao sol, vê-se reflectida, alvejante em mapa de tamanho natural, a Ria de Aveiro.



Sérgio Pinheiro de Aguiar

*Mercearia * Vinhos*
*Fazendas * Miudezas*

Telefone 90 — MACIEIRA DE CAMBRA

Almeida & Freitas, L.da

FÁBRICA MECÂNICA DE EMBALAGENS EM FOLHA DE FLANDRES

Serralharia—Material para lacticínios
Serração de Madeiras e Caixotaria

Teleg.: LATAS ■ Telef.: 9

VALE DE CAMBRA
(PORTUGAL)

A Mercantil de Cambra

ALBINO LEITE

ARMAZÉM
DE
MERCEARIA

CEREAIS
E
AZEITES

Telefone, 39 — Macieira-a-Velha
MACIEIRA DE CAMBRA

Casa das Cerejeiras

Situação privilegiada * Paisagem deslumbrante Bons quartos * Esmerado serviço * Magníficas instalações * Óptimo tratamento * Serviço de Restaurante e Bar

Lugar de Macieira-A-Velha — TELEFONE, 89
MACIEIRA DE CAMBRA
(Na Estrada de Viseu)

M. Soares Pinheiro & Filho

Serração a vapor de Madeiras

Fundada em 1913

TELEFONE 27

VALE DE CAMBRA

Moreira de Paiva & Filho

Fábrica a vapor de serração de Madeiras de construção e caixotaria

End. Teleg.: Serração
Telefones: Fábrica, 5 — Residência 18

VALE DE CAMBRA
(PORTUGAL)

Pensão Cambrense
de José Rosa Lavrador
Telefone 133
VALE DE CAMBRA

Angelo Henriques de Oliveira

Mercearia — Vinhos — Comidas
(Antiga Casa D.ª Rosa)
Telefone, 120 — VALE DE CAMBRA

MARTINS & REBELLO

Pinheiro Manso

VALE DE CAMBRA

Fábrica de:

Manteiga «União», Queijo «Pinheiro Manso» de diversos tipos, Queijo tipo serra «CASTELÕES», Leite condensado «PRIMOR», Leite evaporado «PRIMOR», reforçado com as vitaminas C + D2, Leite em pó gordo, meio gordo e magro, reforçado com as vitaminas C + D2, Leite em pó com maltose-dextrina e açúcar «PRIMOLACTO», reforçado com as vitaminas C + D2, Leite em pó especial para panificação e confeitaria, Farinhas lácteas, Resíduos lácteos em pó para alimentação de animais, Lactose (Açúcar do leite), Ácido láctico, Caseínas.

Telefones, 8 e 97 **Telegramas: Manteiunião**

Armazéns:

Em Lisboa: — Rua Tenente Espanca, 21-21 A — **Telefone 763676**

No Porto: — Rua da Firmeza, N.º 395 — **Telefone 31540**

Escritórios centrais:

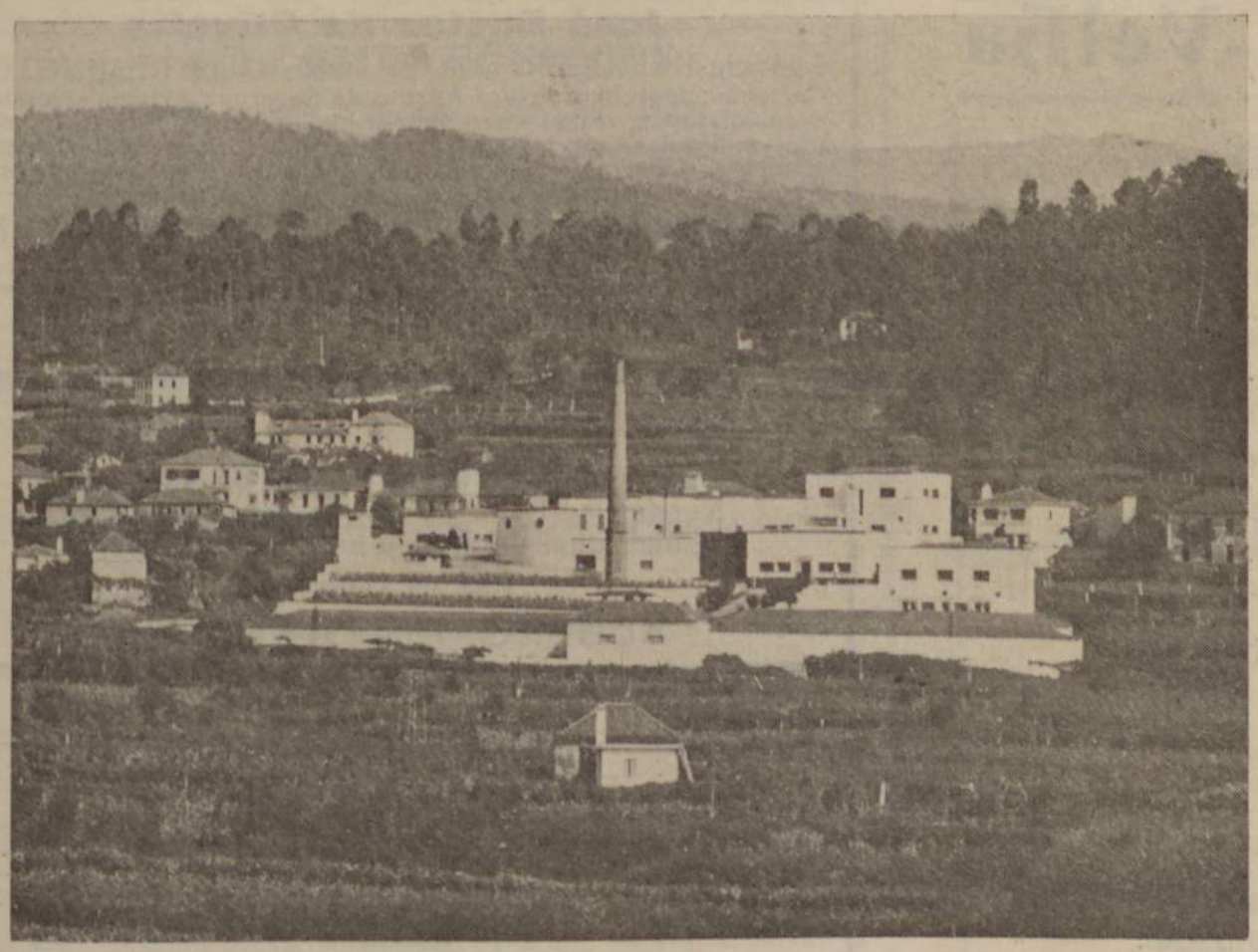
Avenida António Augusto de Aguiar, 163, 2.º-Dt.º — Lisboa

Telefones: 51715 — 48359 — 55185

LACTO LUSA, LDA.

VALE DE CAMBRA

PORTUGAL



Tele { fone, **24**
gramas: **"LACTUSA"**

QUEIJOS:

PASTOR (Tipo flamengo)
CREME (Tipo barra)
BELO LUSO (Tipo Belle Paix)
PASTORINHO (Tipo prato)

MANTEIGA

Marca "LUSA" (Em pacotes)

CASEÍNA

INDUSTRIAL (de Coalho e Láctica)

FÁBRICAS:

VALE DE CAMBRA e PONTE DO LIMA

ARMAZÉM:

Lisboa — Rua D. João V, 6-B

Telefone, 6 61582

Albergaria-a-Velha

MERCÊ da sua privilegiada situação geográfica, Albergaria-a-Velha é hoje uma vila bastante desenvolvida e progressiva. Atravessada pelas estradas nacionais Porto-Lisboa e pela internacional Aveiro-Vilar Formoso, tornou-se um centro de grande movimento e ponto de paragem quase obrigatória a todos aqueles que gostam de deliciar-se com os encantos da paisagem.

Não será Albergaria-a-Velha um centro de turismo, mas, sem dúvida, tem um papel preponderante na zona da região do Vouga, uma das mais importantes regiões turísticas do país. A 18 quilómetros de Aveiro, capital do distrito e a 58 quilómetros do Porto e de Coimbra, Albergaria-a-Velha usufrui uma situação geográfica a todos os títulos magnífica.

Fundada pela rainha D. Tereza em 1117, é hoje uma vila que acompanha o progresso e tem lugar de relevo ao lado das mais importantes vilas da Beira Litoral, contribuindo para isso a riqueza do seu solo e o incremento da sua indústria.

A norte de Albergaria, no Bico do Monte, ergue-se a capela de Nossa Senhora do Socorro, mandada erigir em cumprimento de uma promessa feita a quando da epidemia do cólera morbus, que em 1855 flagelou esta região. Do Bico do Monte, desfruta-se uma paisagem extraordinária de beleza! Graças à sua altitude, vê-se, daí, com nitidez, o farol de Aveiro e os variadíssimos canais da Ria, que constituem um espectáculo deslumbrante de cor e pitoresco. Para o lado oposto, a serrania imponente parece dominar tudo e todos, destacando-se o Buçaco e o Caramulo, assim como as serras das Talhadas e do Arestal.

Albergaria-a-Velha tem todas as características para, num futuro breve, poder ser, sem favor, um dos principais centros turísticos da Beira Litoral.

Em 9 de Fevereiro de 1910 passou em Albergaria o primeiro comboio para passageiros e mercadorias. Para o desenvolvimento do seu comércio, muito têm contribuído os Caminhos de Ferro como meio de comunicação com os principais centros. Ligando alguns pontos do concelho à vila, com comodidade e economia, contribuem em grande escala para uma maior aproximação, tendo trazido enormes vantagens para as gentes vizinhas.

Albergaria-a-Velha é hoje uma vila moderna e próspera com o caminho aberto para um maior desenvolvimento industrial, comercial, agrícola e turístico que não poderá deixar de verificar-se dentro de breves anos.

Albergaria-a-Velha

ALBERGARIA-A-VELHA da Rainha
Dona Tereza, que a fundou e fez,
Foi do primeiro solo português,
É lusitana da primeira linha!

Na senda de oito séculos caminha,
Rica de História, ufana de altivez!
E chega, à actualidade, na esbeltez
Da garbosa paisagem que a acarinha.

Se não possui o que é de seu condão,
Se lhe prometem mais, do que lhe dão...,
E, do que dizem dar, nem vem metade...,

Nem, por tal jeito, se lhes esfuma a esp'rança
Em tempos, que hão-de vir, de mais bonança
E Pão e Paz e Amor da Humanidade!

1958 VASCO DE LEMOS MOURISCA

José Bastos de Oliveira
Agência-KREIDLER: SINGER: GRUNDIG: REMINGTON
Correspondente bancário e Agente de Seguros; Artigos eléctricos e canalizações, artigos para fotografia, motores de rega e industriais, máquinas de tricotar e de escrever, artigos de ménage e plásticos. Oficina de assistência técnica para todos os motores, máquinas de costura e de escrever
Av. Napoleão — Tel. 47 ALBERGARIA-A-VELHA
(Portugal)

Reconstruções de Baterias
FERNANDES
Vendem-se Baterias novas e reconstroem-se usadas, com garantia e aos melhores preços
Rua do Hospit l
ALBERGARIA - A - VELHA

Fábrica de Produtos Metálicos
ORLANDO DE BASTOS SOBREIRAL
Fabrico de carrinhos para aterro, louça de ferro, etc.
Telefone 62 ALBERGARIA - A - VELHA

EXTERNATO
DE
ALBERGARIA
CURSO COMPLETO DOS LICEUS
REGIME EM COEDUCAÇÃO
COM PENSIONATOS

Telef. 72 ALBERGARIA-A-VELHA

Pereira & Bastos, L.da
Albergaria-a-Velha

Especializada em: Louças de alumínio fundido, Serralharia Mecânica, Reparações em máquinas e motores, Ligas especiais em bronzes, Serviço de torneiro. Bom fabrico, Perfeito acabamento, Melhores preços.

OFICINA METALÚRGICA
Cassiano Henriques dos Santos
FUNDIÇÃO:
METAIS FUNDIDOS NÃO FERROSOS — LIGAS ESPECIAIS BRONZES — LOUÇA DE ALUMÍNIO PURO
SERRALHARIA:
BOMBAS — MOTORES PARA REGA — CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO DE MÁQUINAS
ALBERGARIA - A - VELHA

RELÓGIOS PÚBLICOS
Para Igrejas, Câmaras, Escolas, Gares
RELÓGIOS: Com 8 dias de corda, dando horas, repetição e meias.
RELÓGIOS: Electro-Automáticos com reserva de corda para 30 horas na falta de corrente.
RELÓGIOS: Carrilhão Westminster para 5 sinos. Entrega imediata
MIGUEL M. HENRIQUES
Albergaria-a-Velha (Telefone, 42)

CROMAGEM CONFIANÇA
José de Bastos Tavares
CROMAGEM — NIQUELAGEM — COBREAGEM — ETC.
Albergaria-a-Velha

Escola de Condução
Albergaria-a-Velha
Direcção Técnica de:
José Ferreira Gustavo de Sousa
A mais completa escola para ambos os sexos. Máxima honestidade e seriedade. Ensino prático e teórico pela nova modalidade. Pessoal competente, com as mais modernas viaturas.

FÁBRICAS METALÚRGICAS
Augusto Martins Pereira
SEDE EM ALBERGARIA-A-VELHA
TELEFONE 6 — P. P. C.
TELEGRAMAS «ALBA»
ESCRITÓRIO EM LISBOA
R. dos Correeiros, 40, 2.º E.
TELEFONE 2 1319
FUNDIÇÕES DE FERRO E LIGAS NÃO FERROSAS
ARTIGOS SANITÁRIOS E DE COZINHA; APARELHAGEM VINÍCOLA; ACESSÓRIOS PARA CONDUTAS ADUTORAS E REDES DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUAS; ARTIGOS PARA INSTALAÇÃO DE SANEAMENTO; APETRECHAMENTO PARA A INDÚSTRIA VIDREIRA; ARTIGOS PARA INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS, ETC.

MOBÍLIAS
MARCENARIA MECÂNICA
Fausto Marques dos Santos
Mobílias em todos os estilos, completas e avulso. Estofos, Carpintaria e Colchoaria.
Rua da Alagoa (Junto ao Cinema) ALBERGARIA - A - VELHA

José Nogueira Vidal, Filhos
Fabricante em grande escala de Artigos de Funilaria
TELEFONE 20 P. P. C.
APARTADO 5
ALBERGARIA - A - VELHA

A MERCANTIL DE ESTARREJA, LDA.
EXPORTADORES DE VINHOS
Armazém de Mercearia, vinhos, azeites cereais, sal, adubos e outros artigos
Apartado 3 — Telefone, 9 — Teleg. MERCANTIL
ESTARREJA

"MOBILADORA ESTARREJENSE"
Telef. 98 — ESTARREJA
Mobílias em todos os estilos. Peçam desenhos

BRANCA

QUEM viajar pelo Caminho de Ferro do Vale do Vouga, ou pela estrada Nacional n.º 1, Porto-Lisboa — encontra entre Albergaria-a-Velha e Pinheiro-da-Bemposta uma risonha localidade que, pelo seu aspecto encantador, agrada, sem dúvida, ao viajante.

Os seus prédios novos, cheios de beleza, a igreja matriz, o novo edifício dos C. T. T., prestes a ser inaugurado, a fábrica de cerâmica, as suas duas estações ferroviárias, os campos marginais, recamados de verdura, são motivo de grande atracção.

Esta linda povoação denomina-se Branca. Auranca se dizia no passado século XIII, o que quer dizer região aurífera.

Com efeito, deveria tê-lo sido em recuados tempos e tanto que, no ano de 1945, foi declarada cativa para o Estado, para efeito de pesquisas de minério de chumbo, zinco, prata e oiro a área poligonal, situada no Concelho de Albergaria-a-Velha, distrito de Aveiro, cujos vestígios são as pirâmides geodésicas Cabeço-do-Barril e Alto-de-Fradelos, que fazem parte desta freguesia.

Esta localidade foi até 1890 um dos centros mineiros mais importantes do País, tendo paralisado então, devido à má administração das minas do Palhal e Telhadela.

É sabido que existe, nestas últimas, um importante filão de cobre: o poço mestre (como então lhe chamavam) das minas do Palhal, que é, talvez, o mais profundo de Portugal, pois atinge 400 metros de profundidade e as suas galerias, a extensão de 13 quilómetros aproximadamente.

Os montões enormes de pedras e aterro, que se encontram nas proximidades, junto ao Rio-Caima, dão-nos uma ideia do que foi, outrora, a grande actividade mineira, naquelas paragens.

Eram, há pouco, pertença das Minas e Metalurgia do Braçal, que as vendeu à SAPEC, tendo esta Empresa montado ali uma fábrica de aços duros, a única no País e a maior da Europa, empregando já um grande número de pessoas

A mesma Empresa, que tem à frente dos seus trabalhos um bom grupo de engenheiros estrangeiros e portugueses, briosamente mandou destruir o casario velho que se encontrava em ruínas, e como a "Fénix" surgiram novos e magníficos edifícios, com esplêndidos jardins, e uma enorme construção destinada às instalações fabris.

O lugar do Palhal, que durante cerca de 70 anos não teve vida industrial, regozija-se agora, ao ouvir novamente o rumor das máquinas e o martelar intenso nas bigornas.

Seguindo o curso do Rio Caima — mais abaixo, cerca de mil metros, depara-se-nos a importante fábrica de pasta química para papel, denominada Caima Pulp & C.º, que ocupa uma grande área nas margens direita e esquerda deste rio, com uma boa ponte, sobre o mesmo.

O conjunto dos edifícios é enorme, as construções continuam a fazer-se activamente, tendo sido ali empregados alguns milhares de sacos de cimento e muitíssimo ferro.

É interessante a fabricação da pasta — centenas de metros cúbicos de toros de eucalipto são diàriamente para ali transportados, utilizando-se vários meios de transporte, entre eles, o Vale do Vouga; sendo depois depositados em estaleiros, onde existem, geralmente, milhares e milhares de metros cúbicos de madeira, seguindo dali para a chamada Casa da Lenha, onde um formigueiro humano a reduz a pequenas cavacas, que entrando em enormes caldeiras, são devidamente cozidas.

Uma vez saídas dali, entram numa levada de água, que passando por vários filtros, aos secantes, aqui já em pasta, segue à cortadoria, sendo depois enfardada

Entre a fábrica e a estação ferroviária de Albergaria-a-Nova — cerca de 5 quilómetros — existe um cabo aéreo, que diàriamente transporta algumas centenas de toneladas de pasta e matérias primas.

Esta mesma empresa possui uma área de terreno, plantado de eucaliptos, numa extensão digna de ser admirada, devido aos lindos exemplares de árvores e à sua situação.

O aproveitamento de tais terrenos foi obra dos ingleses, fundadores da fábrica, que os aforaram outrora à Junta desta Freguesia, remindo-os mais tarde.

A contribuição industrial desta empresa é de perto de mil contos anuais e o imposto à Câmara Municipal, de cerca de 100 contos.

Outras indústrias de menor vulto existem ainda

tais como: — cerâmica, a serração de madeiras, o Flexicol, moagens, uma estação de serviço automobilístico permanente, e ainda, no lugar de Soutelo, uma fábrica de material cirúrgico, cujo fabrico ultrapassa já, em qualidade, o, até agora, importado do estrangeiro.

Esta freguesia tem presentemente cerca de 5.500 habitantes, sempre em crescente aumento, tendo em vista que, desde o princípio do corrente ano, foram já registados no Posto do Registo Civil, 115 nascimentos e óbitos apenas 24.

O clima é dos melhores, e isso se verificou quando do último questionário acerca da tuberculose, pois apenas apareceram dois doentes, com tuberculose importada — um da América-do-Norte e outro de África.

Na época calmosa, centenas de lisboetas vêm residir entre nós uma boa temporada, regressando à capital, com melhores cores.

A parte baixa é como que um canteiro de lindas flores plantado no sopé da Serra de São Julião e lá no alto, no Telégrafo — mais conhecido por "TALEGRE" — é sítio dos mais apreciáveis, descortinando-se dali toda a costa marítima, que se estende de Espinho ao Cabo Mondego destacando-se a Ria-de-Aveiro e seu Farol.

Vários melhoramentos devemos ao Estado, tais como: reparação de estradas, a construção de 5 edifícios escolares, reparação do edifício — Mãe, nas Lajinhas, electrificação da freguesia, etc, etc..

Outros melhoramentos serão pedidos — por intermédio do Dig.mo Presidente da Câmara Municipal do Concelho, Snr. Coronel Gaspar Inácio Ferreira, a quem esta freguesia muito deve, tais como construção de uma estrada que ligue a Branca, pelo lado Norte, à Ribeira-de-Fráguas — passando por Nobrijo e pelos terrenos da Cavada Velha e Vale-da-Vide, ricos em madeiras, mas de valor reduzido, devido aos caminhos intransitáveis que os atravessam.

Uma mina que, a principiar no lugar do Outeiro, atravessa a serra, até ao lado Nascente, aproveitando o importante manancial de águas, que ali nasce formando o chamado Ribeiro Escuro, este, sem aproveitamento.

Esta grandiosa obra, a efectuar-se, seria para a Branca uma grande riqueza, pois poderia irrigar os nossos férteis campos, evitando que centenas de bombas eléctricas, deixassem de movimentar-se, pois o preço da energia, para fins agrícolas, é ainda de 1$20 por KV, talvez o mais caro de Portugal.

Branca, 10-12-1958

FLEXICOL
A VIDA DAS CORREIAS
DESCOBERTA MÁXIMA DA ENGENHARIA-QUIMICO-SUÍÇA
O único aderente que, adaptando melhor as correias aos tambores, tornando-as mais macias, mais maleáveis, mais flexíveis, consegue um maior rendimento de trabalho.
Produtos Flexicol, L.da
TELEF. N.º 20 BRANCA
PORTUGAL

Fábrica de instrumentos cirúrgicos
(MAVAS)
Manuel Valente dos Santos
Construtor de Aparelhos para Hospitais e Sanatórios e Aparelhagem de Esterilização.
Instrumentos Cirúrgicos em Aços Cromados e inoxidáveis.
Telefone, 9 — Albergaria-a-Nova
SOUTELO BRANCA — PORTUGAL

Rufino Dias Soares
Motores e Bombas Eléctricas
Canalizações Diversas — Rebobinagens — Instalações de Luz e Força Motriz.
Subagente da Vibro - Verta
TELEFONE, 9
BRANCA

Serração da Branca, Limitada
— SERRAÇÃO E CARPINTARIA —
TELEFONE, 8
BRANCA

Fábrica Cerâmica da Branca, Lda.

TELHA:

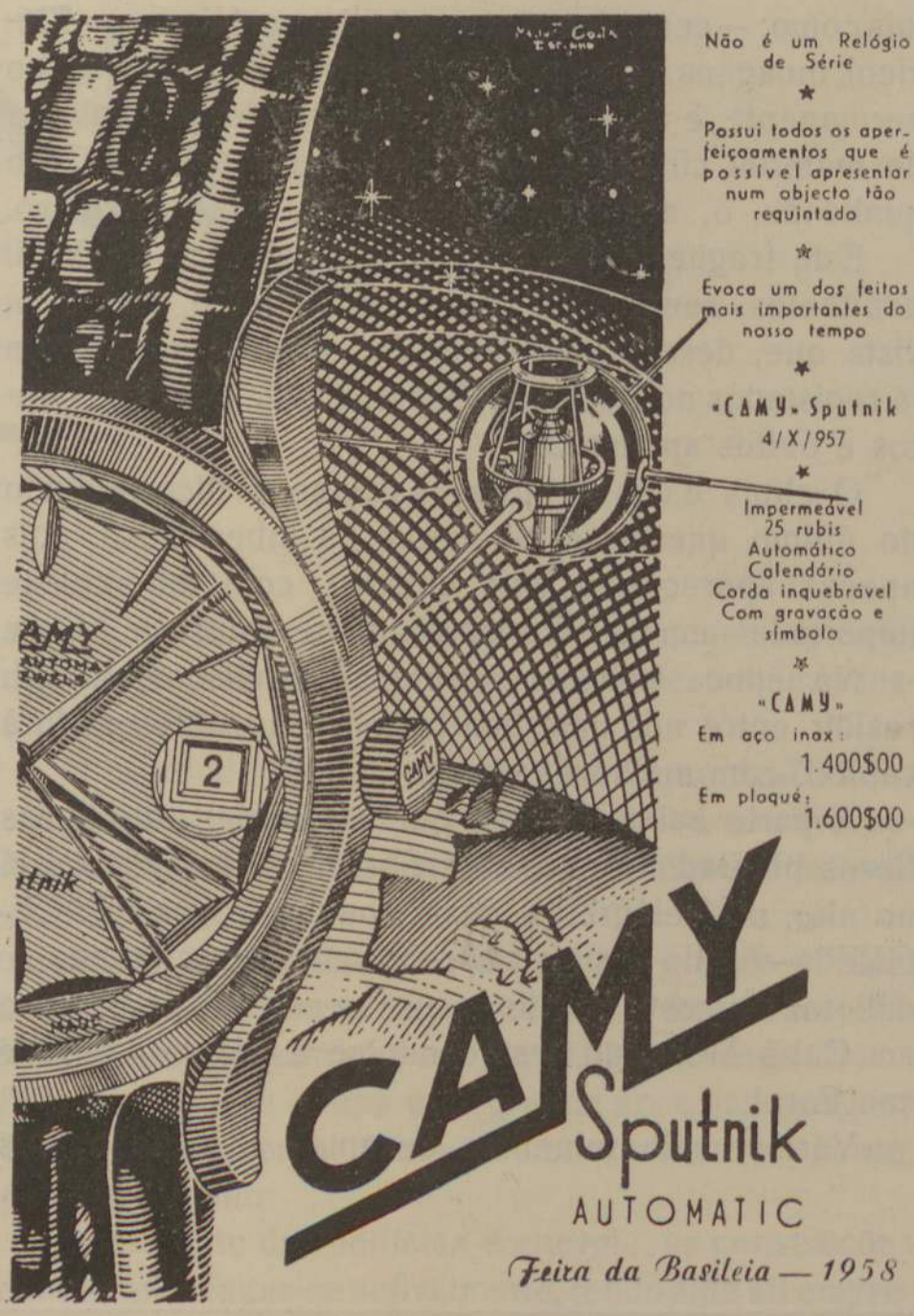
Tipo «Marselha»
Tipo «Português»
e Acessórios

TIJOLO:

Maciço
Prensado
Vasado
Curvo
etc.

TELEFONE 5

BRANCA



João de Almeida Oliveira

Máquinas agrícolas, Gasolina, Lubrificantes, produtos SONAP
Reparações de Automóveis e Motos, Soldaduras Eléctricas e Autogénio

Telefone, 19 — BRANCA

Garagem da Branca

Humberto Pereira

ESTAÇÃO DE SERVIÇO:
Óleos do Ramo Automóveis e Industrial
Gasolina e Gasóleo
GAZCIDLA — PNEUS
OFICINA DE REPARAÇÕES:
Peças e Acessórios — CAMIONETES DE CARGA em serviço de aluguer

TELEFONES, 4 E 32
BRANCA

Oficina de Mármores
DE DAVID PIRES DA CONCEIÇÃO
TELEFONE, 20
BRANCA

MOAGEM DA BRANCA

MANUEL RODRIGUES TOJAL

TELEFONE, 13
BRANCA

PEDRO DOS SANTOS & FILHOS, LDA.

PARADELA DO VOUGA

Fábrica de Serração
MADEIRAS PARA CONSTRUÇÃO E CAIXOTARIA

Sernada do Vouga

As Oficinas Gerais do Vale do Vouga e a primeira automotora que circulou em Portugal

SIMÃO da SILVA é um daqueles ferroviários do passado, apaixonado pela profissão que soube honrar, vivendo-a e sentindo-a como o maior amor da sua vida. Por isso, mesmo na situação de reformado e em condições de poder instalar-se num meio onde desfrutasse comodidades que Sernada do Vouga lhe não dá, preferiu continuar aqui para, da linda vivenda que construiu a meia encosta, olhar os penachos de fumo e ouvir os silvos das locomotivas, que lhe falam dum passado já distante

Sabíamos que este homem, de rosto tisnado pelo calor das fornalhas e olhar penetrante, afeito aos metais em fusão, tinha sido a «alma mater» das velhas oficinas do Vale do Vouga — que chefiou durante uma longa vintena de anos — e resolvemos ouvi-lo para o número especial de «GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO» comemorativos das «Bodas de Ouro» destas linhas. E, na última tarde de Novembro, esperámo-lo à chegada de um comboio, vindo de Macinhata, convidámo-lo a descansar uns momentos no nosso gabinete de trabalho, e, acesos dois cigarros, explicámos-lhe o que pretendíamos.

— Diga-nos, snr. Simão da Silva: como se fez ferroviário?

— Tinha 26 anos e a profissão da serralheiro-mecânico, sabendo, também, de «chaufeur», como ao tempo se chamava aos motoristas.

— E com essas profissões...

— Fui convidado para o serviço de construção do Vale do Vouga, em Agosto de 1908.

— Recorda-se do primeiro serviço que prestou no caminho de ferro?

— Se me recordo... Essas coisas não esquecem. Fui montar as guardas de ferro na ponte superior junto da estação de Oleiros.

— E do último serviço?

— O estudo e execução de umas bombas de lubrificação aos cilindros e divisores das máquinas da C. N., já ao serviço da C. P.

— E quando ingressou nas oficinas?

— Logo no início da exploração da linha. Porém, como o meu vencimento era apenas de $90 diários e os maquinistas ganhavam mais um tostão, breve pedi para passar para o serviço de fogo, onde contava fazer melhor carreira. Entretanto, precisavam de mim na oficina e fizeram-me recolher ali com o mesmo vencimento dos maquinistas. Contudo, eu tinha paixão pelas máquinas e um desejo ardente de aprender, pelo que, nos momentos vagos, estudava as locomotivas...

— E chegou ainda a maquinista?

— Sim, fui tudo, graças a Deus.

— Pode falar-nos na sua ascensão nas oficinas?

— Em 1917, o snr. Director Léon Heitz nomeava-me serralheiro de 1.ª classe e substituto do Chefe de Tracção. Em 1925, o snr. Engenheiro Pereira Barata promovia-me a Adjunto do mesmo Chefe e, pouco depois, a Chefe das Oficinas Gerais, lugar que já desempenhava e continuei a desempenhar até à reforma, em 1947.

— E quando foi promovido à sua actual categoria?

— Em princípio de 1946, mas essa promoção não me trouxe aumento de vencimentos.

— Lembramo-nos de que a primeira Automotora que circulou em linhas féreas portuguesas foi construída nas «suas» oficinas e por ideia sua! Pode dizer-nos algo sobre este assunto?

— Com muito gosto. Recorda-se de que o Vale do Vouga adquiriu umas camionetas «Panhard» a gaz pobre, para o serviço entre S. Pedro do Sul e Régua?

— Perfeitamente!

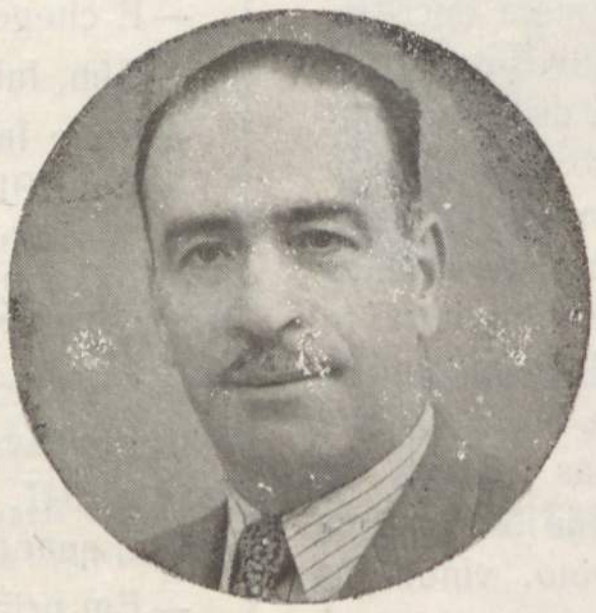
— Essas camionetas foram, mais tarde, substituídas por outras, a gazolina, e os seus chassis e diferenciais arrumados numa dependência da oficina, a estorvar. Então, meteu-se-me na cabeça que poderíamos aproveitar aquelas velhas peças para, com elas, construir um veículo destinado a circular sobre carris e dei conta do que pensava ao snr. Engenheiro-Director...

— Que, é claro, aprovou a ideia!

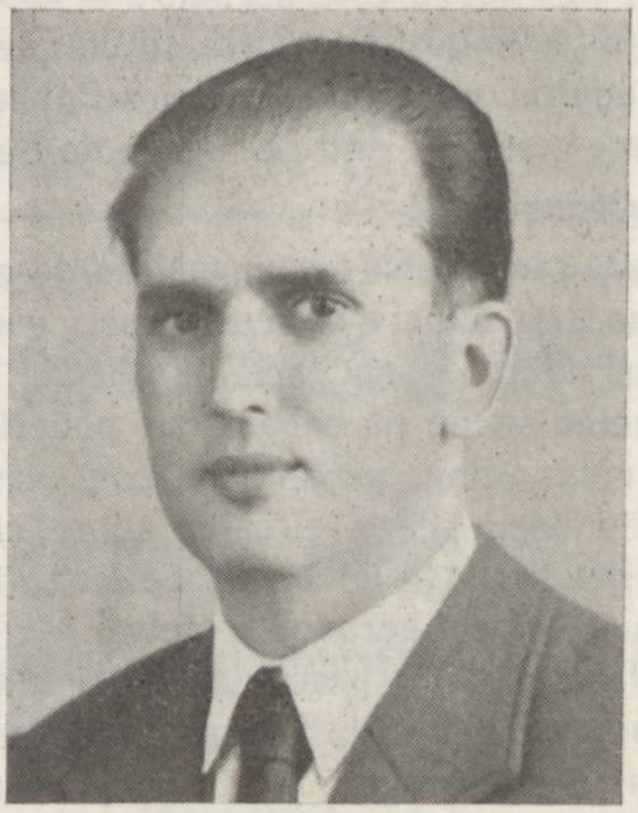
— Pelo contrário, pareceu pouco interessado e acabou por me dizer que fizesse um desenho do que pretendia executar e lho enviasse para apreciação. Respondi-lhe que não sabia desenhar, sabendo, apenas, explicar o que queria e podia fazer. Sorriu e não deu qualquer resposta. Mais tarde, mas muito mais tarde

TENENTE-CORONEL ANTÓNIO DA SILVA SIMÕES
Presidente da Câmara Municipal de Viseu

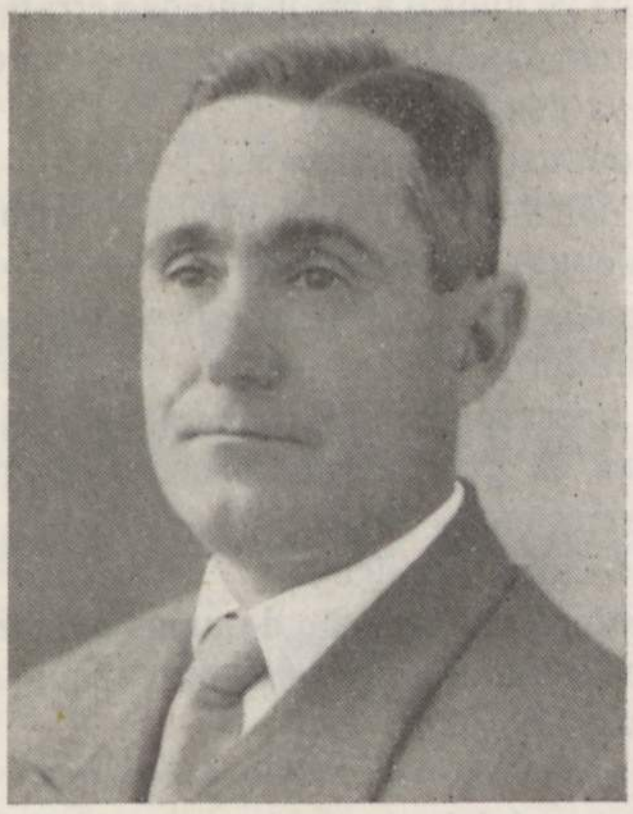
DR. MANUEL MARQUES TEIXEIRA
Governador Civil de Viseu



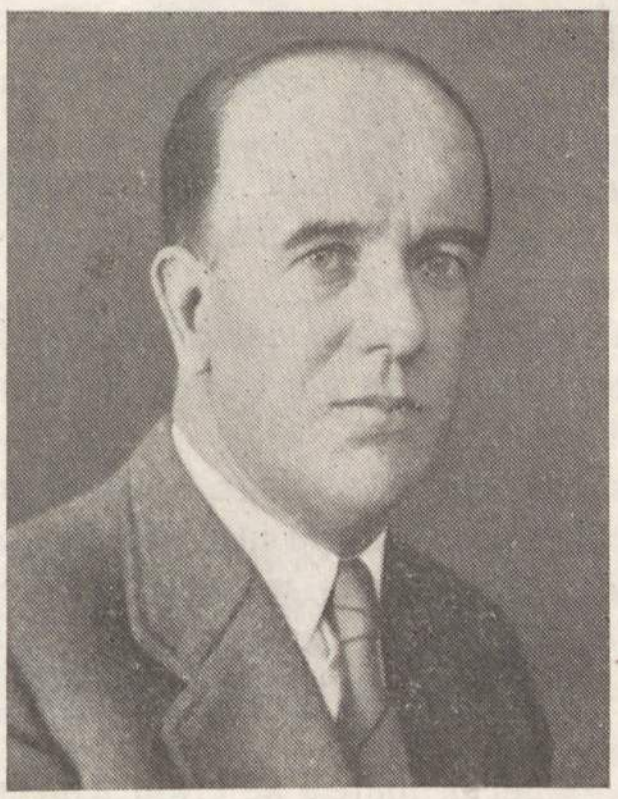
MANUEL VIEIRA ARAÚJO
Presidente da Câmara Municipal de S. João da Madeira



MANUEL BAPTISTA
Presidente da Câmara Municipal de Espinho



DR. ERNESTO SOARES DOS REIS
Presidente da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis



DR. DOMINGOS CAETANO DE SOUSA
Presidente da Câmara Municipal de Vila da Feira

PADRE JOSÉ LUCIANO LOBO E SILVA
Presidente da Câmara de Sever do Vouga

CORONEL GASPAR J. FERREIRA
Presidente da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha

DR. FRANCISCO DE SALES DE MASCARENHAS LOUREIRO
Presidente da Câmara Municipal de S. Pedro do Sul

visitando um dia as oficinas, falou-me no caso e autorizou-me a tentar a experiência.

— Foi o que o snr. quis ouvir?

— Mal sabia ele que o serviço estava já bastante adiantado — porque eu teimara em pôr o meu intento em prática, embora sòzinho e nas horas vagas. Entretanto, mediante a ordem que acabava de receber, eu já podia dispor do pessoal e, inspirado nuns desenhos de carrocerias para camionetas, que encontrei numa revista americana, mandei ao carpinteiro executar a carroceria para o veículo. E enquânto isto se fazia, o chassis, carregado com aros de aço e outras sucatas, saía para a linha, em curta viagem de experiência.

— Resultados positivos, evidentemente...

— Não tanto, quanto desejava. A roda de trás — a motora — pareceu-me frágil de mais e eu desejei substituí-la. Porém, o snr. Engenheiro-Chefe de Tracção opôs-se, afirmando que a roda satisfazia plenamente. E eu, embora não convencido, fui vencido.

Depois de carroçado o veículo, fixou-se o dia da experiência oficial. Teimei, uma vez mais, que tal experiência não devia fazer-se enquanto se não substituísse a roda motora, de contrário o malogro seria certo.

— E substituiu-a mesmo?

— Não! Fui de novo vencido. A experiência realigou-se e o veículo chegou a Viseu, mas já com certa dificuldade. No regresso, ficou em Arcozelo das Maias e teve de ser rebocado por uma máquina. Então, sim, verificaram que eu tinha razão e a roda substituiu-se e ainda hoje funciona.

— Já nos disse que essa automotora fora construída com materiais usados, das camionetas «Panhard». E quanto aos motores?

— Eram os das mesmas camionetas e só há poucos anos foram substituídos por outros, mais potentes, já na vigência da C. P.

— Mas nas «suas» oficinas construíram-se cinco automotoras, se a memoria nos não atraiçoa.

— Pois foram, e nas mesmas condições. Duas delas saíram da oficina no prazo de um ano e sem prejuízo dos outros serviços, a despeito da guerra que de tudo nos privara.

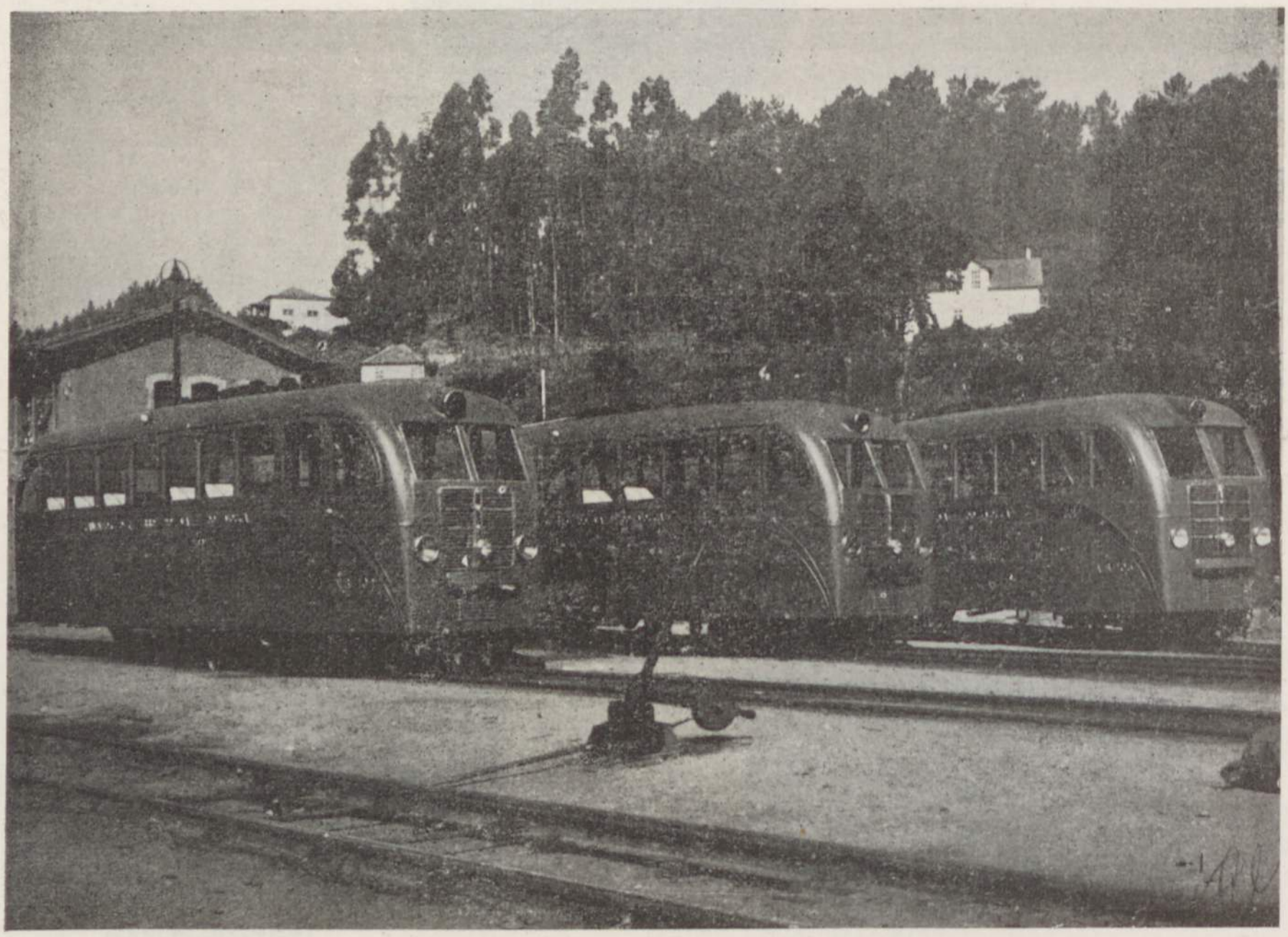
— E com peças inúteis se criou a primeira automotora que circulou em vias férreas portuguesas...

— Exactamente. Na linha do Vale do Vouga e com o nome de «Auto-rail», como deve saber.

Assim, com esta resposta terminou a nossa interesssante entrevista.

Cumpre-nos agradecer a atenção que nos dispensou o snr. Simão da Silva, fazendo votos por que continue desfrutando, por muitos anos ainda, a situação que conquistou pelo seu trabalho honrado.

M. V.



Três automotoras em circulação nas linhas do Vale do Vouga

S. Pedro do Sul

Por SALES LOUREIRO

S. PEDRO DO SUL, airosamente espreguiçado pela encosta voltada a Sul, tem a seus pés o Vouga que, descendo abrupto, impetuoso, por fragas rudes, descansa, aqui, de suas fadigas. E suas águas enamoradas da moldura elegíaca do ambiente, lambem amorosamente a terra fértil que fecundam.

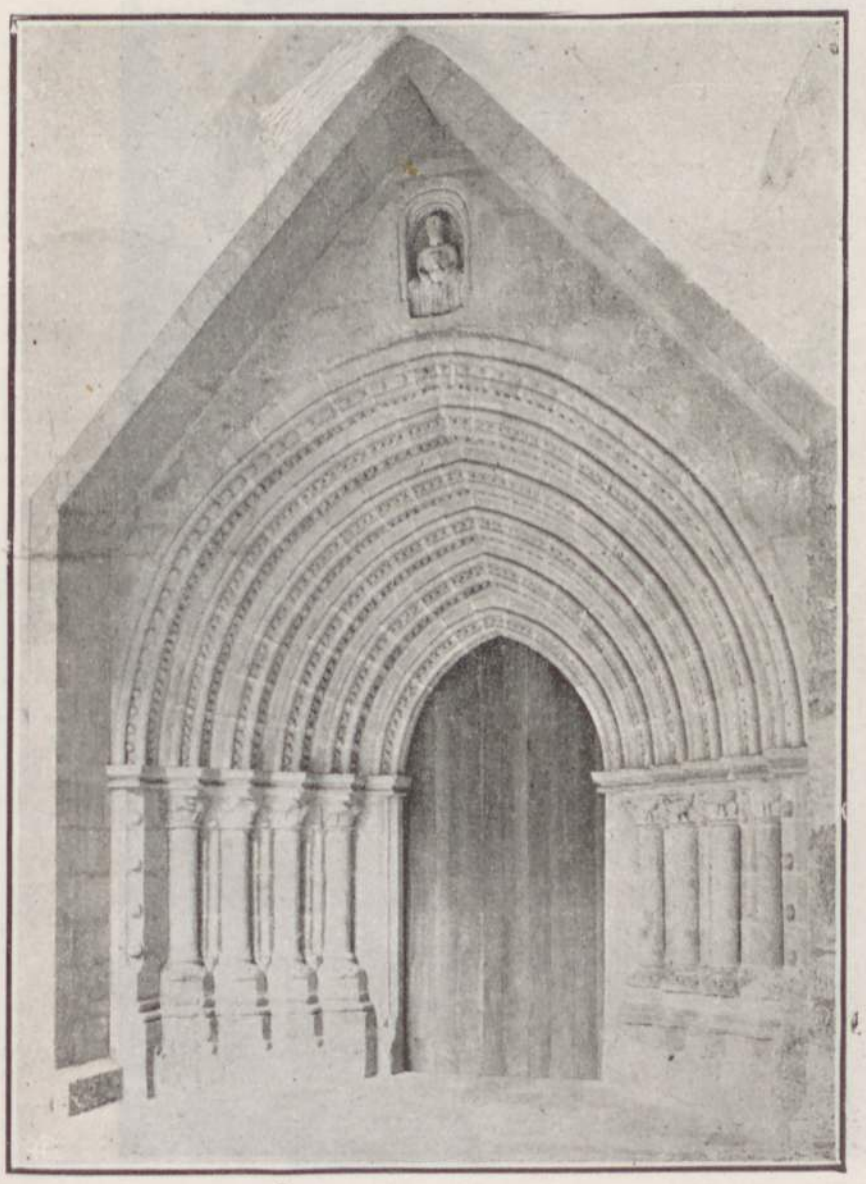
Casario branco, Vila em extensão, alvejando no fundo verde ou verde-negro de sua paisagem, S. Pedro do Sul, entroncamento de três rios, é também cruzamento obrigatório de várias vias.

E, entre todas, a via férrea avulta, pelo recorte do seu traçado, pela beleza das regiões que percorre, e pelo somatório de condições que reúne para o progresso da Região.

A elegante silhueta da ponte sobre o Vouga, dobrando-se em reverência à beleza gárrula da Vila e arredores, à imponência hierática dos montes que a rodeiam, liga social e econòmicamente a região a todo o País, pelos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga que, em meio século, robusteceram, embelezaram a sede concelhia, as Termas e seus termos, enquanto que, por outro lado, facilitaram a vida, permitiram o acesso ou guindaram as gentes locais a mais altos escalões de nível de vida.

Por esse facto, pelo que de perto se ligaram certos vultos do meio à criação das linhas, de que em 21 de Dezembro de 1958 se comemora o Cinquentenário, o concelho de S. Pedro do Sul não podia alhear-se desse acontecimento, já que a ele está tão intimamente ligado e por que a sua criação postulou um seu maior engrandecimento, contribuindo poderosamente para o seu progresso, bem destacado se o compararmos com o daqueles outros, que não possuem a dita desta via que, pelo seu alcance, é bem a da hora presente, como o continuará a ser a da hora futura.

Assim, S. Pedro do Sul, a uma vintena de quilómetros de Viseu, a poucas dezenas dos entroncamentos ferroviários de Sernada e de Espinho; S. Pedro do Sul, região idílica, permanente visão de uma natureza, em eterna sinfonia de cor e de som, próximo pela excelente via que o percorre, — o Vale do Vouga —, de Portugal inteiro, assim se associa aos fastos do Cinquentenário dos Caminhos de Ferro, em um rendido e grato — bem haja! —, a que associa um fervoroso voto — as maiores prosperidades!



VISEU - Porta primitiva românica

HOTEL VOUGA
ABERTO TODO O ANO
Próximo do Estabelecimento Balneário e no local mais central da Estância — Fronteiro à estação Telégrafo-Postal e Telefónica
Tratamento esmerado — Instalações higiénicas e confortáveis
Jardim e Quinta de recreio
CORRETOR A TODOS COMBOIOS
Proprietário: José Caetano de Oliveira (Herdeiros)
Telef. 72263 TERMAS DE S. PEDRO DO SUL

PENSÃO AVENIDA
DE LAURINDA DOS SANTOS AGUIAR
Telefone 7290 — Termas de S. Pedro do Sul

Pensão DAVID
TERMAS DE S. PEDRO DO SUL

ARQUIVO HISTÓRICO

VISEU

Por MOREIRA VINHAS

HÁ terras — como há homens — a quem a sorte bafejou, fazendo-as atravessar a vida irradiando simpatia que gera admiração, respeito e carinho.

É o caso da Nobre e Antiga Cidade de Viseu, encantadora Capital da Beira Alta.

Postada em suave outeiro, de onde se mostra em toda a sua radiosa beleza a Velha Cidade de Viriato, torna-se só por isto credora da visita de quantos procuram encher os olhos do Belo. Mas a terra — mãe das terras Beirãs, não é, apenas, uma visão panorâmica de sonho. É também o escrínio sagrado de maravilhosas relíquias como a sua Sé Catedral — notável exemplar da primitiva traça românica embora e infelizmente "remendada" com modificações e ampliações mais recentes — que nos assombra.

Entre duas torres puramente românicas do século XII com modificações do século XVIII, aparece-nos um portal do século XVII. Depois, dentro do edifício, entre arcos ogivais e originais aparecem-nos suaves abóbadas do século XVI apoiadas em paredes do século XII.

Este belo e famoso edifício, mandado construir pelo Bispo de origem espanhola D. Diogo Ortiz e Villegas — como se verifica pela inscrição assente sobre um brasão do referido Bispo ("esta Sé mandou abobadar o muito magnífico senhor D. Diogo Ortiz, Bispo desta Cidade e do Concelho dos Reis e se aca-

VISEU — Trecho do Rio Pavia

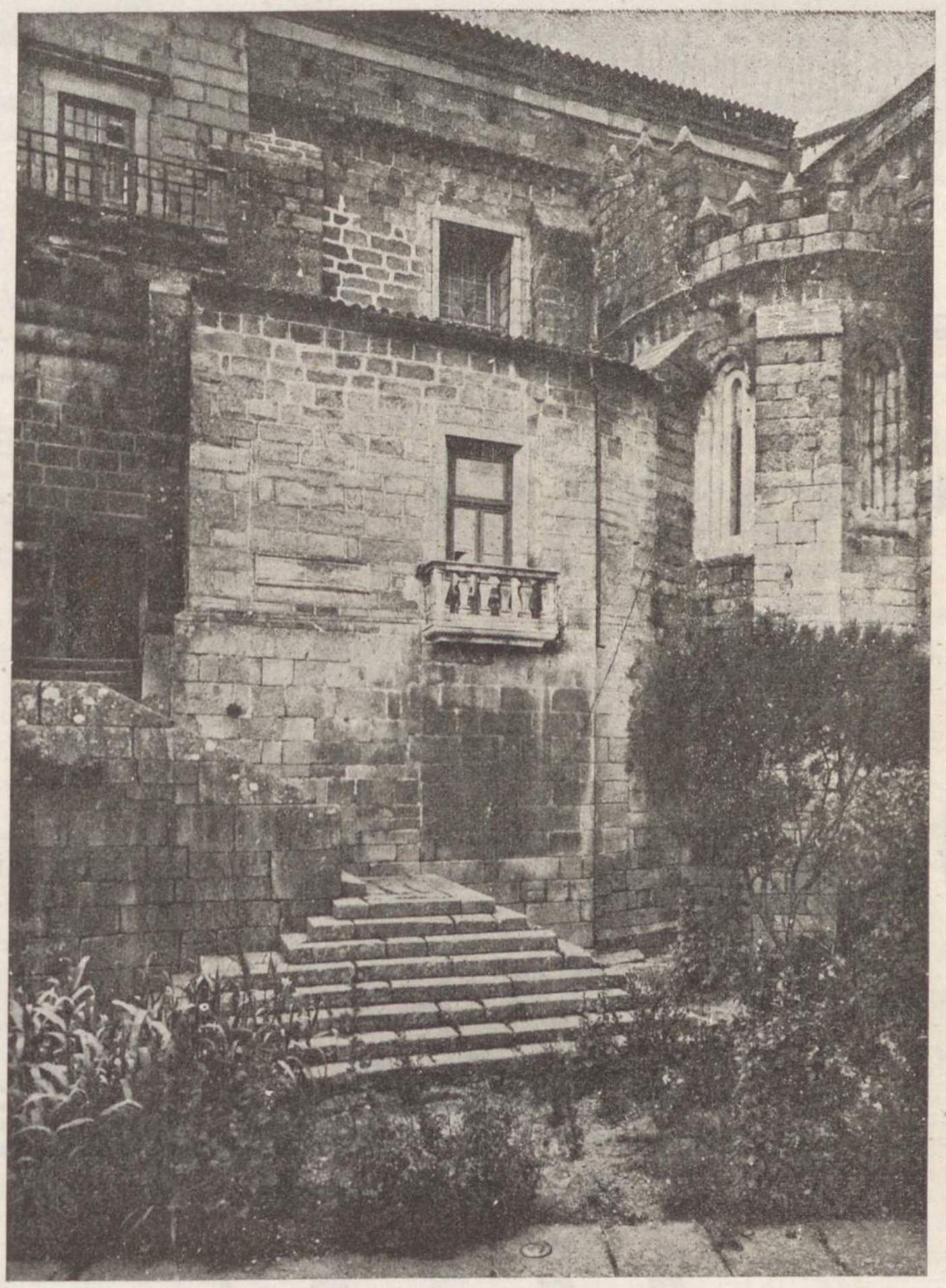
bou na era do Senhor de 1513'') — é constituído por seis naves assentes sobre seis colunas românicas em forma de cruz latina "atadas" por cordas e nós de pedra. O claustro inferior é estilo renascença do século XVI.

Mas Viseu tem muito mais que nos mostrar: a Igreja dos Terceiros, século XVII, a do Carmo, onde encontramos como pormenor de ineditismo as celebradas escadas suspensas; o Convento das Freiras do século XVIII; a Igreja Barroca da Misericórdia (século XVIII), etc.

Noutro aspecto destaca-se a Cova de Viriato, curioso entrincheiramento romano classificado monumento Nacional, a casa onde nasceu o Rei D. Duarte (1391) com a sua janela geminada e ornada de traços Manuelinos rematada ao alto pelo Brasão dos Gomes de Abreu, a casa do Miradouro (século XVI), a porta do Solar de Cima (século XV) e, para os profanos, o Parque do Fontelo, de amplitude e beleza vegetativa raras, o moderno Jardim de Camões, as novas avenidas "Ipsolon", etc.

Disse Robinson, «*Seulement pour voir les tableaux; de Grão Vasco, le voyage au Portugal en vaut la peine*». E nós dizemos: para ver a cidade de Viseu e tudo quanto ela nos oferece vale a pena sofrer a vida neste vale de lágrimas.

Mas Viseu está presente nas comemorações Cinquentenárias do Vale do Vouga, a pequena grande linha que a serve e que, dando-lhe o merecido incremento económico, a vem mostrando ao mundo na sua beleza inconfundível.



VISEU — Um trecho das traseiras da Sé

DÃO

VINHOS BRANCO E TINTO

Região Demarcada de Vinhos de Mesa

Federação dos Vinicultores do Dão

VISEU

TELEFONE
2 2 4 2 7

A. Cunha Martins, Limitada

Armazenistas Importadores

Bicicletas e Acessórios
Completo sortido

16 — ROSSIO — 20
Telefone: 22532

VISEU

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS E CHALES

Alves & C.ª, Sucr.

(José Lopes Esteves)

Tele { gramas: LANIFÍCIOS / fone: 22076

AVENIDA 28 DE MAIO E JARDIM TOMAZ RIBEIRO

VISEU

PEXTRAFIL

Papeleiras de Extra-Finos, Lda.

FÁBRICA DE PAPEL DE FUMAR

Sede: Rua do Arco do Bandeira, 5-2.º
Telefone 34266 — LISBOA
Escritórios: Telefone 23135
Fábrica: Telefone 22680

VISEU

VINHOS ENGARRAFADOS
(DE MESA)

SÒVIDA (MARCA REGISTADA)

Sociedade Vinícola do Dão, L.da

Premiado com a Medalha de Ouro no segundo Concurso de Vinhos Engarrafados de Marca.

Avenida Dr. António José de Almeida
VISEU
(Portugal)

TELEF.: **22588**
END. TEL.: **DÃO**

Padarias da Beira, L.da

*Massas * Bolachas * Biscoitos*
*Panificação * Farinhas * Cereais*

Distribuidores dos alimentos compostos para alimentação de animais «VOUGA — PROTECTOR»

Av. Emídio Navarro, 132 — Telefone 22039 - 22040 PPC

VISEU

Centro Comercial das Beiras, L.da

ARMAZÉM DE FAZENDAS BRANCAS
FUNDADO EM 1920

AVENIDA 28 DE MAIO, N.º 3

VISEU

TELEFONE 2 050

MOBÍLIAS

ARMAZÉNS DA RIBEIRA

António de Lemos Figueiredo

Avenida Emídio Navarro, 147-161 — Telefone 22086

VISEU

INDÚSTRIAS DE PRECISÃO DE ARTIGOS DE DESENHO E FERRAMENTAS MABER, LDA.

136, AVENIDA 28 DE MAIO, 142

Telef. 22882 PPC — Apartado N.º 22 — VISEU — Portugal

Material de Desenho e Produtos Termoplásticos.
Ferramentas Industriais e Utensílios Domésticos.
Trabalhos de série em Prensas e Tornos Automáticos.
Instrumentos de Medida e Mecânica de Precisão.
Torneados de Madeira em série e Utensílios para Escritório
Armações para óculos em celulóide e Metalo combinados.

IDALIO MERINO & COMPANHIA

Armazém de Malhas, Miudezas e Quinquilharias
Atoalhados, Calçado, Perfumarias

Depositários dos produtos CORAÇÃO, Agentes da Companhia de Seguros OURIQUE, Correspondentes do Banco Lisboa & Açores, Crédit Franco Portugais e Sousa, Cruz & C.ª, Lda.

32 — Praça D. Duarte — 39 Telef. 22043 VISEU

Grémio do Comércio do Distrito de Viseu

DIRECÇÃO

Presidente — Celestino Coelho Pereira

Secretário — Celso João Gomes Saraiva

Tesoureiro — Jaime de Almeida Matos

Apartado 16

Telefone 22033

VISEU

GRÉMIO DA LAVOURA DE VISEU E VILA NOVA DO PAIVA

Organismo corporativo englobando todos os produtores agrícolas dos concelhos de Viseu e Vila Nova do Paiva

Fundado em 1940

Assistência à Lavoura: — Técnica, Económica e Financeira

Representante perante o Estado — Organismos de coordenação Económica e dos de Grau Superior dos interesses dos associados

Sede — VISEU — Telefone 22456

José d'Oliveira Capitão

MADEIRAS

Instalações em Nelas, Mangualde e Fábrica em Paranhos da Beira — *Sede e Escritório:* — NELAS

Telefone 66244 — P. P. C. Apartado N.º 14

Madeiras para Exportação e Construção Civil.

Travessas para Caminhos de Ferro.

Toros para Minas, Lenhas e Postes Telegráficos.

SOCIEDADE DE FAZENDAS

ROFEOLPE, LDA.

Armazém de Fazendas Brancas

8 — Rua da Vitória - 10
Telef. 22591 **VISEU**

Lusitânia Comercial de Viseu, L.da

Telegramas: «LUSITÂNIA COMERCIAL» Telef.: 22406
Agência e Depósito Distrital de produtos de fibrocimento Novinco
Materiais de Construção e Artigos Sanitários das Fábricas LUSITANIA, SALAVÉM e CARVALHINHO
Agência dos Estores «SOLCRIS», Material Eléctrico e Candeeiros
FOGÕES, METAIS E BANHEIRAS
Rua da Vitória, 2 — Rua dos Combatentes da G. Guerra, 40 — **VISEU**

OLIVEIRA ARMAZÉM POPULAR DE TECIDOS
ABEL DE OLIVEIRA
Armazém: Rua do Comércio, 52-54 Residência: R. Capitão Silva Pereira, 2
Telef. 23122 **VISEU** Telef. 22102

Ferreira, Pedroso & C.ª L.da

Armazém de Fazendas Brancas — Rua do Comércio, 94-1.º — Telef. 22806 **VISEU**

Organização Construtora Faro, L.da

Campo de Viriato — Viseu — Tel. 22402 — Portugal
CONSTRUÇÕES CIVIS E INDUSTRIAIS
Fábricas de: Serração, Moagens de Cereais e Lagar de Azeite.

RECAUCHUTAGEM VIRIATO, LDA.

Recauchutagem — Vulcanização — Rechapagem
Quinta da Tapada Telef. 23140 VISEU

HERPSANAL

O melhor remédio para as doenças da pele

JOSÉ BORGES, LDA. (Tecidos e Novidades)

Rua do Comércio — Rua Direita — Telefone 22241 VISEU

Empresa Continental de Tecidos, L.da

Armazém de Fazendas, Cobertores e Tapeçarias
Rua Formosa, 96 Telefone 22814 VISEU

AGUEDA

SE a ligação Sernada-Aveiro se impôs, uma vez aberta à exploração do Caminho de Ferro do Vale do Vouga, pela necessidade de o trazer ao seu grande *débouchoir* marítimo, a foz do rico caudal fluvial que percorre e fertiliza a região, — Águeda só por si justificaria com o seu valor económico turístico e social esse empreendimento que sem dúvida correspondeu e corresponderá sempre a uma necessidade desta parte de todo o Vale do Vouga tão rica como característica.

De facto pouco depois de se partir de Sernada, a paisagem transforma-se surpreendentemente. Cessou o afestoado verdor dos campos e o extenso escuro dos bosques e dos pinhais; o altaneiro das serranias em cujos vales agudos o Vouga corre e por vezes tumultua. Eis-nos no mais típico trecho da beira marítima. As terras ganham a cor barrenta e o rio espraia-se sobre vastos almargens, o vale suaviza-se e alarga o seu berço, apoiado em outeiros de pouca altitude como ondas achanadas do empolado mar das serras do interior. A terra é ubérrima e isto basta para justificar vias de acesso como a linha do Vale do Vouga.

Assim o compreenderam os homens de há cinquenta anos que nos trouxeram com o primeiro silvo das locomotivas a mensagem de progresso e bem estar. E porque o reconhecemos, desejamos nesta hora de verdadeira euforia responder — «Presente» — aos Ferroviários da nossa linha testemunhando — a eles como a ela — a nossa maior estima.

Casa Espírito Santo *de Manuel Abrantes*
Fabricante de Artigos Religiosos — Fundição de Metais - Douramento, Prateamento — Fivelas para Cintos de diversos modelos
Telefone, 141 — ALAGOA — **AGUEDA** — Portugal

Fábrica de Produtos Metálicos, Lda. «FAMEL»
FABRICO ESPECIAL de AROS — FÁBRICA de MOTOCICLETAS
Telef. 91 PBX ou 143
—
FAMEL FOGUETE
—
FAMEL SATELITE 2 ou 5 estrelas
AGUEDA
Filial
PRAÇA DO AREEIRO 11-B
Telef. 72 56 55
LISBOA
Não compre um motociclo sem apreciar os modelos Famel

FÁBRICA DE TORREFACÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ
Antero Fernandes Varanda
ARMAZENISTA DE: Mercearia, Café, Chicória, Cevada, Especiarias, Conservas, Confeitarias, etc.
DISTRIBUIDOR DE: Cervejas, Laranjadas, Água do Luso
TELE { FONE: 50 / GRAMAS: ANTERO VARANDA
AGUEDA

Fábrica de Ferragens
PARA MÓVEIS, CONSTRUÇÕES E INTERIORES
Silva & Irmão, Suc.res, L.da
Agueda — Portugal
TELEFONE 44 / TELEG.: «SIS»

A MODERNA
DE OLINDA DE JESUS CRUZ
Malas para ferramentas de Bicicletas em todos os modelos
MOURISCA DO VOUGA

Boas Merendas e Petiscos
Só na casa do Sr. MANUEL FERREIRA DE CASTRO, onde há bom leitão e carne assada.
JUNTO À BOMBA DE GASOLINA EM MOURISCA DO VOUGA

ARMAZÉNS LEÃO REAL de José Maria Marques
Bicicletas das marcas: LEÃO REAL, MILENA, JOMARIL, CICLOMOTORES Acessórios Nacionais e Estrangeiros — IMPORT. - EXPORT. — TELEFONE, 15
MOURISCA DO VOUGA — Portugal

VINÍCOLA CENTRAL DO VOUGA, LIMITADA
Espumantes Naturais — Vinhos de Mesa (de Aguieira)
Xaropes, Espumosos, Vinhos finos, Licores, Aguardentes
GIESTAL — MOURISCA DO VOUGA

SIMAR

Silva, Marques & Rodrigues, L.da

FÁBRICA DE FERRAGENS

ÁGUEDA — Portugal—Telefone 111—Telegramas: SIMAR

Canário, Lucas & Irmão, L.da

CASA FUNDADA EM 1925

FÁBRICA DE FERRAGENS PARA MÓVEIS E CONSTRUÇÃO

AVENIDA DR. OLIVEIRA SALAZAR

ÁGUEDA — Portugal

TELEFONE 32

Ferragens Reunidas de Agueda, L.da, Sucr.

António Ribeiro Neto

Fábrica de Ferragens para Malas, Móveis e Construção

AGUEDA - PORTUGAL

Sede: AVENIDA DR. OLIVEIRA SALAZAR Apartado, 3. Telef. 31
Telegramas: FERRAGENS REUNIDAS

CAFÉ RESTAURANTE

MODERNO

de António de Pinho Pinhal

SERVIÇO À LISTA
ALMOÇOS E JANTARES

Pr. Conselheiro Albano de Melo
TELEFONE, 107 — ÁGUEDA

Artur Lucas Fernandes

FERRAGENS PARA MÓVEIS E CONSTRUÇÃO

Fábrica: AV. DR. OLIVEIRA SALAZAR

ÁGUEDA
TELEFONE, 146

Não deixe de visitar
a FÁBRICA DO OUTEIRO
ÁGUEDA
De:
António de Sousa Carneiro, Herdeiros
Louça doméstica e decorativa.
Azulejo e Sanitário.
Painéis em azulejos e em relevo.

FÁBRICA DE FERRAGENS

JOMALCO

VIÚVA DE JOSÉ MARIA LUIZ COELHO, SUC.RES, L.DA

EXPORTADORES

ACESSÓRIOS PARA BICICLETAS

TELEFONE-116 — TELEGRAMAS-Jomalco

ÁGUEDA PORTUGAL

FERRAGENS

Arms

António Ribeiro de Matos, Suc.or

Fábrica Fundada em 1897

Telefone, 43 Teleg.: ARMS

ÁGUEDA - PORTUGAL

TELHA MARSELHA, EMINIUM
(ANTIGA PORTUGUESA)

TIJOLOS DE TODAS AS QUALIDADES

CERÂMICA DE ÁGUEDA

Guerra & Cruz, L.da

SUCESSOR:

Manuel Seabra da Cruz

Telefone, 28 ÁGUEDA

Sociedade Comercial do Vouga, L.da

Organização especializada em Ciclomotores e peças. O mais completo sortido para todas as marcas de motores que circulam no nosso País. Rectificações em cilindros. Tudo para o ciclismo em geral!

Telefones: 75 e 215 ÁGUEDA

A. F. Sucena, Irmão

ARMAZÉNS SUCENA

Tele { fone N.º 30
gramas: SUCENA IRMÃO

ÁGUEDA

AGENTES DE:

Companhia de Seguros "A MUNDIAL"
SAPEC — Adubos para todas as culturas

E. F. SUCENA & FILHOS, LDA.

Casa Fundada em 1911 // Ampliada em 1952

Comércio e Fabricação de Acessórios para Bicicletas

TELEFONE 59

BORRALHA ÁGUEDA

Fabricação de Acessórios e Quadros para Bicicletas
Soldaduras a Autogénio

Constantino Ferreira da Silva

CONFERSIL — Oficina de Serralharia e Construção Civil
TELEFONE 211
(PERMANENTE)

Ponte do Campo **ÁGUEDA**

SOCIEDADE CERÂMICA DO ALTO, L.DA

FÁBRICA DE TELHA E TIJOLO
DE TODOS OS TIPOS

TELEFONE 184

Vale do Grou **ÁGUEDA**

CAVES da MONTANHA

A. HENRIQUES, L.DA

Grandes Vinhos, Espumantes Naturais, Licores Superfinos, Brandies, Aperitivos, Vinhos de Mesa Engarrafados

ANADIA — PORTUGAL

Filial no **PORTO:** R. dos Caldeireiros, 109-111 Telf. **31901**
Telegramas: **MONTANHA** Telefone **60**

Sociedade Industrial da Curia, L.da

FÁBRICA DE SERRAÇÃO

Madeiras Serradas e Aplainadas-Lenhas

Junto à Estação do Caminho de Ferro e estrada nacional Porto-Lisboa

CURIA — PORTUGAL

Telefone 207 **ANADIA**

José Inácio de Matos

FABRICANTE DE ACESSÓRIOS PARA BICICLETAS, EM FUNDIÇÃO E ESTAMPADOS

SOTAM

AS MELHORES CAMPAINHAS

Telefone 7

Mourisca do Vouga

Fundição Sernadense

DE

Domingos Alfredo Gonçalves

Serralharia — Material estanque para electricidade, alta e baixa tensão—Seccionadores—Cabines — Quadros blindados e caixas — Ferros curvos para postes de cimento, etc. — Abraçadeiras para diversos, zincadas e por zincar — Todos os acessórios para distribuição de águas. Construção e reparação de máquinas, gradeamentos e portões, etc.

Telefone: 3

SERNADA DO VOUGA

Cerâmica da Mourisca, L.da

Tijolo — Telha — Grês

MOURISCA DO VOUGA

TELEFONE 17

Electro Industrial Beira Vouga, L.da

FÁBRICA DE SERRAÇÃO DE MADEIRAS

Construção Civil, Caixotaria e Exportação de Lenhas e Materiais de Construção

ADUELA PARA VASILHAME

ARRANCADA DO VOUGA

Telefone 22 **Telegramas: BEIRAVOUGA**

António Marques Salgueiro

COMERCIANTE

Fornecedor de Areia para Fundições de Ferro, Metais e Alumínio, do País e Estrangeiro

Telefone: 16

ARRANCADA DO VOUGA — AGUIEIRA

Cravo forjado para ferrador, tachão para calçado e prego para construções navais, galvanizado e em ferro. Qualidade garantida e acabamento perfeito.

OSCAR DE JESUS PIRES

Fabricante de Cravo, Tachão e Prego

TROFA MOURISCA DO VOUGA

CASA DE MÓVEIS DE:

João Abílio Saraiva

Móveis avulso e mobílias completas — Colchões de folhelho, arame e outros tipos

Toda a espécie de Malas — Preços Módicos

Mourisca do Vouga

António Pereira Vidal & Filhos, L.da

FIAÇÃO E TINTURARIA

Fios de lã cardados e penteados para Malhas e Tricot

Fábrica e Escritório Central
ARRANCADA DO VOUGA
Tele { gramas: MEIRINHA / fone: 5

Escritório no Porto: R. Sá da Bandeira, 636, 1.º-Dt.º
Tele { gramas: COTOVIA / fone: 27128

ARRANCADA DO VOUGA — Portugal

Heitor Abrantes Garruço

Reparações e execução de trabalhos de electricidade com carteira profissional. Motores eléctricos e grupos electro-bombas para todos os fins. Com estabelecimento de mercearias, miudezas, vinhos e material eléctrico.

Representante das Bombas **VIBRO VERTA**

AGUADA DE CIMA Telefone 35

Fábrica de Serração do Vale do Grou

RAUL MARQUES ABRANTES

Madeiras em Tosco e Aparelhadas — Vigamentos — Caixotaria.

Parquet para soalhos — Lenhas — Toros de minas para exportação.

Aguada de Cima Telefone P. P. C. 4

Joaquim Valente de Almeida & Filhos, L.da

(DESDE 1911)

TELEFONE — 45 TELEGRAMAS — AGDA

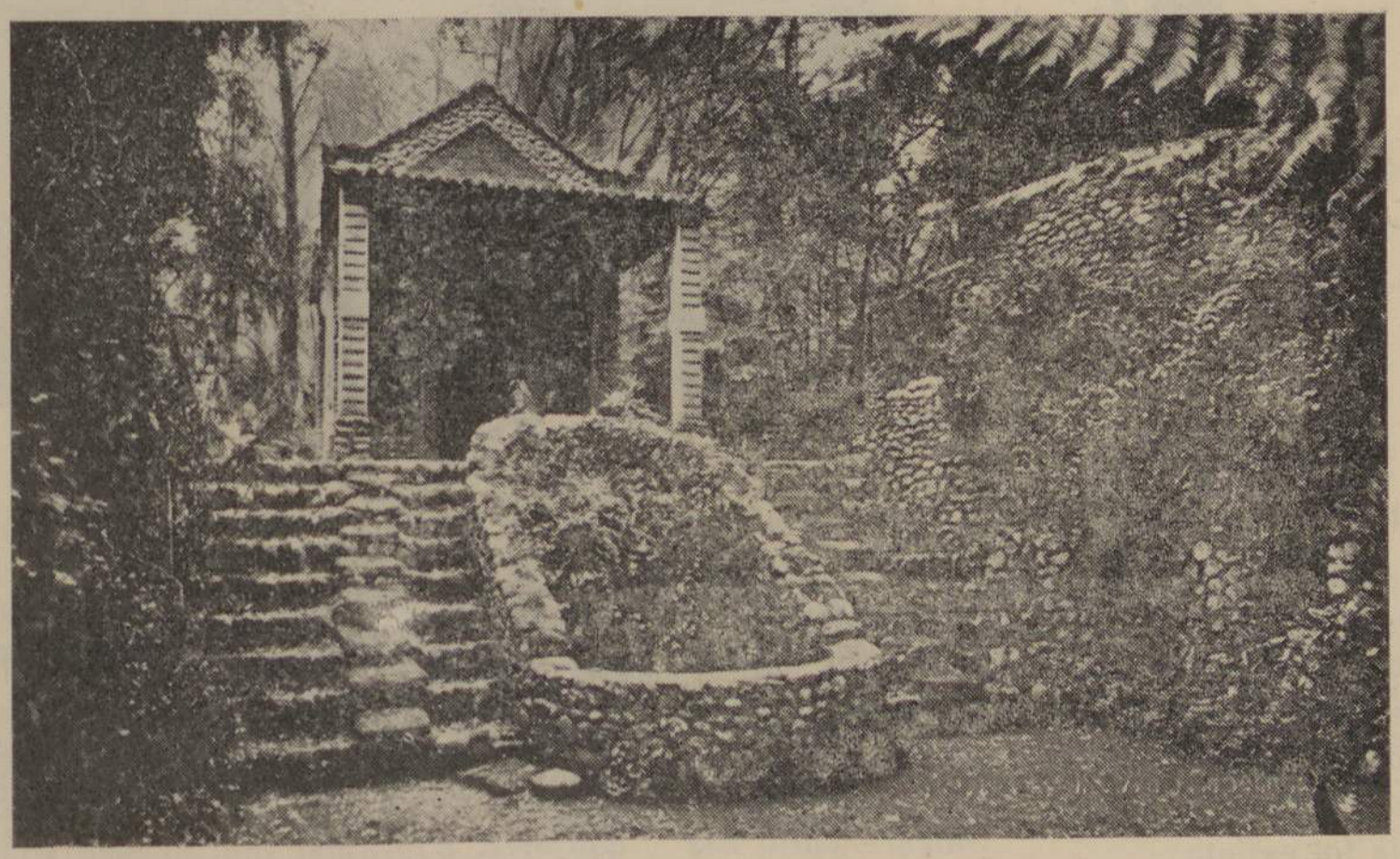
Rua Dr. António Breda — AGUEDA - Portugal

FÁBRICA DE FERRAGENS PARA MÓVEIS E CONSTRUÇÃO

Fundição de metais, Artigos para ciclismo e acessórios para a indústria metalúrgica e cirúrgica

Trabalhos de galvanoplastia em todos os metais

Marcas Registadas — «Jval» e «Agda»



A capelinha de Águeda é um recanto pitoresco

AVEIRO

Breve resumo da sua acção milenária

Pelo Dr. ALBERTO SOUTO

AVEIRO, como cidade, é relativamente moderna, pois essa categoria foi-lhe atribuída pelo Marquês do Pombal em 1759. Neste mesmo ano, tràgicamente assinalado pela bárbara execução de Belém, Pombal criou-lhe a comarca, passando para Aveiro o provedor da vizinha Vila de Esgueira, cuja Provedoria foi extinta.

Em 1775 Pombal dotou-a ainda com um Bispado de que foi primeiro Bispo D. António Freire Gameiro de Sousa.

O Ducado de Aveiro, criado por D. João III em 1547, a favor de D. João de Lencastre, neto de D. João II e filho de seu bastardo D. Jorge, findou no dia em que D. José de Mascarenhas, último Duque, subiu ao cadafalso — (13 de Janeiro de 1759).

Antes de ser elevada a cidade, Aveiro era a «NOBRE E NOTÁVEL VILA DE AVEIRO» de mercê Filipina.

Das suas origens e antiguidade só diremos o que, presentemente, é lícito dizer-se: que o seu primórdio se encontra, com todas as probabilidades, no ALAVARIO referido por um pergaminho do século X e publicado no «Portugaliae Monumenta Histórica», «Diplomata et Chartae», sob o número 76. É o muito conhecido testa-

mento da condessa Mumadona que em 959 deixou vários bens ao Mosteiro de Guimarães de sua fundação, e, entre eles, as *Terras e Salinas* em alauário que, como Alcarubim, ficava in território Colimbrie.

Podemos dizer que esta passagem do testamento de D. Muma é a certidão de idade de Aveiro, vindo ao mundo do nosso conhecimento com o nome próprio ou latinizado de Alavario, há perto de mil anos.

Em documentos do século XI, Alavario aparece transmutado em Alaveiro, e como Sala, Saa ou Sá isto é, o lugar de Sá, hoje bairro da cidade, também com as suas salinas, situava-se na costa marina ou seja à beira da ria e na orla das suas agras.

Do insignificante povoado dos séculos X e XI, certamente misto de cultivadores da terra, pescadores e salineiros, resultou a vila medieval, com o seu concelho, e a cidade pombalina do século XVIII que chegou aos nossos dias.

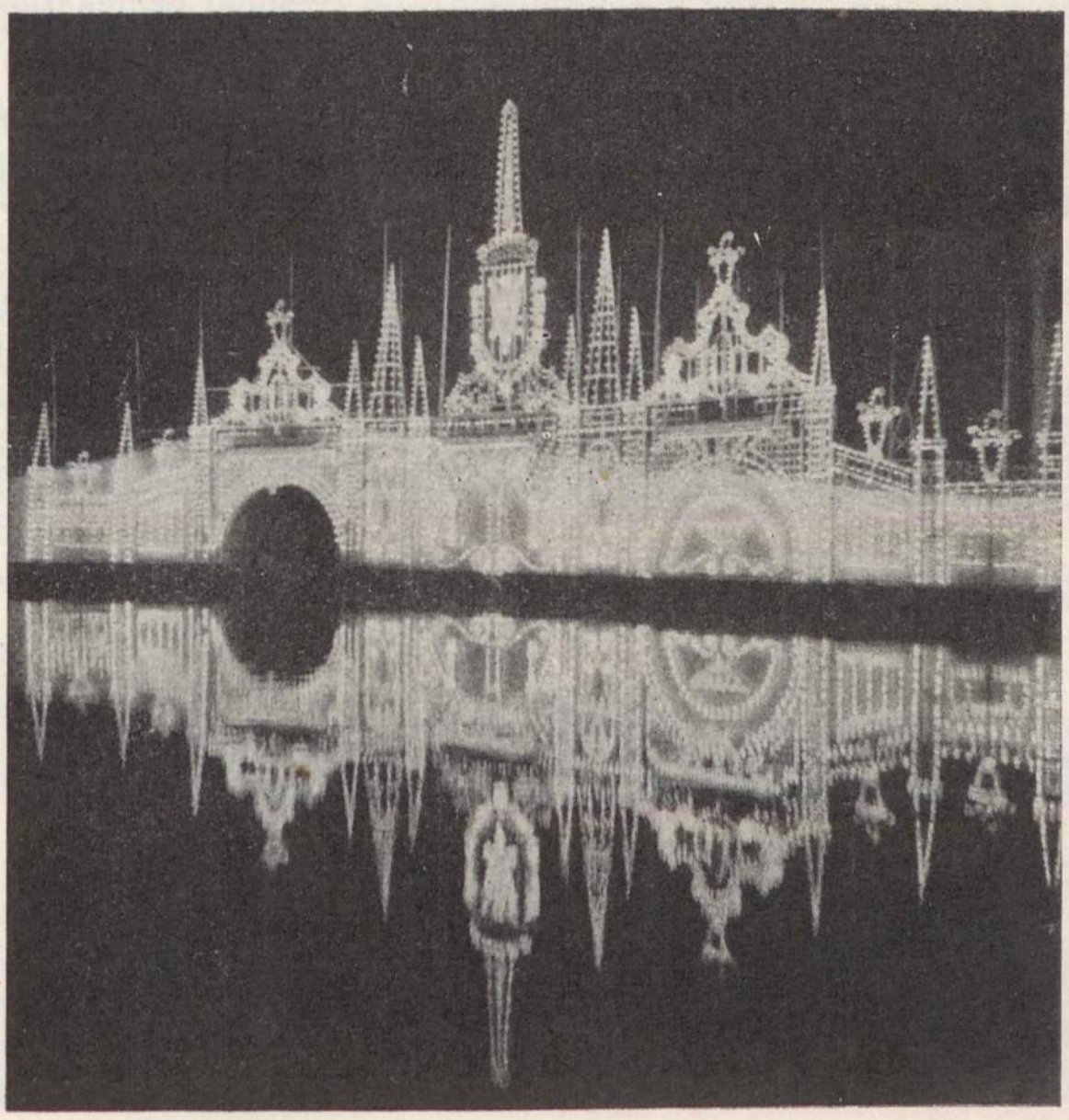
Para lá de 959 não temos notícias fidedignas nem indícios materiais da sua existência, motivo por que devem rejeitar-se todas as histórias que lhe atribuem mais remota origem, como a da sua fundação por um tal Rei Brigo ou as que lhe dão por ascendência a velha TALABRIGA lusa ou um fantástico Aviarium do tempo de Marco Aurélio, cidade esta que nunca existiu.

A sua história remota é muito simples: começa com o testamento de Mumadona e só adquire importância depois de existir Portugal e, sobretudo, depois que a tomada de Lisboa livrou a costa marítima da pirataria mourisca e depois que a salinagem, as pescarias e os transportes por mar se valorizaram com o desenvolvimento da população e os progressos económicos do reino.

O Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, quando seu donatário em 1418, cercou-a de muralhas de que se vêem ainda testemunhos perto do Museu e na antiga rua da Fé.

As muralhas foram apeadas e desfeitas em 1807, e a sua pedra aproveitada para os molhes da Barra, aberta nesse ano, no local onde hoje se encontra, pelos engenheiros Oudinot e Luís Gomes de Carvalho.

Com o incremento das actividades marítimas nacionais nos séculos XIV, XV e XVI, a Vila desenvolveu-se e enriqueceu, enchendo-se de Igrejas e palácios e decorando as suas igrejas com magnifica talha dourada, da mais perfeita e bela do País.



AVEIRO
Iluminação do Painel construído na Ponte da Dobadoura, durante as «Festas da Cidade»
(954)

Mas a sua sorte esteve sempre ligada à da comunicação da Ria com o Mar. Por isso o mau estado da Barra lhe determinou crises gravíssimas que arrastaram a sua miséria e decadência e reduziram a 4.000 habitantes os 11.000 que chegou a ter no auge da sua prosperidade.

Um dia, no século XV (1472), chegou a Aveiro o Rei D. Afonso V, com o principe D. João, acompanhando sua filha D. Joana ao Mosteiro de Jesus, fundado em 1458, por D. Brites Leitão, distinta dama que vivera na corte e, enviuvando, quis, com as suas duas filhas, entrar em clausura.

A Infanta era jovem e bela e podia, pelo casamento, ser uma grande rainha na Europa, pois teve vários pretendentes reais. Seus olhos verdes eram doces e gráceis e seus cabelos louros emolduravam-lhe o rosto formoso e o busto gentil e *mui aposto* de grande senhora. Mas a sua mocidade estava desiludida do Mundo e ansiosa de Deus. A Infanta preferiu recolher-se ao modesto convento de Aveiro onde, em 1475, tomou o hábito de S. Domingos, sem contudo professar, e onde veio a falecer em 12 de Maio de 1490, na idade de 38 anos, deixando grande impressão por sua virtude e humildade. Era uma Santa!

A escolha que D. Joana fez de Aveiro para seu retiro do Mundo e sua sepultura, teve muita importância para a Vila, tanto mais que a excelsa filha do Africano veio a ser beatificada em 1693. É a padroeira religiosa de Aveiro.

Deve reconhecer-se que grande parte da riqueza artística, que a cidade hoje encerra, se deve à presença das cinzas e relíquias de Santa Joana no convento de Jesus.

* * *

Implantando o regimen constitucional, Aveiro é capital de Distrito, e no fim das lutas civis, no meado do século XIX, é em Aveiro a fecunda época de José Estêvão.

Estudante de Direito em 1828, emigrado em Plimouth, soldado na Terceira, José Estêvão foi um dos 7.500 bravos do Mindelo, desembarcou em Pampelido com a expedição de D. Pedro IV e ganhou a Torre-Espada no cerco do Porto, onde se notabilizou por sua bravura.

José Estêvão revelou-se depois um extraordinário orador, dominando a tribuna parlamentar e atingindo a fastígio da eloquência. Foi o príncipe incontestado dos oradores da época constitucional e soube pôr o seu prestigio ao serviço da sua terra, a qual salvou de uma perspectiva fatal de inferioridade, promoveu novas obras da Barra iniciando as ligações pela viação rodoviária, trazendo por aqui o caminho de ferro, obtendo o Liceu e o seu edifício.

José Estêvão morreu em 4 de Novembro de 1862, mas a cidade, fiel e grata á sua memoria, erigiu-lhe uma estátua no seu Largo Municipal.

É o patrono cívico de Aveiro.

* * *

Dando a conhecer pela imagem e pondo em realce perante o público os valores históricos e artisticos de Aveiro, vem na hora própria da altura da cidade e da nossa cultura geral, quando se vai festejar em 1959 o seu milenário, e segundo centenário da sua elevação a cidade.

O que em Aveiro se deve visitar

Na Cidade: - Museu Regional de Aveiro; Igreja de Jesus; Cruzeiro; Igreja de S. Domingos; Igrejas da Misericórdia e das Carmelitas; Capela do Senhor das Barrocas; Pelourinho de Esgueira; Parque Municipal e Jardim de D. Pedro; Monumentos: a José Estêvão; Gustavo Ferreira Pinto Basto; Dr. Lourenço Peixinho e Mortos da Grande Guerra.

Nos arredores: - Ria de Aveiro; Casa-Abrigo S. Jacinto; Praias da Barra da Costa Nova; a Fabrica da Vista Alegre, digna de ser visitada, fica no Concelho de Ilhavo, a 8 quilómetros de Aveiro.

Algumas traineiras acostadas ao cais do porto de pesca, no Canal das Pirâmides

PAPELARIA AVENIDA
DE
Bruno da Rocha & C.ª
Av. Dr. L. Peixinho, 257 TELEFONE 105
AVEIRO
Livraria, artigos escolares, Fotográficos e diversos. Grande sortido em Canetas, Lapiseiras e Tintas.
Agentes distritais:
das almofadas de tinta permanente para carimbos «ISTU»
Agentes locais:
da Kodak, Adox, Gevaert, Ilford e dos Rádios Siera, Luxor, Lorenz e Schaub

ARMAZENS VENEZA
AFONSO MIGUEL DE FIGUEIREDO
IMPORTADOR — ARMAZENISTA
91, Rua Aires Barbosa, 95
TELEFONE 209 AVEIRO
VENEZA
Bicicletas:
Veneza, Rudge, Philips, Raver, etc.
Motorizadas:
Meister-Sachs e Morini-Franco.
Acessórios:
Para Bicicletas e Motorizadas. Pneus ecâmaras de ar «Super VENEZA Reinforced»

Luís Gomes da Costa
Fábrica de Bonés e Chapéus Costa
Avenida Dr. Lourenço Peixinho, n.º 262
TELEFONE, 368
AVEIRO

Marabuto & C.ª, L.da
Armazenistas de:
Cereais, Legumes, Frutos, Mercearias, Adubos e Chicória estufada. Societários e distribuidores exclusivos da Fábrica de Papel Aveirense, L.da
TELEG. «MACAL» TELFS. 402 E 742
Rua João de Moura, 83
AVEIRO

Vassouraria Aveirense
de
Quintino, Silva & Melo
Fábrica — R. Canal S. Roque, 121
Depósito de vendas e Escritório
Rua Cons.º Luís de Magalhães, 41
AVEIRO
Fábrica de Vassouras e Escovas de piassaba, malas, etc.
Diploma de honra em exposições Nacionais.

Testa & Amadores, L.da
ARMAZÉM DE MERCEARIAS POR JUNTO E A RETALHO — AGENTES BANCÁRIOS E DEPOSITÁRIOS DA COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS
TELE { fone 26 / gramas-TESTA
APARTADO, 30
AVEIRO

E. C. VOUGA, Lda.
AVEIRO
TELHAS E TEJOLOS E OS MAIS MODERNOS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO. RÁDIO E T V NORDMENDE
Agentes distritais:
Mercedes — Benz — Morris — DKW — MG — Riley — Wolseley — Ferguson, etc.

ARMAZENISTAS - GROSSISTAS DE SAL
NO SALGADO DE AVEIRO
Salineira Central do Vouga, L.da
Telefone 1011 — Telegramas: SALVOUGA — AVEIRO
CANAL DE S. ROQUE, 101
AVEIRO

Cerâmica Aveirense, L.da

CAIS DE S. ROQUE
TELEFONE 51 — AVEIRO

DEPÓSITO NO PORTO:
Rua do Bonfim, 117 — Telefone: 51740

Stand que na Feira Exposição de Março de 1944 obteve o 1.º prémio

Telha e tijolos de diversos tipos
Telha tipo «PORTUGUÊS»

(Esta telha cobre como a de Marselha, sem o emprego de argamassa, e imita perfeitamente a antiga telha mourisca, ou de canudo).

Tijolos de Barro Vermelho

CERÂMICA ORNAMENTAL
E TODA A ESPÉCIE DE CERÂMICA DE CONSTRUÇÃO

FÁBRICAS

Jerónimo Pereira Campos, Filhos

AVEIRO

DEPÓSITO NO PORTO: Rua Sá da Bandeira, 382
DEPÓSITO EM BRAGA — Rua dos Chãos, 75 a 79
DEPÓSITO EM LISBOA — Largo do Calvário, 3

FUNDADAS EM 1896

Telefones: 1.088-Aveiro * 24.674-Porto * 637.013-Lisboa * 22023-Viana do Castelo
9216-Barrozelas (Alvarães) * 094835-Sabugo * 2446-Braga
Telegramas: CAMPOSFILHOS Aveiro — *Apartado* n.º 4 — Aveiro

SUCURSAIS EM: **Alvarães** (VIANA DO CASTELO) — **Meadela** — **Sabugo** (SINTRA)

Premiada com medalhas de prata e ouro e grandes prémios de honra nas exposições a que tem concorrido

Telhas tipo «MARSELHA», «SUCESSO» e «CAMPOS» // Tijolos vermelhos e refractários // Tubagem de Grés, bacias, urinóis e retretes // Vasilhas para ácidos // Botijas, Loiça sanitária, doméstica e decorativa em pasta vitrificada, branca e de cor / Mosaicos

Companhia Aveirense de Moagens

Moagem de cereais — Descasque de Arroz — Farinhas para gado

Rua do Clube dos Galitos

Telefone 41

Telegramas: MOAGENS

AVEIRO

PREFIRA SEMPRE

Sociedade de Vinhos Scalabis, Lda.

Telef. 179

AVEIRO

A AVEIRENSE

EMPRÉSTIMOS DE DINHEIRO SOBRE PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS.

COLOCAÇÃO DE CAPITAIS, COMPRA E VENDE PROPRIEDADES

AVEIRO: — Av. Dr. L. Peixinho, 239-1.º
Telefs: 369 e 1066
COIMBRA: — R. Corpo de Deus
CANTANHEDE: — R. Dr. António José de Almeida, 63 — Telef. 175

ARQUIVO HISTÓRICO CP

Está resolvida a sua situação!...

Pneus **MAYAL — 38**

Pneus **DÁLIA — 35**

SÃO GARANTIDOS

Tome um bom conselho:

Para bicicletas só estas marcas.
CADA UMA PARA SEU FIM

DISTRIBUIDORES:

IRMÃOS MAIAS, LDA.

Rua Cândido dos Reis, 97-99 — Telef. 1035

— AVEIRO —

João da Costa Belo, Filho

Armazém de Mercearias, Cereais, Legumes e Farinhas

Sede — AVEIRO — Telef. 53 Filial — VAGOS — Telef. 10

R. Almirante Cândido dos Reis, 110-136
R. Luiz Gomes Carvalho, 14-18 **AVEIRO**

PENSÃO AVENIDA

Excelente situação a menos de 50 metros da Estação do Caminho de Ferro

Magnífica disposição de todos os seus aposentos

Esmerado serviço de cozinha e quartos

PREÇOS ESPECIAIS PARA GRUPOS EXCURSIONISTAS

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 259 — Tel. 366

AVEIRO

FÁBRICAS ALELUIA

AVEIRO

TELEFS. 22 - 806 - 807

AZULEJOS — LOUÇAS

LISBOA — Rua Rodrigo da Fonseca, 70-r/c. Esq. — TELEFONE 54872

PORTO — Galeria de Paris, 96-1.º — TELEFONE 27012

António Pereira Ramos

Industrial e Exportador de Produtos Resinosos

Escritório: AVEIRO Telef. 151

Fábrica: EIROL — EIXO Telef. 113

LACTICÍNIOS DE AVEIRO, Limitada

PRODUTOS **VOUGA SUL**

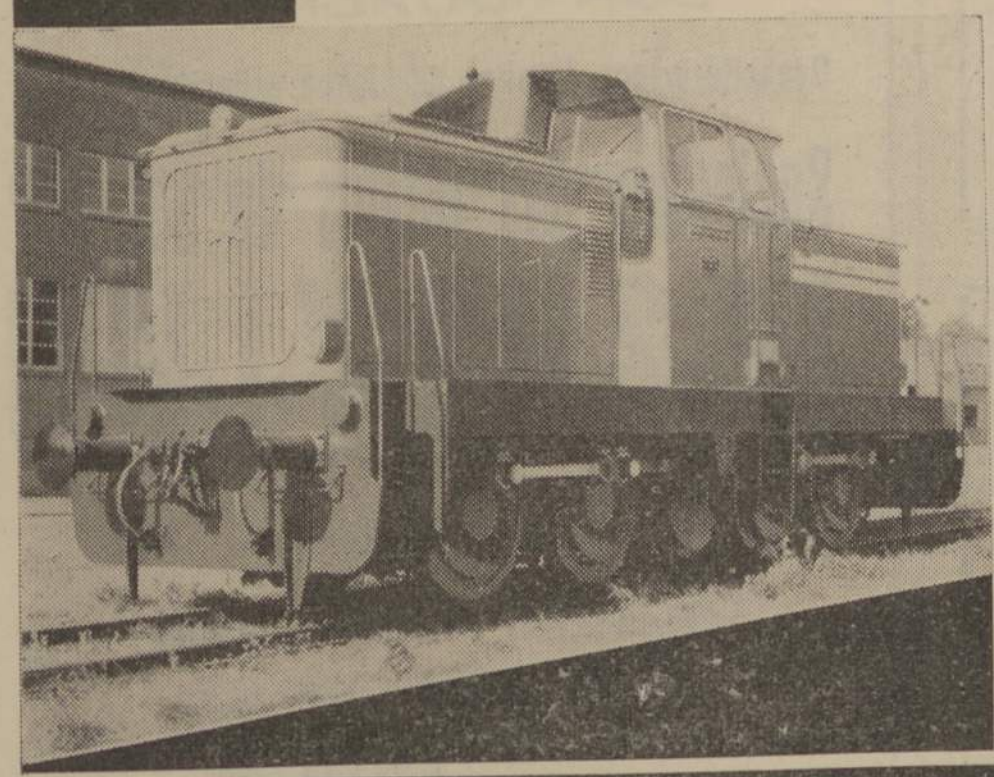
TELEFONE 244

AVEIRO

HENSCHEL

LOCOMOTIVAS DIESEL-HIDRAULICAS

Fabrico de **HENSCHEL-WERKE** nas potências compreendidas entre **180 e 2 200 HP.**



Em todas as combinações de rodados e eixos-motores, desde os mais simples de 2 eixos-motores, até às mais potentes máquinas com 2 bogies de 2 eixos ou de 3 eixos cada (B-B ou C-C).

Além destes tipos «standard» **HENSCHEL-WERKE** executa todos os modelos até **3.600 HP,** conforme as condições da linha e serviço a que se destinem.

REPRESENTANTE: CARLOS EMPIS - RUA DE S. JULIÃO, 23 - LISBOA

HENSCHEL - WERKE GMBH KASSEL

Centrais eléctricas e Subestações, Protecções para redes eléctricas, Tracção eléctrica, Válvulas electrónicas — Emissores. Em armazém no Porto: motores eléctricos, disjuntores, aparelhos de soldadura eléctrica, pára-raios, Válvulas electrónicas, etc., etc.

Auto-transformadores de 220/150 kv. destinados à subestação de PEREIROS da C. N. E. depois do desembarque no Porto de Lisboa

SOC. DE ELECT. BROWN BOVERI, LTDA.

Rua de Sá da Bandeira, 481, 2.º

Telef. 2 3411 **PORTO**

BANCO BORGES & IRMÃO

S. A. R. L.

PORTO LISBOA

Instituição fundada em 1884
Capital e Reservas — Esc. 126.500.000$00

Dependências no Porto — Bonjardim (Casa Antiga)-Sá da Bandeira Infante D. Henrique — Costa Cabral — Campanhã — Carvalhido — Foz do Douro — Boavista

Dependências em Lisboa — Praça dos Estados Unidos da América, Avenida Fontes Pereira de Melo e Rua Pascoal de Melo

AGÊNCIAS — Braga, Setúbal, Ovar, Matosinhos, Amarante, Lourosa e Gondomar — POSTO em Vilar Formoso

Crrrespondente no Rio de Janeiro — *Banco Borges*

Todas as Operações Bancárias

SOC. MERCEARIAS DO VOUGA, Lda.

Rua Comandante Rocha e Cunha, 136

ARMAZENISTAS: Mercearias, Cereais, Legumes, Cafés

Tele { fone 729 / gramas «SOMEGAL»

AVEIRO

SOUSA & TORRES, LIMITADA

SAL REFINADO RECRISTALIZADO PARA USOS INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS

Cais de S. Roque Telef. 778

AVEIRO

«FIAMBRE ISIDORO»

O preferido pelos bons apreciadores

Preparado por

Isidoro M. de Oliveira & C.ª (Irmãos)

Fábrica em Montijo

SEDE EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 136

Telef. 21906-27064-27075

PORTUGAL

OS VINHOS

MESSIAS

IMPÕEM-SE PELA SUA QUALIDADE

Depositário nos distritos de Lisboa e Setúbal

Sociedade dos Vinhos do Sul, L.da

ARMAZÉM

AZAMBUJA

Telefone: 50

ESCRITÓRIO

Rua Luís Pinto Moitinho (aos Anjos) n.º 5-B

Telefs. { **843391 / 92** / **842070**

LISBOA

OURO — PRATAS ARTÍSTICAS — RELÓGIOS

BAETA

JOALHEIROS

65, Rua Aurea, 67 — LISBOA

PORTUGAL

TELEFONE 2 6329 Teleg. BAETAS

FILIGRANAS — JÓIAS — PEDRAS PRECIOSAS

ELVAS

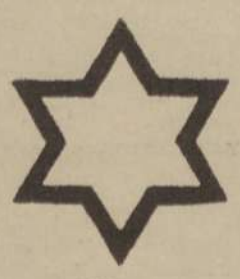
TEM, FINALMENTE, O

HOTEL ALENTEJO

O MAIS MODERNO DO PAÍS, NO MELHOR LOCAL DA CIDADE

MAGNÍFICOS QUARTOS, ADMIRÁVEL CONFORTO E UMA AMPLA SALA DE JANTAR COM COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

HOTEL ALENTEJO—ELVAS

A Ç O S  BOEHLER

AÇOS FINOS

Para todos os fins

STOCK PERMANENTE

UNIVERSAL

LISBOA

85 — Rua de S. Paulo — 87

Telefones 25072 e 366214

PORTO

31 — Rua de Ceuta — 33

Telefones 25045-46

A MAIS ANTIGA COMPANHIA DE SEGUROS PORTUGUESA

150 ANOS

de actividade seguradora

Rua Aurea, 100 - LISBOA

Caminho de Ferro de Benguela

1348 Km. através de Angola

Ligações rápidas e cómodas para passageiros e carga, servindo as regiões de

BENGUELA, HUAMBO
BIÉ, MOXICO E LUNDA
CONGO BELGA E RODÉSIAS
MOÇAMBIQUE
UNIÃO SUL-AFRICANA

No Lobito: HOTEL TÉRMINUS (1.ª classe)

OS
BONS ANÚNCIOS
conhecem-se

NOS ELÉCTRICOS E AUTOCARROS

todos os anúncios são óptimos

Custam pouco

e toda a gente os lê

Peça informações e tabela de preços à
SECÇÃO DE PUBLICIDADE DA COMPANHIA CARRIS
Calçada da Bica Pequena, 4 — Lisboa
Telefone: 35035

COMPANHIA EUROPÊA DE SEGUROS

Capital: 7 MILHÕES DE ESCUDOS

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

SERVIÇO COMBINADO COM OS CAMINHOS DE FERRO
PARA O SEGURO DE MERCADORIAS E BAGAGENS

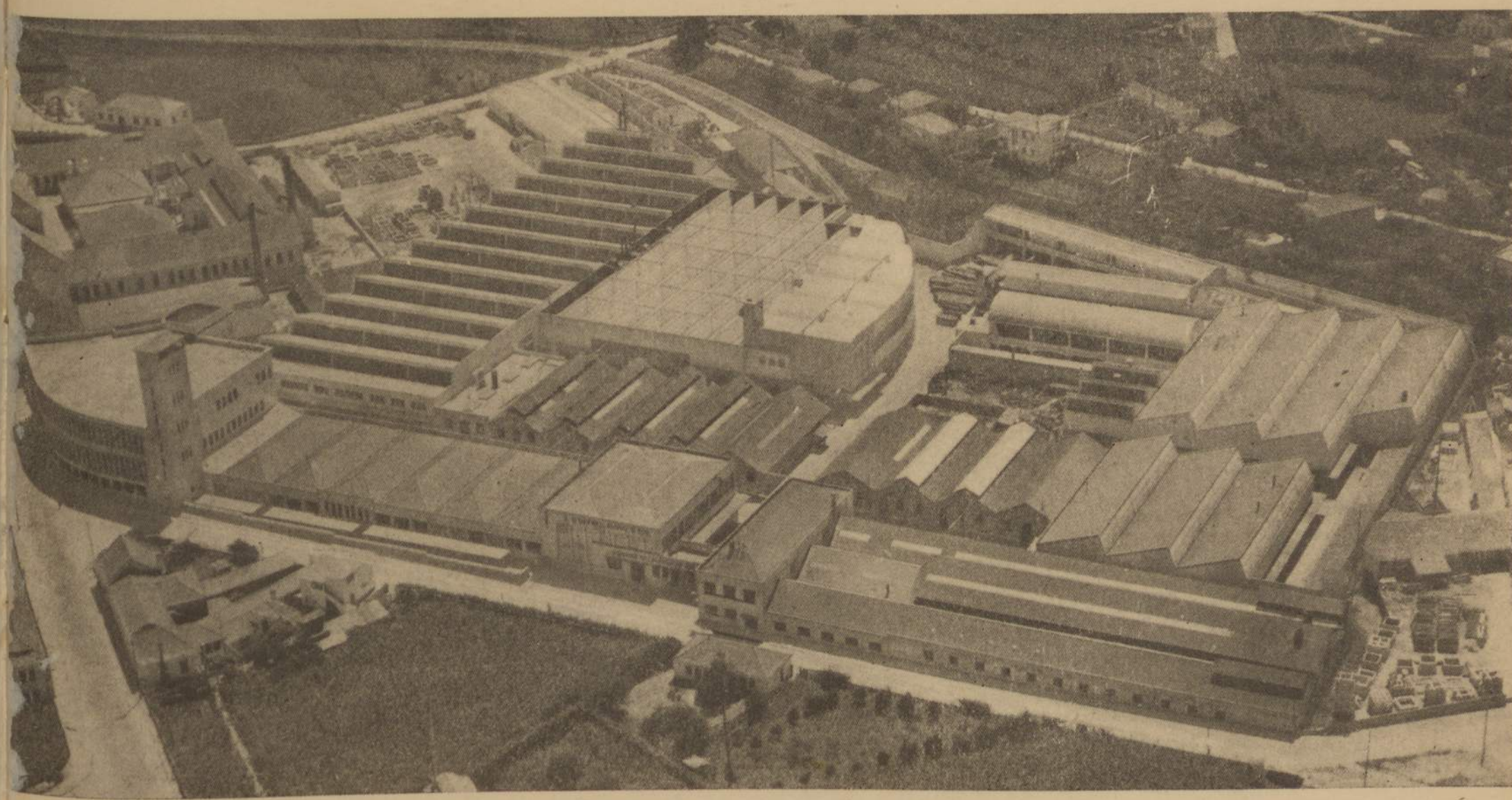
End. Teleg. EUROPÊA
TELEFONE: 20911

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS
SEDE: **RUA DO CRUCIFIXO, 40-LISBOA**

Precisa

A MÁQUINA DE SOMAR
COM TECLA DE MEMÓRIA

DURALMAQUE,
Máquinas de Escritório, Lda.
Rua Conde de Redondo, 20, 1.º
Telefs. 54417-51941-50795-50798



Vista aérea das fábricas «Oliva»

MÁQUINAS DE COSTURA * RADIADORES E CALDEIRAS PARA AQUECIMENTO CENTRAL * CALORÍFEROS * FOGÕES DE COZINHA * BANHEIRAS E OUTRO MATERIAL SANITÁRIO DE FERRO ESMALTADO * MARMITAS E EQUIPAMENTO COMPLEMENTAR PARA GRANDES COZINHAS * BOMBAS CENTRÍFUGAS E MANUAIS * ACESSÓRIOS PARA INSTALAÇÕES DE ÁGUA QUENTE E VAPOR * TUBOS PARA CANALIZAÇÕES E OUTROS USOS

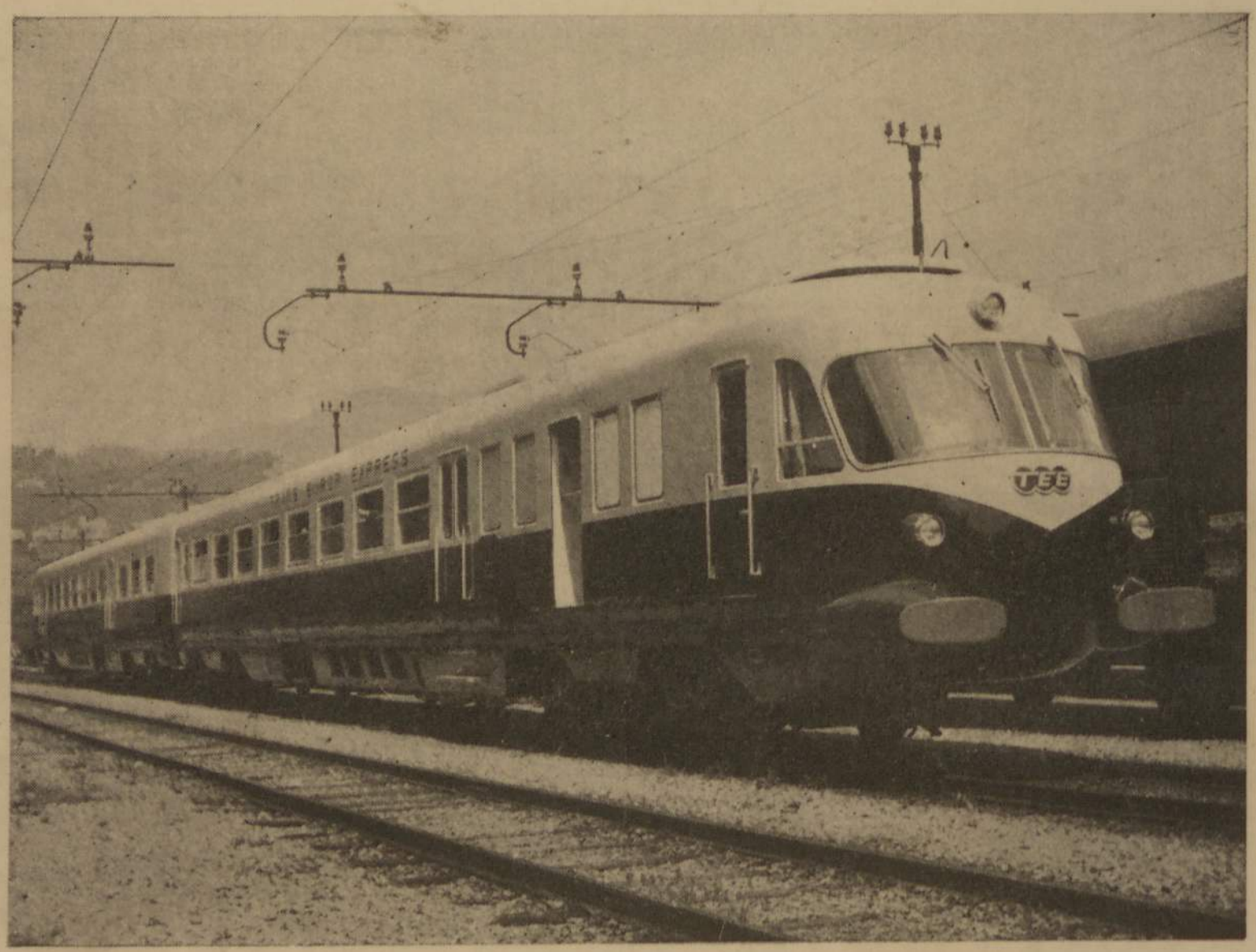
INDÚSTRIAS A. J. OLIVEIRA, FILHOS & C.ª, L.DA

OFICINAS METALÚRGICAS «OLIVA»

S. JOÃO DA MADEIRA—PORTUGAL

TRANS EUROP EXPRESS

CONJUNTO DE DUAS
AUTOMOTORAS DIESEL
Grupo ALn 448 + ALn 442



Representante exclusivo:
UNIVERSAL
SOCIEDADE DE AÇOS, MÁQUINAS
E FERRAMENTAS, L.DA
PORTO — LISBOA

BREDA FERROVIARIA S. p. A.
FABBRICA AUTOMOBILI ISOTTA
FRASCHINI E MOTORI BREDA
S. p. A.
BREDA ELETTROMECCANICA
E LOCOMOTIVE S. p. A. MILANO

Gazeta
+ Para
aqui
mudar
cera
hora o
título